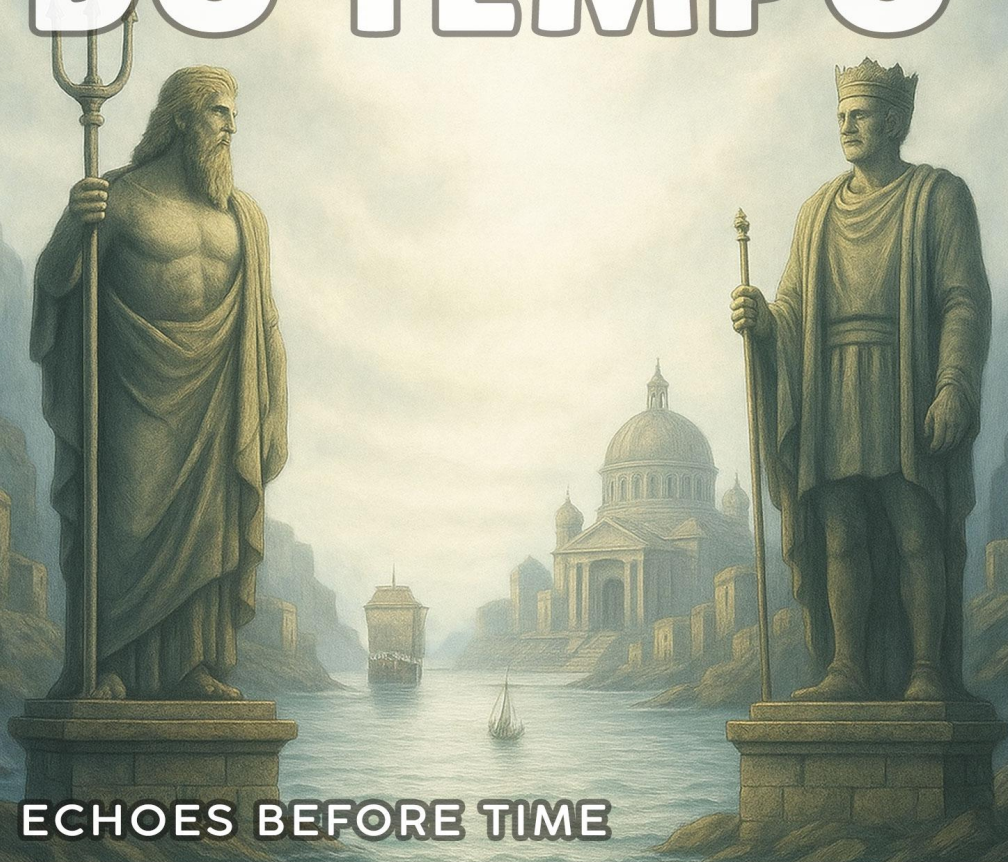


Henry Lowell - based on a conversation with
Professor of Archaeology **Solomon**

ECOS DE ANTES DO TEMPO



ECHOES BEFORE TIME

OS CICLOS PERDIDOS DA CIVILIZAÇÃO E UMA
MENSAGEM PARA O NOSSO TEMPO

ECOS DE ANTES DO TEMPO

(ECHOES BEFORE TIME)

*Os Ciclos Perdidos da Civilização e
uma Mensagem para o Nosso Tempo*

Autor:

Redigido pelo jornalista **Henry Lowell**, com base nos relatos de um renomado arqueólogo de uma prestigiada universidade dos Estados Unidos.

Copyright © 2025 THE LIVES MEDIA. All rights reserved. No reproduction allowed.

NOTA DA EQUIPE EDITORIAL

Este livro foi escrito com base em histórias, eventos e contextos reais. No entanto, para preservar a privacidade e evitar impactos indesejados sobre certas pessoas, os nomes dos personagens, bem como alguns detalhes identificáveis, foram modificados, simplificados ou reestruturados com um tom literário.

Alguns trechos do livro são apresentados a partir da perspectiva pessoal dos envolvidos, refletindo suas experiências e percepções naquele momento específico. Esses pontos de vista não representam necessariamente a posição oficial de **THE LIVES MEDIA**.

No aspecto da escrita, embora a Equipe Editorial tenha feito os ajustes necessários, buscamos preservar ao máximo a autenticidade e o estilo original dos personagens, respeitando sua voz e vivacidade.

Equipe Editorial



INTRODUÇÃO

Na minha trajetória como jornalista especializado em história e civilizações antigas, acostumei-me a caminhar entre os fragmentos do passado. Já estive diante de muralhas em ruínas, segui inscrições arcaicas, e ouvi debates acalorados sobre teorias acadêmicas. Mas tudo isso, de certa forma, sempre permaneceu dentro de um quadro seguro: a cronologia amplamente aceita da história humana, com cerca de cinco a sete mil anos.

Foi um encontro fortuito com o Professor **Solomon** durante um voo transatlântico que transformou completamente minha visão sobre as origens da humanidade. Nossa conversa não começou com grandes perguntas, mas com uma afinidade silenciosa diante das "anomalias" históricas que ambos percebíamos — estruturas grandiosas que pareciam surgir do nada, artefatos que desafiavam qualquer datação, e mitos antigos sobre ciclos civilizatórios que retornavam continuamente à memória coletiva da humanidade.

O Professor Solomon não é um arqueólogo comum. Além de décadas de pesquisa de campo e vasto conhecimento, ele carrega uma perspectiva singular — fruto de sua jornada pessoal de cultivo espiritual ao

longo dos anos. Essa combinação inusitada o capacitou a fazer perguntas que a ciência convencional evita, e a procurar respostas onde muitos nem ousam olhar.

Este livro é o resultado de três diálogos profundos entre nós dois. Não temos a pretensão de oferecer uma “verdade final” nem de impor uma nova cosmovisão. Nosso objetivo é mais modesto — mas talvez mais urgente: apresentar evidências, análises racionais e também “saberes percebidos” advindos de experiências espirituais, para que, junto com os leitores, possamos reconsiderar algumas das questões mais fundamentais: Será que a história da humanidade é realmente uma linha reta de evolução? Nossa civilização atual é o ápice único da existência? E o que essas “ecos” de um passado muito mais distante do que imaginamos estão tentando nos dizer?

Juntos, revisitaremos enigmas clássicos — das Pirâmides de Gizé à Atlântida, dos crânios de cristal às memórias globais de um Grande Dilúvio. Analisaremos marcas em grande escala espalhadas pelo planeta, como o Olho do Saara e os vastos desertos, sob uma ótica completamente nova. E, ao longo dessa jornada, você também conhecerá **Laura**, filha do Professor — uma jovem com percepção extraordinária, cujas “visões” tornaram-se uma fonte singular de referência, um eco vívido de eras já esquecidas.

Este não é um livro feito para convencer, mas para despertar. É destinado àqueles que não têm medo de questionar, que sentem que a história ensinada nas escolas ainda carece de peças fundamentais — e que acreditam que a verdade sobre o passado pode guardar as chaves do nosso futuro.

Convido você a caminhar comigo nessa jornada, para escutar os ecos... de antes do tempo.

Henry Lowell

PRIMEIRO DIA

Henry Lowell:

Bom dia, Professor Solomon!

Como havíamos combinado naquele voo de Paris para Nova York, hoje vim para ouvir o senhor compartilhar em mais detalhes sua visão sobre as civilizações do passado — sob a perspectiva arqueológica, científica e também espiritual...

Professor Solomon:

(Sorri com gentileza, acena com a cabeça de forma serena.

O escritório está repleto de livros, pequenos artefatos e mapas antigos, criando uma atmosfera ao mesmo tempo erudita e levemente misteriosa)

Bom dia, Henry. É um prazer recebê-lo aqui. Aquele voo foi, de fato, um encontro providencial, não foi? Fiquei impressionado com sua paixão e seu conhecimento profundo sobre os temas que discutimos.

Sinta-se à vontade. Estou muito disposto a compartilhar o que venho acumulando e refletindo ao longo de todos esses anos. Como você sabe, meu caminho na arqueologia, às vezes, me leva a conclusões que não coincidem exatamente com o que os livros tradicionais costumam apresentar. Mas acredito que a história e o passado da humanidade contêm camadas muito mais profundas do que imaginamos.

(Ele faz uma pausa breve, olhando pela janela como se estivesse reunindo os pensamentos)

Durante essa jornada, como talvez eu tenha mencionado de passagem, por vezes conto com uma fonte de referência bastante especial: minha filha, Laura. Ela possui uma capacidade de percepção — ou de "ver" além dos sentidos comuns — que os antigos chamariam de "olho celestial". Naturalmente, não se trata de uma habilidade absoluta ou sempre clara. Às vezes, o que ela capta é bem detalhado; em outras, é vago, mais como

uma sugestão. E eu sempre tomo o cuidado de confrontar essas impressões com evidências arqueológicas, registros históricos e explicações baseadas em princípios universais.

Revelo isso desde o início para que você compreenda melhor meu método de abordagem — um caminho onde a ciência e a percepção intuitiva, por vezes, podem se complementar, revelando aspectos que uma abordagem única dificilmente alcançaria.

E então, Henry, por onde deseja começar hoje? Pode fazer qualquer pergunta que lhe pareça mais relevante.

Henry Lowell:

Sim, também soube que o senhor não é apenas um arqueólogo, mas alguém que pratica o cultivo espiritual segundo os princípios do Budismo... Isso certamente lhe proporciona uma visão mais ampla ao investigar a arqueologia e a história...

Professor Solomon:

(Assente suavemente, com um olhar meditativo mas acolhedor)

Sim, Henry, você está absolutamente certo. Ter tido a oportunidade de conhecer e trilhar o caminho de

aperfeiçoamento interior — aquilo que você chama de Budismo, ou em termos mais amplos, um caminho de cultivo espiritual baseado em princípios antigos de elevação do ser — de fato me ofereceu uma nova perspectiva, um nível mais profundo para compreender a história e a arqueologia.

Veja, a arqueologia tradicional se concentra na escavação, classificação de artefatos, na determinação de datas com base em métodos científicos disponíveis. São tarefas fundamentais, é claro. No entanto, quando nos limitamos apenas a isso, muitas vezes deixamos escapar as mensagens, os significados mais profundos que os antigos monumentos e civilizações podem conter.

(Ele pega cuidadosamente um livro antigo sobre a mesa e folheia algumas páginas com reverência)

O cultivo espiritual me fez entender que a história não é apenas uma sequência de eventos aleatórios, nem um processo de "evolução" linear. Pode operar segundo leis maiores, ciclos que civilizações antigas já mencionavam. Isso me permite enxergar o auge e a decadência das civilizações não apenas sob o prisma material, mas também sob uma ótica moral e espiritual.

Diante de um sítio arqueológico, não vejo apenas pedras ou fragmentos de cerâmica — tento captar a "alma" daquele lugar, seus altos e baixos, as histórias que deseja

contar. O cultivo ajuda minha mente a permanecer em silêncio, o que talvez me permita perceber melhor certas "informações sutis", vestígios que ficaram gravados no tempo e no espaço.

Contudo, sou sempre cuidadoso para que essas percepções subjetivas não sobreponham as evidências científicas. São aspectos complementares, que se iluminam mutuamente. Os entendimentos oriundos do cultivo espiritual me ajudam a formular novas perguntas, a reinterpretar evidências arqueológicas sob uma ótica mais abrangente — e, às vezes, oferecem explicações para aquilo que a ciência convencional ainda não consegue decifrar.

Por exemplo, quando falamos de estruturas colossais como a Pirâmide de Gizé, se nos basearmos apenas no nível tecnológico atribuído aos antigos egípcios, encontraremos muitos enigmas sem resposta. Mas se abrirmos o olhar para a possibilidade de civilizações anteriores, com desenvolvimento mais avançado, ou até a existência de intervenções e orientações de fontes que ainda não compreendemos plenamente — então as peças começam a fazer mais sentido.

E como já mencionei, as “percepções” de Laura — embora exijam verificação e não constituam provas absolutas — às vezes são peças curiosas nesse grande quebra-cabeça. Ela desenvolveu essa habilidade ainda

muito jovem, por volta dos 10 anos, mas foi aos 12, durante nossa visita ao Egito, na região da Pirâmide de Gizé, que ela teve uma “revelação” muito intensa. As descrições que fez sobre a construção da pirâmide foram extremamente vívidas e detalhadas — me deram muito o que pensar. Naturalmente, em outros lugares, suas percepções não são tão nítidas; às vezes, são apenas emoções ou imagens passageiras.

Sempre recordo a ela — e a mim mesmo — que aquilo que se “vê” também pode ser limitado pelo nível de consciência de cada pessoa, ou que certos segredos só são revelados parcialmente, no tempo certo. Isso faz parte do princípio de que “os segredos celestiais não podem ser revelados arbitrariamente”, algo bem compreendido entre aqueles que possuem alguma sensibilidade espiritual.

Henry, esse é um tema vasto. Você gostaria que eu compartilhasse algo mais específico?

Henry Lowell:

Sim, como comentei com o senhor naquele voo, eu também gosto muito de estudar os textos sagrados de diversas religiões... E para que alguém possa realmente ver a partir da ótica espiritual, essa pessoa precisa não apenas reconhecer a existência do Divino, mas também

admitir que os seres humanos podem possuir certas capacidades além da explicação da ciência empírica — como, por exemplo, o caso de sua filha, Laura...

Mas para que os leitores da THE LIVES MEDIA possam se aproximar aos poucos do tema, talvez seja melhor começarmos pelo ponto de vista arqueológico e científico...

Para começar, já que o senhor mencionou as Pirâmides do Egito, qual seria sua explicação para a origem delas?

Professor Solomon:

(Ouve atentamente, acena com a cabeça em concordância)

Henry, você tocou num ponto crucial. Sim, para realmente compreendermos as camadas mais profundas da história, às vezes é necessário um certo grau de abertura a conceitos como o Divino ou capacidades além da ciência convencional. Mas concordo plenamente com você: para que o público em geral possa acompanhar, é sensato começar pelas bases mais familiares — a arqueologia e as análises científicas.

Em relação à Grande Pirâmide de Gizé, ela é realmente uma construção que desafia constantemente nosso entendimento. A teoria mais difundida — de que se trata de um túmulo construído para faraós da Quarta Dinastia em cerca de 20 anos, com mão de obra humana e

ferramentas rudimentares — enfrenta muitas contradições quando analisamos os detalhes.

(Levanta-se, caminha até uma estante e pega uma pasta antiga repleta de imagens e diagramas da pirâmide)

Primeiro, a datação. A cronologia oficial diz que ela foi construída entre 2589 e 2566 a.C. No entanto, há indícios astronômicos bastante intrigantes. Por exemplo, o alinhamento quase perfeito das três grandes pirâmides de Gizé com as três estrelas do Cinturão de Órion. Esse alinhamento atinge sua precisão máxima por volta de 10.500 a.C. — um número que incomoda a arqueologia tradicional por empurrar a data de construção muito além do que é considerado aceitável.

Segundo, a técnica de construção. Estamos falando de milhões de blocos de pedra, cada um pesando de 2,5 até mais de 80 toneladas, cortados com precisão milimétrica e encaixados com uma perfeição impressionante. Com as ferramentas supostamente disponíveis aos egípcios da época — principalmente cobre e pedra — como poderiam extrair, transportar e posicionar esses blocos a alturas tão elevadas? As representações de milhares de escravos puxando pedras são apenas hipóteses, e não há evidência arqueológica concreta de uma força de trabalho dessa magnitude operando em Gizé por tanto tempo.

Terceiro, o conhecimento matemático e astronômico incorporado na Grande Pirâmide.

Se multiplicarmos o perímetro da base da pirâmide por 43.200, obtemos quase exatamente a circunferência da Terra no equador. Se multiplicarmos a altura da pirâmide por 43.200, temos o raio polar da Terra. Esse número — 43.200 — não é aleatório. Ele está diretamente relacionado ao fenômeno da precessão da Terra. Como uma civilização primitiva poderia conhecer tais proporções com tamanha exatidão?

Constantes como π (Pi) e a proporção áurea (Phi) também aparecem nos cálculos da pirâmide com uma precisão surpreendente.

(Ele faz uma pausa, olha para Henry, e fala num tom mais grave)

Então, se não foram os egípcios da época dos faraós os responsáveis — ou pelo menos não os protagonistas —, quem foi? Essa é a pergunta que nos leva a considerar a existência de ciclos civilizatórios anteriores.

E é aí que os “vislumbres” de Laura, mesmo que sejam apenas uma referência, se tornam fascinantes. Quando estivemos em Gizé — como já mencionei — ela tinha cerca de 12 anos. Ela descreveu ter “visto” os construtores como seres de estatura muito superior à nossa, com mais de cinco metros de altura. Externamente, pareciam usar

apenas a força física para mover os blocos, mas por trás disso havia uma força espiritual que os fortalecia. Laura também falou sobre o uso de algum tipo de energia — talvez som, ou uma tecnologia que desconhecemos — para tornar as pedras mais leves ou mais fáceis de transportar. Ela viu instrumentos que emitiam luz, permitindo trabalhar dia e noite, e todo o ambiente do canteiro de obras era envolto por uma atmosfera sagrada, solene — muito diferente da ideia de trabalho escravo.

Claro, são relatos de uma criança. Mas a consistência e o nível de detalhes do que ela descreveu, somados às evidências físicas que analisamos, me fazem refletir. Isso sugere que a Grande Pirâmide de Gizé pode ser herança de uma civilização muito mais avançada, que existiu muito antes dos faraós. Os egípcios posteriores talvez apenas herdaram, reutilizaram ou tentaram imitar essas estruturas grandiosas.

Então, Henry, diante dessas análises, não acha que está mais do que na hora de reconsiderarmos seriamente a visão histórica tradicional sobre as Pirâmides?

Henry Lowell:

Essas estruturas antigas certamente são muito mais complexas do que aparentam... Quanto ao número que o senhor mencionou — 43.200 — me lembro vagamente de

ter lido que $12 \text{ horas} \times 60 \text{ minutos} \times 60 \text{ segundos}$ também resulta em 43.200 segundos. Será que isso é só coincidência?

E quanto à localização da pirâmide — ela tem alguma relação especial com linhas de latitude ou longitude?

E, sob a ótica espiritual: se os vislumbres de sua filha forem de fato imagens autênticas, o que exatamente eles nos revelam?

Professor Solomon:

(Assente com entusiasmo, os olhos brilhando com o interesse despertado pelas perguntas de Henry)

Henry, você levantou questões excelentes — elas tocam em camadas muito mais profundas dos mistérios das pirâmides.

Sobre o número 43.200 e sua correspondência com os segundos de 12 horas — essa é uma observação muito perspicaz. Coincidência? Quando estamos diante de obras com tamanha sabedoria embutida como a Grande Pirâmide, eu tendo a desconfiar de "acaso", especialmente quando certos números se repetem e têm significado em diferentes sistemas. Esse número está diretamente ligado ao ciclo de precessão da Terra (aproximadamente 25.920 anos; 43.200 é $1/600$ disso, ou 2×21.600 — sendo 21.600 o tempo em que a Terra leva para

atravessar uma casa zodiacal). O fato de ele coincidir com o número de segundos de meia jornada diária pode representar uma sincronização intencional, talvez um código dos construtores antigos para encapsular conhecimento cósmico em medidas cotidianas.

Agora, sobre a localização geográfica da Pirâmide de Gizé — isso é extraordinário.

Como talvez você saiba, o complexo de Gizé está situado quase exatamente no centro geográfico das massas continentais da Terra. Se desenharmos meridianos e paralelos que dividem os continentes igualmente, o ponto de interseção se aproxima de Gizé. Isso não pode ser casual. Exigiria um conhecimento completo da geografia global — algo que, segundo a história oficial, os egípcios antigos não possuíam.

E há mais: a latitude da Grande Pirâmide é 29.9792458° N — número que corresponde quase exatamente à velocidade da luz no vácuo: 299.792.458 m/s. Muitos dirão que “metro” e “segundo” são invenções modernas — o que é verdade. Mas essa coincidência, junto com todos os outros dados matemáticos e astronômicos, continua nos desafiando. Será que existiam sistemas de medição antigos ainda não descobertos? Ou... será que tudo isso é parte de uma mensagem cifrada, esperando que uma civilização futura (a nossa?) tenha conhecimento suficiente para decifrá-la?

Quanto à orientação precisa da pirâmide: o desvio em relação aos quatro pontos cardeais é de apenas 0,05 grau — algo extremamente difícil de conseguir mesmo com nossa tecnologia moderna. Isso mostra que os construtores tinham não só um profundo conhecimento astronômico, mas também instrumentos de medição extremamente sofisticados. Como identificaram o verdadeiro Norte com tanta precisão sem bússolas avançadas ou telescópios?

(Ele faz uma pausa, o olhar distante, como se revivesse as cenas descritas por Laura)

Agora, se olharmos pela lente espiritual, e se aceitarmos que o que Laura “viu” é verdadeiro — o que exatamente isso nos diz?

Primeiro, uma civilização altamente avançada: seres de grande estatura, usando energia (sonora, luminosa ou outra) para manipular pedras, indicam uma sociedade com tecnologia e capacidades espirituais muito além do que imaginamos. Não eram escravos sofridos, mas engenheiros, artesãos, sábios — dotados de conhecimento e força extraordinária.

Segundo, um propósito sagrado: o ambiente reverente que Laura percebeu sugere que a pirâmide não era apenas uma construção técnica, mas também um espaço espiritual. Talvez fosse um observatório, um centro

energético, um altar de rituais, ou até um "marco atemporal" com mensagens codificadas.

Terceiro, uma possível intervenção ou orientação superior: se esses construtores detinham tais habilidades, seriam humanos como nós? Ou uma raça diferente? Ou talvez humanos auxiliados por "Seres Superiores"? As ferramentas que emitiam luz, as pedras que se tornavam leves — tudo isso aponta para tecnologias ou poderes que classificamos hoje como "sobrenaturais" ou até "extraterrestres".

Essas percepções, somadas às evidências científicas, reforçam a hipótese de que a Grande Pirâmide não pertence exclusivamente à civilização egípcia antiga. Ela pode ser o legado de uma era muito mais antiga e grandiosa — um eco de um passado longínquo, pertencente a um ciclo civilizatório esquecido. É como uma mensagem lacrada, esperando que tenhamos sabedoria e abertura suficientes para desvendá-la.

E então, Henry... o que você pensa dessas conexões? Parecem distantes demais... ou estão começando a revelar um quadro histórico muito mais vasto e magnífico?

Henry Lowell:

Sim, com todas essas evidências que o senhor mencionou, torna-se praticamente certo que os egípcios antigos não possuíam o nível de tecnologia, nem o conhecimento necessário em geografia, espaço, tempo, astronomia ou matemática avançada para construir algo assim...

E percebi que o número 43.200, que equivale ao número de segundos em 12 horas, corresponde também ao modo como os chineses antigos dividiam o dia em 12 "horas celestiais"...

Será que existe algum fio invisível conectando diferentes épocas e civilizações distantes?

Professor Solomon:

(Sorri, assentindo lentamente)

Uma observação extremamente perspicaz, Henry! Você tocou em um ponto que eu mesmo reflito com frequência. A semelhança entre o número 43.200 — oculto nas proporções entre a Grande Pirâmide e a Terra — e o sistema chinês antigo, que dividia o dia em 12 períodos duplos (as "horas celestiais", com 2 horas cada, totalizando 24 horas modernas), é realmente notável.

Se aprofundarmos ainda mais, vemos que no sistema do **Zodíaco chinês**, um grande ciclo chamado "*Yuan*" equivale a 129.600 anos — ou seja, 3×43.200 . E nos

antigos textos indianos, um *Maha Yuga* (Grande Ciclo) dura 4.320.000 anos, dividido em quatro eras menores — e o número 432 está no coração dessa estrutura.

(Ele faz uma pausa, olhando para Henry com um ar reflexivo)

Então... existe esse fio invisível conectando sistemas de conhecimento além do espaço e do tempo? Eu acredito que sim.

Isso nos sugere algumas possibilidades:

Primeira, a existência de um tronco comum de sabedoria: Pode ter havido uma civilização-mãe — como uma Atlântida ou Lemúria — que possuía um sistema de conhecimento cósmico completo. Após seu declínio ou desaparecimento, fragmentos dessa sabedoria foram herdados e reinterpretados por civilizações posteriores como o Egito, Mesopotâmia, Índia, China, Maia... Isso explicaria por que encontramos os mesmos símbolos, números e arquétipos em culturas aparentemente isoladas entre si.

Segunda, a hipótese da transmissão do conhecimento: Talvez tenha havido sábios — guardiões da sabedoria ancestral — que viajaram pelo mundo semeando esse conhecimento em diferentes regiões. A história reconhece migrações e trocas culturais, mas talvez

também tenha havido transmissões mais sutis e profundas que ainda não compreendemos.

Terceira, uma explicação de cunho mais espiritual:

É possível que esse conhecimento tenha sido "revelado" a indivíduos ou grupos especiais em diferentes culturas, nos momentos certos. Se o universo opera segundo leis universais, então é natural que diferentes civilizações — por meio da observação, meditação ou práticas espirituais — tenham descoberto os mesmos princípios, mesmo sem contato entre si. Assim como cientistas modernos podem chegar à mesma descoberta em lugares distintos ao mesmo tempo.

Pessoalmente, acredito numa combinação dessas três. Uma fonte ancestral, tentativas de preservação e transmissão, e ao mesmo tempo, redescobertas autônomas por aqueles que possuíam discernimento espiritual suficiente.

O número 432 e seus múltiplos aparecem repetidamente na arquitetura sagrada (como nas pirâmides), nos ciclos cósmicos (como a precessão e os Yugas), nos antigos sistemas de tempo, e até mesmo na música — a afinação $A=432\text{Hz}$ é considerada mais harmoniosa com a natureza do que a afinação padrão moderna de 440Hz .

Isso dificilmente é coincidência. Revela uma compreensão profunda sobre ressonância, harmonia

cósmica, sobre as vibrações fundamentais do universo — e como nós, como seres humanos, podemos sintonizar com esses ritmos.

Esse fio invisível que você mencionou talvez seja exatamente isso: as leis imutáveis do cosmos, verdades universais que as civilizações antigas, de formas diferentes, conseguiram tocar.

E nosso papel, como herdeiros modernos, é tentar reencontrar esses fragmentos e reconstruir esse legado coletivo.

Veja, Henry — quando deixamos de olhar a história apenas com os olhos da matéria, e começamos a enxergá-la também através da linguagem dos símbolos, dos números, dos padrões... um novo mundo se revela diante de nós. Um mundo que desafia os paradigmas antigos da "primitividade" do passado, e exige de nós mais humildade diante do que os antigos realmente sabiam.

Henry Lowell:

Se aceitarmos que essa perspectiva espiritual e misteriosa não é superstição, mas sim uma via legítima e concreta de entendimento — então muitas peças se encaixam...

Se considerarmos que a Pirâmide do Egito é um remanescente de uma civilização anterior... então, de que época ela viria? Naquela época, o entorno da pirâmide já era coberto por areia como hoje? Quem teria decidido construí-la — um rei, sacerdotes, cientistas? Como viviam essas pessoas?

Essas perguntas são um tanto específicas e curiosas... mas será que as visões da sua filha podem lançar alguma luz sobre elas?

Professor Solomon:

(Assente, a voz assume um tom mais profundo, como quem mergulha nas memórias e percepções acumuladas)

Henry, suas perguntas são extremamente importantes — são as mesmas que inquietam qualquer um que deseje descobrir a origem verdadeira das pirâmides. E como você bem disse, se tivermos coragem para incluir no nosso campo de visão elementos que a ciência atual classifica como “místicos” — mas que podem ser apenas leis naturais ainda desconhecidas —, então a história começa a se esclarecer.

Sobre a datação, se aceitarmos que a pirâmide é um legado de uma civilização pré-histórica, então o marco de 10.500 a.C., baseado no alinhamento com a constelação de Órion e evidências geológicas, pode ser apenas um ponto de referência mais recente — talvez de

uma reconstrução, ou de uma cultura que herdou a estrutura original.

Mas, segundo o que Laura "viu", sua construção ocorreu há muito, muito mais tempo... algo em torno de 70 ou 80 milhões de anos atrás. Um número realmente extraordinário...

Como você mencionou, e como algumas teorias mais ousadas na comunidade científica sugerem, é possível que a pirâmide tenha sobrevivido a múltiplos cataclismos geológicos, talvez até submergido no fundo do mar e depois ressurgido. Se isso for verdade, sua idade real pode estar na casa de centenas de milhares ou até milhões de anos — um tempo que ultrapassa radicalmente os limites da história oficial. Mas faz sentido dentro da lógica de ciclos civilizatórios prolongados e da dinâmica da crosta terrestre.

Naquela época, quer tenha sido 10.500 a.C., 80 milhões de anos, ou mais, a região de Gizé provavelmente não era desértica como hoje. Pesquisas em paleoclimatologia sugerem que o Norte da África já foi coberto por savanas, rios e vegetação abundante. O Saara atual é um fenômeno geológico relativamente “recente”. A pirâmide pode ter sido erguida num planalto que dominava uma paisagem verdejante.

Agora, sobre suas perguntas específicas — quem construiu? Como era a sociedade?

O que Laura percebeu durante nossa visita a Gizé foi realmente notável.

Ela viu que a decisão de construir a Grande Pirâmide partiu de um jovem rei, alguém dotado não só de poder político, mas também de sabedoria e sensibilidade espiritual. Segundo suas visões, a construção foi acompanhada e continuada por sua irmã, uma princesa com as mesmas qualidades — que liderou a construção da segunda pirâmide.

Isso sugere que o projeto não era uma ambição pessoal, mas uma missão de uma linhagem inteira — líderes espirituais com o dever de preservar conhecimento e servir de ponte entre o céu e a Terra.

Eles não buscavam glória, mas cumpriam um propósito sagrado: criar âncoras energéticas, instrumentos de conexão cósmica, bibliotecas eternas de sabedoria universal.

Quanto à sociedade da época:

Pelas percepções de Laura, os trabalhadores não eram escravos. Eram artesãos, construtores, seres com preparo e consciência, que trabalhavam com devoção e reverência. Havia ordem, harmonia com a natureza, e um profundo respeito pelas leis do universo.

E sobre o método de construção:

Laura percebeu que eles usavam uma capacidade especial — talvez semelhante ao conceito de “força interna” descrito em certas tradições espirituais.

Ela falou de “sons que faziam a pedra vibrar e ficar mais leve”, de “ferramentas luminosas” que não apenas iluminavam, mas também alteravam a matéria.

Tudo isso aponta para uma civilização que dominava formas sutis de energia e consciência, em vez de depender exclusivamente de máquinas.

(Ele olha para Henry, com um olhar cheio de significado)

Henry, esses vislumbres de Laura são difíceis de provar pelos métodos tradicionais. Mas eles não competem com a arqueologia — eles a enriquecem.

Eles nos convidam a ousar, a sair das molduras convencionais e buscar conexões inesperadas.

A Pirâmide — com toda sua majestade e mistério — parece estar sussurrando para nós uma história esquecida.

A história de uma humanidade extraordinária, que um dia caminhou sobre a Terra... E talvez só quando escutarmos com a mente aberta e o coração atento, possamos finalmente entender esses ecos.

Henry Lowell:

O senhor mencionou que eles construíram a Pirâmide não por motivos pessoais — ou seja, não como um túmulo —, mas por um propósito mais elevado...

Então, que propósito “elevado” seria esse?

Professor Solomon:

(Olha para Henry com uma leve surpresa, que logo se transforma em compreensão; ele sorri discretamente)

Henry, essa é uma pergunta extremamente profunda — você tocou no coração do mistério da Pirâmide. Sim, pelo que discutimos até agora, tudo indica que os construtores estavam motivados por algo que ia muito além de interesses mundanos ou ambições pessoais, como erguer um mausoléu.

E quando você me pergunta qual seria esse “propósito elevado”...

(O professor faz uma pausa, o olhar se perde na distância, e sua voz desce um tom, como tomada por reverência e emoção)

Para ser honesto, quando ouvi pela primeira vez minha filha, Laura, descrever o que ela “viu” sobre o verdadeiro propósito da pirâmide — especialmente certas cenas e imagens que ela presenciou em Gizé — eu fiquei profundamente comovido. Eram visões grandiosas, tão

vastas e profundas, que superavam qualquer especulação que eu pudesse ter feito como arqueólogo.

(Ele respira fundo, depois encara Henry com firmeza)

É uma história que eu gostaria muito de compartilhar em detalhes com você. No entanto, acho que talvez devêssemos adiar um pouco essa pergunta. Porque, para compreender verdadeiramente a magnitude desse propósito, primeiro precisamos esclarecer um ponto essencial — uma verdade que a ciência tradicional ainda reluta em admitir:

A Grande Pirâmide de Gizé, assim como muitas outras construções enigmáticas ao redor do mundo, provavelmente não pertence ao ciclo atual de civilização humana.

São legados de épocas extremamente remotas, de civilizações que a história oficial simplesmente apagou.

Se não colocarmos a pirâmide no seu contexto temporal adequado, qualquer discussão sobre seu significado espiritual ou propósito atemporal perderá força.

Você concorda comigo quanto a isso?

Vamos primeiro examinar as evidências que apontam para a antiguidade extraordinária dessas estruturas — e depois, prometo que voltarei e compartilharei com você o que Laura “viu” sobre o verdadeiro propósito...

Um propósito que me fez repensar não apenas a história — mas o papel do ser humano no cosmos.

Henry Lowell:

Então deixaremos essa pergunta para mais tarde...

Se o nosso planeta já passou por vários ciclos civilizatórios, além da Pirâmide, o senhor encontrou outras evidências arqueológicas?

Lembro-me de algo que li num livro muito conhecido chamado *Zhuan Falun*. O autor menciona uma pegada humana sobre um fóssil de trilobita com centenas de milhões de anos... ou uma figura humana esculpida numa pequena pedra no Peru, observando corpos celestes, com cerca de 30 mil anos de idade...

Qual sua opinião sobre esses achados?

Professor Solomon:

(Assente, os olhos brilhando com interesse)

Sim, Henry — essa é uma pergunta muito oportuna. Se aceitarmos a ideia de múltiplos ciclos de civilização, então a Pirâmide de Gizé dificilmente é um caso isolado. E de fato, existem muitos achados arqueológicos — os chamados “ooparts” (out-of-place artifacts), ou seja, objetos fora do lugar — que parecem ser fragmentos desconexos de uma história muito mais antiga do que a que conhecemos.

Você mencionou dois casos bastante famosos e, de fato, controversos.

Primeiro, a pegada sobre um trilobita fossilizado:

Esse achado, se validado com total rigor, é um verdadeiro abalo para toda a cronologia científica. Trilobitas viveram no período Cambriano, entre 540 e 485 milhões de anos atrás.

Se uma pegada humana — ou de um ser capaz de fabricar calçados — for encontrada junto a um trilobita, isso empurra a existência de seres inteligentes para um passado inimaginável.

A ciência convencional costuma rejeitar essas descobertas, alegando que podem ser formações naturais coincidentemente semelhantes a pegadas, erros de datação ou até fraudes. Mas se a amostra for autêntica, ela exigiria reescrever toda a história da vida inteligente na Terra.

Segundo, as pedras de Ica, no Peru:

Essas pedras, reunidas pelo Dr. Javier Cabrera, trazem inscrições impressionantes: humanos convivendo com dinossauros, realizando transplantes complexos como de coração ou cérebro, usando telescópios para observar o cosmos...

Se essas gravações forem realmente antigas — como sugerem algumas estimativas de 30 mil anos —, elas contradizem frontalmente a visão acadêmica da evolução humana.

Mas, mais uma vez, há controvérsias — muitos alegam que se trata de falsificações modernas.

(Ele faz uma pausa e encara Henry)

Pessoalmente, não acho prudente rejeitar automaticamente todos esses achados apenas porque desafiam as teorias vigentes.

Cada caso deve ser analisado com mente aberta e rigor científico.

E além desses dois exemplos, há outros objetos igualmente intrigantes:

Primeiro, a esfera de Klerksdorp:

Esferas metálicas com sulcos perfeitamente paralelos, encontradas em camadas geológicas de mais de 2,8 bilhões de anos na África do Sul. Elas parecem trabalhadas por mãos inteligentes — mas seriam mais antigas do que a própria vida complexa conhecida.

Segundo, o reator nuclear natural de Oklo, no Gabão:

Ali foram encontrados vestígios de reações nucleares espontâneas que ocorreram entre 1,7 e 2 bilhões de anos atrás. A ciência explica como um fenômeno natural raríssimo — mas as condições para isso ocorrer são tão específicas que desafiam nossa compreensão da história da Terra.

Terceiro, o martelo de London, Texas:

Um martelo de ferro com cabo de madeira parcialmente fossilizado, encapsulado dentro de um bloco de pedra arenítica. A rocha teria entre 65 e 400 milhões de anos. O metal do martelo também apresenta características incomuns de pureza.

(O professor se recosta levemente na cadeira, o tom da voz torna-se mais meditativo)

Se considerados isoladamente, cada um desses objetos pode ser descartado como erro, coincidência ou fraude.

Mas em conjunto, somados à grandiosidade da Pirâmide de Gizé e outras estruturas megalíticas ao redor do mundo, eles começam a sugerir uma possibilidade alarmante:

A de que nossa história não é uma linha contínua de progresso do primitivo ao avançado.

Mas sim, uma sequência de ciclos — civilizações que floresceram, atingiram ápices tecnológicos e espirituais, e depois desapareceram, deixando apenas vestígios frágeis...

Ecos quase apagados, que hoje tentamos decifrar.

Esses artefatos — mesmo controversos — são lembretes valiosos:

De que devemos manter humildade diante do passado, e coragem para questionar o que se toma como verdade absoluta. Eles são faíscas de memória, pistas dispersas

que apontam para uma história humana muito mais vasta e complexa do que jamais imaginamos.

Henry Lowell:

Eu conheço um sítio arqueológico bastante famoso na Inglaterra — o círculo de pedras chamado Stonehenge. Professor, o senhor já pesquisou sobre ele? Será que ele também contém números ou detalhes difíceis de explicar? E poderia ser obra de uma civilização antiga?

Professor Solomon:

(Assente, um leve sorriso enigmático surge em seus lábios)

Stonehenge! Sim, é uma das construções mais misteriosas e cativantes da Europa — e sem dúvida, um objeto de estudo fascinante. Eu já dediquei tempo à sua investigação, e de fato, Stonehenge contém elementos que nos levam a questionar sua origem e propósito reais.

À primeira vista, Stonehenge pode parecer “modesto” se comparado à Grande Pirâmide de Gizé em termos de escala e sofisticação no trabalho com a pedra. Mas quando mergulhamos nos detalhes, encontramos aspectos realmente surpreendentes.

Sobre a datação e os construtores:

De acordo com a arqueologia tradicional, Stonehenge foi construído em várias fases, começando por volta de 3000 a.C. e concluído por volta de 1600 a.C. Os construtores seriam tribos do período Neolítico e da Idade do Bronze na Grã-Bretanha. É um intervalo de tempo muito longo, com diversas modificações na estrutura ao longo dos séculos.

Quanto aos mistérios e sugestões de uma civilização anterior:

Primeiro, o transporte das pedras bluestones.

Um dos maiores enigmas é como essas pedras — que pesam entre 2 e 5 toneladas cada — foram transportadas desde as montanhas Preseli, no País de Gales, a cerca de 400 km de distância. Como povos do Neolítico, com ferramentas rudimentares, poderiam ter realizado tal façanha? As hipóteses de transporte por rolos de madeira ou por balsas nos rios ainda deixam muitas dúvidas. Isso sugere um nível técnico ou método de transporte que ainda não compreendemos.

Segundo, os conhecimentos astronômicos.

Stonehenge não é um arranjo aleatório de pedras. Ele foi projetado com precisão para marcar eventos astronômicos significativos. O eixo principal está alinhado com o nascer do sol no solstício de verão e com o pôr do sol no solstício de inverno. A famosa pedra

conhecida como Heel Stone está estrategicamente posicionada nesse alinhamento.

Alguns pesquisadores também acreditam que os buracos circulares (chamados *Aubrey Holes*) e outros elementos podem ter sido usados para prever ciclos complexos da Lua, incluindo eclipses. Isso exigiria observações sistemáticas ao longo de muitas gerações e métodos sofisticados de registro e cálculo.

Terceiro, a precisão na construção.

Embora não atinja o grau de exatidão da Pirâmide de Gizé, o trabalho de corte e montagem das pedras sarsen, que podem pesar até 50 toneladas, é impressionante. Os blocos horizontais (*lintels*) foram colocados sobre colunas verticais com encaixes tipo macho-e-fêmea (*mortise and tenon joints*), uma técnica comum na carpintaria — o que revela um domínio estrutural muito além do esperado.

Sobre o verdadeiro propósito de Stonehenge:

Por que investir tanto esforço e tempo numa construção como essa? As hipóteses mais comuns falam em observatório astronômico, local de rituais religiosos ou centro de cura.

Mas será que é só isso?

Pesquisadores como Gerald Hawkins sugeriram que Stonehenge era um computador astronômico antigo.

E há também lendas locais — não aceitas pela ciência,

mas persistentes — que afirmam que Stonehenge foi construído por magos ou até por gigantes, e que teria propriedades especiais.

Seria então uma herança de uma civilização anterior?

É difícil afirmar com base apenas nas evidências arqueológicas disponíveis. Mas o transporte das pedras por longas distâncias, o conhecimento astronômico avançado, e essas tradições persistentes indicam uma possibilidade:

- Ou os construtores herdaram conhecimento de uma civilização anterior, mais avançada e hoje esquecida;
- Ou houve algum tipo de orientação ou ajuda externa, como já consideramos no caso das pirâmides.

Em comparação com Gizé, ainda não há provas claras de que Stonehenge tenha dezenas de milhares de anos. Mas sua complexidade e os mistérios que carrega mostram que seus criadores tinham um entendimento do cosmos e habilidades construtivas que superam o que normalmente se atribui a sociedades neolíticas.

Talvez não seja um "eco" tão estrondoso quanto o das pirâmides, mas Stonehenge ainda é um sussurro enigmático vindo do passado — lembrando-nos que a história pode ser muito mais profunda e intrincada do que nos ensinaram.

Ele também reforça como o conhecimento astronômico e os ciclos da natureza parecem ter tido um papel central nas tradições espirituais de várias culturas antigas — seja no Egito, na Inglaterra ou no Peru.

E você, Henry... o que acha de tudo isso? Acha que isso fortalece ainda mais a hipótese de que houve múltiplos ciclos de civilização?

Henry Lowell:

Sim, cada um desses monumentos que mencionamos até agora se torna muito mais fácil de compreender quando os consideramos como produtos de uma civilização antiga...

E na Ásia, haveria algum sítio arqueológico notável que também apoie essa ideia?

Na China ou na Índia, existe alguma construção antiga cuja datação ultrapasse cinco mil anos?

E quanto à pirâmide da Indonésia, que vi recentemente nas manchetes — dizem que os cientistas confirmaram que ela pode ter pelo menos trinta mil anos...

Professor Solomon:

(Assente com um olhar introspectivo ao ouvir a palavra “Ásia” — berço de tantas civilizações e tradições espirituais milenares)

Henry, você tocou numa região absolutamente essencial — e riquíssima em patrimônio histórico: a Ásia.

Sim, se buscamos vestígios de ciclos civilizatórios anteriores, o continente asiático é um território que não podemos ignorar.

Sobre a China e a Índia:

Ambos os países possuem registros históricos e tradições que remontam a milênios, inclusive com referências a épocas ainda mais remotas. No entanto, encontrar **estruturas físicas** com datação confirmada superior a 5.000 anos — e comparáveis em escala à Grande Pirâmide de Gizé ou a Stonehenge — é mais desafiador.

E isso por vários motivos:

Primeiro, o material de construção:

Muitos monumentos antigos na Ásia foram feitos de madeira ou materiais perecíveis, que se deterioram com o tempo — ao contrário da pedra.

Segundo, a continuidade civilizacional:

Em regiões com desenvolvimento contínuo, construções antigas costumam ser modificadas, reutilizadas ou demolidas para dar lugar a novas. Isso dificulta a identificação da data original.

Terceiro, a ação do tempo e da natureza:

A Ásia é palco de intensas transformações geológicas —

terremotos, inundações — que podem ter apagado muitos vestígios.

Mas isso não significa que não existam indícios promissores:

Na China:

Há um conjunto de grandes montes próximos a Xi'an, tidos como túmulos de imperadores e nobres da antiguidade. Alguns remontam à dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.), mas há quem acredite que estruturas ainda mais antigas estejam escondidas sob esses montes — como a lendária “Pirâmide Branca”, mencionada em relatos locais. O problema é que as escavações nessas áreas são altamente restritas.

A chamada Cultura Hongshan, datada entre 4700 e 2900 a.C., também chama atenção. Encontrada no nordeste da China, ela nos deixou artefatos de jade requintados e estruturas cerimoniais de pedra — como o “Templo da Deusa” e grandes sepulturas. Mesmo que ainda dentro da faixa dos 5.000 anos, a sofisticação estética e simbólica dessa cultura sugere uma base cultural muito anterior.

Na Índia:

Temos a antiga Civilização do Vale do Indo, com cidades como Mohenjo-daro e Harappa, que floresceram entre 2600 e 1900 a.C. — uma das civilizações urbanas mais antigas e organizadas do planeta.

Mas... será que um sistema tão avançado surgiu do nada? A arqueologia já começa a suspeitar da existência de fases anteriores — proto-Harappanas — ainda pouco conhecidas.

Espalhados por toda a Índia há também dolmens e círculos de pedra, muitos com datas ainda incertas, mas que possivelmente remontam a milênios antes de nossa era.

E sobre a pirâmide na Indonésia que você mencionou — Gunung Padang:

Trata-se, sem dúvida, de um dos achados mais fascinantes dos últimos tempos. Gunung Padang está localizada no topo de uma colina em Java Ocidental, composta por colunas de basalto dispostas em terraços.

Durante décadas, acreditou-se que o local tinha apenas alguns milhares de anos.

Mas uma equipe liderada pelo geólogo Danny Hilman Natawidjaja realizou estudos aprofundados com sondas geológicas, radar de penetração no solo e escavações — e revelou que abaixo da superfície visível há várias camadas de estruturas artificiais muito mais antigas.

Com base em datações de carbono feitas em materiais orgânicos encontrados em profundidades variadas, estimam que as camadas mais profundas tenham sido

construídas há pelo menos 9.500 anos, podendo chegar a 20.000 ou até 28.000 a.C.

Se isso for confirmado por revisões científicas internacionais, Gunung Padang se tornará o monumento megalítico artificial mais antigo já conhecido, superando Gizé e Stonehenge.

E mais do que isso: poderá servir como prova incontestável de uma civilização altamente desenvolvida ainda durante o final da última Era Glacial.

(Vira-se levemente em direção a Henry, com um brilho discreto no olhar)

Veja, Henry — esses vestígios, ainda que às vezes envoltos em controvérsia, estão emergindo por todos os cantos do planeta:

Pirâmides misteriosas na China, cidades submersas no litoral da Índia, e agora, esse achado surpreendente na Indonésia.

Cada um deles é como um fragmento de um quebra-cabeça colossal, que parece nos revelar uma história da humanidade muito mais antiga, complexa e profunda do que aquela que aprendemos nos livros escolares.

Claro, tudo isso exige investigação rigorosa, mas também mente aberta.

E quando colocamos essas peças lado a lado, uma nova

narrativa da história humana começa a emergir — uma narrativa de múltiplos ciclos civilizatórios, de ascensão e queda, e de ecos deixados como mensagens cifradas para as gerações futuras.

A Ásia, com sua vastidão cultural e espiritual, certamente guarda ainda muitos segredos inexplorados. E tudo que sabemos até agora... pode ser apenas a ponta de um iceberg.

Henry Lowell:

Sobre a Ásia, lembro-me de ter lido na internet que, no fundo do mar, ao largo do Japão, foram descobertos vestígios de estruturas de pedra possivelmente artificiais. E a pergunta que se levanta é: se essas construções forem realmente feitas pelo homem, há quanto tempo elas teriam afundado? Porque, se pertencessem a alguma civilização dos últimos cinco mil anos, com certeza teríamos registros históricos a respeito...

Professor Solomon:

(Assente com entusiasmo, os olhos se iluminam ao ouvir menção à descoberta no Japão)

Henry, você acaba de citar um caso extremamente interessante — e também bastante controverso: a estrutura de Yonaguni, também conhecida como o

Monumento de Yonaguni, localizada no fundo do mar, próximo à ilha de Yonaguni, no extremo sul do arquipélago Ryukyu, Japão.

É uma formação rochosa gigantesca, com cerca de 50 metros de comprimento, 20 de largura e 25 de altura, composta por superfícies planas, degraus bem definidos, cortes retilíneos e ângulos que, à primeira vista, parecem ter sido talhados por mãos humanas. Foi descoberta por um mergulhador local em 1986.

E a pergunta que você faz é extremamente pertinente:
Se realmente for uma estrutura artificial, há quanto tempo ela está submersa?
E por que não há nenhum registro histórico sobre ela, caso pertença a uma civilização dos últimos 5 mil anos?

Esse é o cerne da questão — e o motivo pelo qual Yonaguni atrai tanta atenção:

Primeiro, quanto à possível datação:

Atualmente, a estrutura está entre 5 e 30 metros de profundidade. Segundo geólogos, o nível do mar na região subiu consideravelmente desde o fim da última Era Glacial. Para que Yonaguni tenha sido construída em terra firme, teria que ter sido feita pelo menos entre 8.000 e 10.000 anos atrás — e há estimativas que recuam ainda mais.

Se isso se confirmar, estaríamos diante de uma das estruturas de pedra mais antigas do mundo, o que desafia totalmente nosso entendimento sobre o nível de desenvolvimento das civilizações naquela época.

Esse debate gerou duas correntes opostas:

– Defensores da origem artificial, como o professor Masaaki Kimura, geólogo marinho da Universidade de Ryukyus. Ele realizou várias expedições ao local e apontou características que considera impossíveis de serem naturais, como:

- Escadarias aparentemente esculpidas.
- Uma estrutura parecida com uma tartaruga gigante.
- Sulcos e cavidades circulares com aparência intencional.
- Um “caminho” contornando a estrutura.
- Semelhanças com antigos templos e túmulos em Okinawa.

– Céticos da hipótese artificial, incluindo muitos geólogos e arqueólogos tradicionais, que afirmam que Yonaguni é apenas uma formação de arenito natural, moldada pela ação de correntes marinhas e por terremotos que exploram fraturas naturais da rocha. O arenito, de fato, tende a se quebrar em ângulos retos.

E aqui entra o silêncio da história...

Como você bem disse: se Yonaguni tivesse sido

construída por uma civilização recente — nos últimos 5 mil anos — e depois submersa, provavelmente haveria algum registro histórico ou tradição oral sobre ela, seja no Japão, seja em culturas vizinhas. Mas... não há qualquer menção clara.

Esse silêncio apenas reforça a hipótese de que, se for mesmo uma obra humana, ela pertence a um período muito anterior ao início da história escrita — ou talvez a uma civilização que desapareceu completamente, sem deixar outros rastros além dessa estrutura.

Pessoalmente, após analisar imagens, vídeos e os estudos de ambos os lados, eu me inclino à ideia de que houve alguma intervenção humana — ao menos em parte. Talvez Yonaguni seja uma formação natural modificada intencionalmente para servir a algum propósito simbólico ou prático.

É difícil explicar todos os seus aspectos apenas como erosão natural.

Se a hipótese de uma construção feita há 8.000 ou até 10.000 anos (ou mais) for correta, Yonaguni se torna mais uma evidência da existência de civilizações marítimas avançadas no período pós-glacial — capazes de construir grandes monumentos em pedra. Isso também se alinha com mitos sobre “terras perdidas” no Pacífico, como Mu ou Lemúria — mesmo que essas ideias ainda sejam consideradas especulativas.

Yonaguni, assim como Gunung Padang, a Pirâmide de Gizé ou as cidades submersas próximas à Índia, está nos forçando a rever seriamente a história antiga da humanidade. São como ecos vindos do fundo do mar, sussurrando sobre capítulos esquecidos — sobre civilizações que floresceram, alcançaram grandeza, e depois desapareceram sob as forças da natureza.

As perguntas ainda estão abertas, e mais pesquisas serão necessárias.

Mas a existência de lugares como Yonaguni enriquece imensamente nossa compreensão do passado — revelando que a história humana talvez não seja uma linha reta ascendente, mas sim uma série de altos e baixos, inícios e finais, de mundos inteiros que surgiram e desapareceram.

Henry Lowell:

Bem, professor, ao falar do mar, lembrei-me de um caso que considero um dos lugares mais vívidos: a Ilha de Páscoa — uma pequena ilha situada no meio do Oceano Pacífico. Tenho duas grandes perguntas sobre essa ilha minúscula:

– Primeira, há centenas de enormes estátuas de pedra voltadas para o mar. Quem as construiu e quando? Será que os habitantes locais, com uma população tão reduzida, tinham mesmo capacidade para erguer tais

monumentos?

– Segunda, e ainda mais importante: de onde vieram esses povos indígenas? Teriam evoluído de macacos que rastejaram do fundo do mar, como sugeriria a teoria da evolução de Darwin? Ou seriam migrantes vindos da Ásia, da Oceania ou da América, que cruzaram milhares de quilômetros em simples barcos de madeira?

Professor Solomon:

(Aperta os olhos, acena levemente com a cabeça, um sorriso sutil surge em seus lábios ao ouvir sobre a Ilha de Páscoa — Rapa Nui. É evidente que este é um de seus locais preferidos.)

Ilha de Páscoa! Henry, você tocou em um dos mistérios mais densos e intrigantes da história da humanidade. Uma ilha pequena, isolada no vasto Pacífico, e ainda assim repleta de monumentos megalíticos e perguntas profundas quase inacreditáveis.

Quanto à sua primeira pergunta: quem construiu as estátuas colossais Moai, e os locais tinham mesmo essa capacidade?

De acordo com a arqueologia convencional, os Moai foram esculpidos pelos próprios polinésios nativos — antepassados dos atuais habitantes Rapa Nui. Estima-se que as estátuas tenham sido feitas entre os anos de 1250 e 1500 d.C.

Foram encontradas cerca de 900 estátuas Moai, com

tamanhos e pesos variados. A maior erguida (Paro) tem quase 10 metros de altura e pesa cerca de 82 toneladas. Já uma inacabada (El Gigante), se tivesse sido completada, teria 21 metros e até 270 toneladas!

As estátuas foram talhadas em rocha vulcânica na pedreira de Rano Raraku e depois transportadas até várias partes da ilha, sendo erguidas sobre plataformas chamadas “Ahu”.

Mas será que uma população tão pequena tinha realmente capacidade para tal façanha?

Essa é a questão central. Quando os europeus chegaram à ilha em 1722, encontraram uma população muito pequena (entre 2.000 e 3.000 pessoas), vivendo em condições rudimentares e que já haviam esquecido a técnica de esculpir e mover essas estátuas gigantes.

Como um grupo tão reduzido, sem rodas, sem animais de tração e apenas com ferramentas de pedra, conseguiria extrair, esculpir, transportar e erguer blocos de dezenas ou centenas de toneladas sobre terrenos irregulares?

Diversas teorias foram propostas, inclusive experimentos modernos tentando recriar o transporte com cordas e força humana, fazendo as estátuas “caminharem”. Alguns desses testes funcionaram com estátuas menores, mas há dúvidas quanto à viabilidade com as maiores. Além disso, o desmatamento da ilha — se realmente

usado para transporte — teria causado colapso ecológico e o fim da civilização Moai.

Existem ainda elementos intrigantes:

As tradições locais dizem que os Moai “caminhavam” sozinhos graças ao “mana” — uma força espiritual controlada por xamãs ou líderes tribais. Embora desacreditada pela ciência, essa crença sugere que nem mesmo os habitantes originais sabiam exatamente como seus antepassados moveram as estátuas.

Há também uma mudança perceptível no estilo das esculturas ao longo do tempo, e um súbito abandono da prática — várias estátuas foram deixadas inacabadas na pedreira. O que aconteceu?

E há ainda uma escrita misteriosa — o rongorongo — entalhada em tábuas de madeira, que nunca foi completamente decifrada, mas que sugere certo nível de sofisticação cultural.

Agora, sua segunda pergunta, que é ainda mais fundamental: de onde vieram esses povos?

“Macacos saindo do fundo do mar?” (sorri) — claro, isso é uma metáfora provocativa sua. A teoria da evolução de Darwin não propõe algo literal como isso.

As evidências genéticas, linguísticas e arqueológicas sugerem que os Rapa Nui são de origem polinésia, vindos possivelmente das ilhas Marquesas ou Gambier,

navegando em canoas oceânicas por milhares de quilômetros. Estima-se que tenham chegado à ilha entre os séculos I e II d.C. — uma façanha de coragem e domínio náutico admirável.

Mas há também a teoria de Thor Heyerdahl: o famoso explorador acreditava que havia influência sul-americana, baseando-se em semelhanças arquitetônicas (como paredes de encaixe sem argamassa), a presença da batata-doce — nativa da América do Sul — e lendas sobre um rei ou deus chamado Kon-Tiki que navegou desde o leste.

Sua expedição de 1947, com a balsa Kon-Tiki, provou que era possível fazer tal viagem. Contudo, a genética ainda apoia fortemente a origem polinésia.

Então, a Ilha de Páscoa seria um eco de uma civilização ainda mais antiga?

É uma possibilidade que não descarto, embora tenhamos menos evidências diretas do que em Giza ou Gunung Padang.

Alguns estudiosos alternativos propõem que Rapa Nui seja o remanescente de um continente submerso — como Lemúria ou Mu — e que os sobreviventes tentaram manter a tradição megalítica de seus ancestrais.

Quando mostrei à minha filha Laura imagens dos Moai, ela não “viu” cenas específicas da construção como no Egito. Mas relatou uma sensação muito profunda de

tristeza, uma memória remota de uma pátria perdida sob as águas. Disse também que os Moai pareciam carregados de intenção, como se fossem monumentos de lembrança ou homenagem, embora não soubesse ao certo do quê.

Essa percepção — embora subjetiva — casa-se bem com a ideia de um passado trágico, e que os Rapa Nui poderiam ser descendentes muito distantes, ou mesmo novos ocupantes tentando imitar os feitos de uma civilização esquecida.

Um detalhe curioso é que não há primatas nativos na Ilha de Páscoa — o que confronta diretamente a teoria da evolução no sentido de que o homem teria evoluído localmente de símios. Isso reforça a ideia de migração.

Em resumo, a civilização Moai (1250–1500 d.C.) pode ter sido uma expressão polinésia grandiosa que depois entrou em declínio. Mas também pode carregar os ecos — ou mesmo as últimas centelhas — de uma era ainda mais antiga, marcada por eventos geológicos extremos e a perda de uma terra inteira.

Os Moai, com seus olhos voltados ao oceano, talvez não sejam apenas obras de um clã isolado, mas os vigias silenciosos da memória, os símbolos mudos de uma história engolida pelo mar e pelo tempo. Eles parecem aguardar que um dia, alguém decifre sua mensagem.

Henry Lowell:

De todas as hipóteses que o senhor mencionou, professor, a que mais me convence é a de que a Ilha de Páscoa seja o que restou de um continente submerso há muito tempo, e que os nativos da ilha sejam as “provas vivas” de uma civilização outrora grandiosa de um ciclo anterior da humanidade...

Professor Solomon:

(Ouve Henry com atenção, depois acena levemente com a cabeça, um olhar de profunda empatia se manifesta em seus olhos.)

Henry, entendo perfeitamente por que essa hipótese exerce tamanha atração sobre você. Para ser sincero, também é uma possibilidade que sempre considerei com seriedade — especialmente quando a combino com as percepções de Laura.

Se aceitarmos a ideia de que a Ilha de Páscoa seja um vestígio remanescente de um antigo continente perdido, e que os nativos sejam as "provas vivas" de uma civilização outrora brilhante, isso explicaria muitos dos mistérios não resolvidos:

Primeiro, a origem do conhecimento e das habilidades: Isso explicaria como uma comunidade tão pequena e

isolada poderia possuir o conhecimento e a capacidade técnica para criar monumentos megalíticos como os Moai. Eles não os "inventaram" do nada, mas os herdaram — mesmo que de forma fragmentada — de uma herança ancestral muito maior.

Segundo, o declínio ao longo do tempo:

Se fossem sobreviventes de um grande cataclismo, que perderam terras, recursos e parte de seu saber, então o declínio gradual de sua cultura e técnicas seria compreensível. As últimas estátuas poderiam já não ter o mesmo refinamento das primeiras (isso, claro, se existirem estátuas mais antigas ainda não descobertas ou que foram destruídas). A interrupção súbita da produção pode ter sido o reflexo final da perda de memória, recursos ou mesmo de esperança.

Terceiro, o simbolismo dos Moai olhando para o mar:

Talvez essas estátuas não sejam apenas guardiões ou símbolos de autoridade, mas sim expressões de saudade, de uma lembrança melancólica por uma terra natal submersa, por uma origem tragicamente engolida pelo oceano. Os olhares dos Moai talvez estejam voltados para terras que, em tempos imemoriais, abrigaram seus ancestrais.

Quarto, a lenda do "mana" e das estátuas que "caminham":

Se a civilização ancestral possuía tecnologias ou

capacidades espirituais avançadas (como discutimos no caso das Pirâmides), então talvez mover colossos de pedra não fosse tão desafiador para eles. A ideia de "mana" poderia ser uma lembrança turva de tais habilidades ou tecnologias perdidas.

Quinto, o isolamento e a singularidade da cultura Rapa Nui:

Se fossem mesmo os últimos remanescentes de uma civilização extinta, o isolamento teria acentuado ainda mais suas peculiaridades culturais, tornando difícil rastrear conexões com outras culturas conhecidas.

(O professor faz uma pausa, e sua voz ganha um tom mais grave.)

Contudo, devemos ser cautelosos. A hipótese de um continente submerso como Mu ou Lemúria, embora fascinante e capaz de oferecer respostas, ainda carece de provas geológicas ou arqueológicas sólidas o suficiente para ser amplamente aceita pela ciência convencional.

Segundo os dados geológicos atuais, os continentes e oceanos mantêm uma configuração relativamente estável há milhões de anos, mesmo considerando as variações no nível do mar.

Mas isso não significa que não possam ter existido extensas áreas costeiras ou arquipélagos que desapareceram após o fim da Era Glacial, ou devido a fenômenos tectônicos regionais. Talvez esse "continente"

não fosse um supercontinente, mas sim uma grande massa de terras férteis litorâneas hoje desaparecida.

E a percepção de Laura — sobre "um lar perdido sob as águas de uma era muito, muito antiga" — é algo que vale a pena considerar. Ela não entra necessariamente em conflito com a origem polinésia dos Rapa Nui. É possível que os ancestrais mais remotos dos polinésios, antes de iniciarem sua extraordinária expansão marítima pelo Pacífico, tenham habitado regiões hoje submersas.

A lembrança da perda desse mundo ancestral pode ter sido transmitida por gerações, integrando-se ao inconsciente coletivo, e manifestando-se de forma sutil através de sensações como as de Laura.

Portanto, Henry, eu não descarto sua hipótese. Muito pelo contrário, acredito que ela aponta para uma linha de pensamento fundamental: a de que nossa história pode esconder catástrofes e perdas em uma escala muito maior do que geralmente se reconhece.

Civilizações antigas podem ter enfrentado provações existenciais que hoje mal conseguimos conceber.

A Ilha de Páscoa, com sua beleza melancólica e mistérios não resolvidos, permanece como símbolo da resiliência humana, do desejo de deixar um legado, e talvez, de um luto silencioso diante da impermanência do tempo e da natureza.

Ela nos lembra que, sob nossos pés — ou sob as ondas do oceano — pode estar oculto um mundo inteiro perdido.

Henry Lowell:

Quase que deixo passar um caso semelhante ao da Ilha de Páscoa... Trata-se do arquipélago do Havaí, pertencente aos Estados Unidos, localizado no meio do Oceano Pacífico... Embora sua extensão seja maior que a da Ilha de Páscoa e, pelo que sei, não existam ali grandes estruturas antigas, a questão principal é: também existem povos nativos vivendo lá!

É difícil para mim acreditar que esses nativos tenham migrado da Ásia ou das Américas, ou que tenham evoluído diretamente nas ilhas segundo a teoria da evolução de Darwin... Um arquipélago tão isolado no meio do Pacífico não parece ser um ambiente favorável à evolução humana espontânea!

Na minha opinião, os povos nativos do Havaí, assim como os da Ilha de Páscoa, são remanescentes de uma civilização que existia em um continente muito maior, agora submerso...

Professor Solomon:

(Ouve Henry com atenção, acenando levemente com a cabeça ao ouvir a menção ao Havaí. Seu olhar se torna

contemplativo, como se conectasse pontos entre as semelhanças e diferenças entre o Havaí e a Ilha de Páscoa.)

Henry, você fez uma observação bastante perspicaz ao comparar o Havaí com a Ilha de Páscoa, especialmente no que diz respeito à origem dos povos nativos. O arquipélago havaiano, embora maior e com uma história um pouco mais documentada, também levanta questões fascinantes quando analisado sob a ótica dos ciclos de civilização e das transformações geológicas.

Sobre a origem dos havaianos nativos (Kanaka Maoli):

A visão acadêmica predominante, semelhante à dos Rapa Nui, sustenta que os havaianos nativos são polinésios. Eles eram navegadores excepcionais, capazes de realizar viagens oceânicas incríveis a partir de ilhas no Pacífico Sul (como Marquesas ou Taiti), colonizando o Havaí entre os séculos IV e VIII d.C., com possíveis migrações subsequentes.

Desenvolveram uma sociedade complexa, com hierarquia social (ali'i, kahuna, maka'āinana), uma rica mitologia repleta de deuses (akua), rituais refinados e técnicas agrícolas e pesqueiras bastante avançadas.

Sobre a ausência de grandes estruturas antigas:

Isso não é totalmente verdade. Embora não haja estátuas colossais como os Moai, os antigos havaianos construíram *heiau* — templos ou santuários de pedra —

frequentemente de grande escala e meticulosamente elaborados, situados em áreas elevadas ou próximas ao mar. Um exemplo notável é o *Pu'ukoholā Heiau*, na Ilha Grande, construído pelo Rei Kamehameha I no final do século XVIII.

Além disso, os havaianos criaram sofisticados sistemas de viveiros de peixes (*loko i'a*), revelando um domínio impressionante sobre hidráulica e manejo de recursos marinhos.

Agora, quanto aos pontos que você levantou, e por que eles sugerem um passado mais complexo:

A dificuldade das migrações e a teoria da evolução nas ilhas:

Você tem razão ao destacar que navegar milhares de quilômetros pelo Pacífico em canoas rudimentares é uma façanha notável, que exige conhecimento astronômico, habilidades náuticas e resistência extraordinária. Embora a ciência já tenha demonstrado essa possibilidade, não deixa de nos impressionar.

E é válido também seu argumento de que um arquipélago isolado como o Havaí não é um local adequado para que a evolução de um primata até o ser humano ocorra de forma espontânea e isolada. Assim como na Ilha de Páscoa, não existem primatas nativos no Havaí, exceto o ser humano. Isso nos força a aceitar que o homem chegou ali vindo de outro lugar.

Sobre a hipótese de remanescentes de um continente submerso:

Aqui reside a profundidade da sua hipótese. Se o Havaí, assim como a Ilha de Páscoa, forem os picos restantes de uma terra maior hoje submersa, então talvez os polinésios que ali chegaram não tenham sido os primeiros habitantes, pelo menos não no sentido absoluto.

Pode ter havido habitantes mais antigos — sobreviventes de um grande cataclismo — que já viviam nessas terras. Os polinésios poderiam ter se misturado a eles ou até os substituído. Ou talvez, como você sugeriu, os próprios polinésios fossem descendentes desses sobreviventes de uma civilização avançada que outrora ocupou esse “continente afundado”.

As lendas havaianas também mencionam terras distantes e desaparecidas:

Existem relatos sobre ilhas míticas como *Kāne-hūnā-moku* (a ilha secreta do deus Kāne) e sobre os *Menehune*, um povo mítico de pequena estatura, tido como os primeiros habitantes do Havaí, dotados da capacidade de construir obras de pedra durante a noite com grande destreza. Seriam esses fragmentos de memória sobre povos ou civilizações perdidas?

Comparações com a Ilha de Páscoa:

Ambos são arquipélagos vulcânicos isolados no Pacífico.

Ambos têm população nativa de origem polinésia.

Ambos carecem de primatas nativos.

Enquanto a Ilha de Páscoa tem os Moai, o Havaí tem os *heiau* e lendas sobre os Menehune construtores.

Concordo com você que atribuir tudo isso simplesmente às navegações polinésias e à formação cultural local talvez seja uma explicação excessivamente simplista, especialmente se considerarmos os possíveis ciclos de civilizações e eventos geológicos extremos do passado remoto.

A hipótese de uma antiga massa terrestre maior submersa, cujos habitantes deixaram descendentes ou memórias, realmente acrescenta uma nova camada à história dessas ilhas. Ela ajuda a explicar a presença humana em regiões tão isoladas sem recorrer unicamente a migrações improváveis ou processos evolutivos locais sem base.

Contudo, assim como na Ilha de Páscoa, ainda não há provas geológicas ou arqueológicas concretas que sustentem a existência de um “continente havaiano” submerso. O arquipélago atual se formou a partir de uma pluma mantélica (hotspot) sob o leito oceânico, com as ilhas emergindo gradualmente e se deslocando ao longo do tempo.

Mesmo assim, isso não exclui a possibilidade de que, em épocas remotas, com o nível do mar mais baixo ou antes das ilhas emergirem completamente, tenham existido áreas de terra mais extensas nessa região.

Henry, suas perguntas sobre o Havaí e a Ilha de Páscoa são cruciais. Elas nos forçam a olhar além das explicações convencionais e a considerar os "ecos" de um passado talvez mais glorioso — e mais trágico — do que jamais imaginamos.

Essas ilhas solitárias no oceano podem estar guardando, sob seus pés ou sob as ondas, os traços silenciosos de mundos perdidos.

Henry Lowell:

Pessoalmente, se me disserem que os nativos da Nova Zelândia migraram da Austrália, eu acreditaria em 60 a 70%, pois a distância entre as duas costas é de cerca de 2.000 km, e a Nova Zelândia é uma ilha grande e fácil de localizar. Mas se me disserem que os nativos da Ilha de Páscoa ou do Havaí também migraram de algum continente, eu acreditaria apenas em 5 ou 6%. Mesmo Marquesas ou Taiti já são ilhas pequenas situadas quase no centro do Pacífico.

Professor Solomon:

(Ouve atentamente, assentindo levemente quando Henry

compartilha seus níveis de credibilidade. Ele compreende perfeitamente o ceticismo lógico por trás desses números.)

Henry, entendo completamente a distinção que você faz e os diferentes níveis de confiança que atribui a cada hipótese migratória. É uma abordagem prática e fundamentada, baseada em fatores como distância, visibilidade geográfica e os enormes desafios de navegação em alto-mar usando métodos antigos.

Sobre a migração para a Nova Zelândia a partir da Austrália:

A distância é de cerca de 2.000 km, e a Nova Zelândia (Aotearoa) é uma massa de terra considerável, relativamente mais fácil de ser localizada. Acredita-se que os Māori, ancestrais do povo neozelandês, tenham vindo das ilhas da Polinésia Oriental (chamadas de Hawaiki nas suas tradições). Embora o trajeto real seja mais complexo, é plausível pensar que essa jornada possa ter ocorrido a partir de uma terra firme ou arquipélago próximo.

Agora, migrar da Ásia ou da América do Sul para a Ilha de Páscoa ou o Havaí:

Estamos falando de um desafio em uma escala completamente diferente.

A Ilha de Páscoa está a mais de 3.500 km da costa mais próxima da América do Sul. O Havaí está ainda mais

distante. A partir da Ásia, a distância até o Havaí é também imensa.

O ponto crucial, como você bem destacou, é que todas essas ilhas — incluindo Marquesas e Taiti — são apenas "pontinhos" em meio ao vasto oceano. Localizá-las sem instrumentos modernos, confiando apenas na observação das estrelas, das correntes marítimas e de sinais naturais, exige não só conhecimento avançado, mas também uma dose extraordinária de sorte.

Se eles partiram de um continente, por que ignorariam várias outras ilhas mais próximas (se é que existiam) para chegar a esses destinos tão remotos?

É exatamente por isso que a aceitação plena da hipótese de migração a partir de continentes distantes, rumo a ilhas pequenas e isoladas no Pacífico, torna-se tão difícil para muitas pessoas — e, em certo grau, também para mim. O seu índice de 5 a 6% de confiança traduz bem esse ceticismo.

E é aí que a hipótese dos "continentes perdidos" ou "civilizações pré-históricas" no Pacífico ganha peso:

Se antes existiram cadeias de ilhas maiores ou mesmo extensas massas de terra no Pacífico, então a movimentação entre ilhas, ou entre essas terras e lugares como o Havaí ou a Ilha de Páscoa (quando ainda faziam

parte dessas regiões maiores ou eram mais acessíveis), torna-se muito mais plausível.

Talvez os polinésios que conhecemos hoje não tenham sido os "descobridores" de ilhas completamente desabitadas, mas sim herdeiros — exploradores que redescobriram antigas rotas, colonizadores de terras que já haviam sido habitadas ou, quem sabe, descendentes diretos de povos que outrora viveram em vastos territórios agora submersos.

(O professor se recosta, a voz mais reflexiva)

Henry, o seu ceticismo é totalmente fundamentado. A ciência convencional procura explicar essas migrações destacando a impressionante habilidade náutica dos polinésios — sua leitura das estrelas, entendimento das correntes, dos ventos e a sofisticação de suas embarcações. E é verdade: eles foram navegadores admiráveis.

Mas quando colocamos esses feitos no contexto da imensidão oceânica e da minúscula escala das ilhas de destino, e contrastamos com o que sabemos sobre a navegação antiga, um certo grau de dúvida é perfeitamente compreensível. Essa dúvida abre espaço para outras possibilidades — narrativas históricas mais complexas.

Talvez a verdadeira história da ocupação do Pacífico não seja linear — nem de leste para oeste, nem de oeste para leste — mas sim uma rede multidimensional, com múltiplas ondas migratórias, diversas origens, e talvez até eventos de submersão e desaparecimento de regiões que já foram centros de grandes culturas.

Esses seus percentuais — ainda que subjetivos — refletem de maneira clara os desafios lógicos enfrentados pelas hipóteses migratórias tradicionais. E justamente esses desafios é que nos convidam a explorar explicações mais profundas, incluindo a possibilidade de "ecos" deixados por ciclos civilizatórios anteriores e esquecidos.

Henry Lowell:

Como a ciência dialética é baseada numa filosofia materialista e ateísta, ela só consegue propor uma hipótese plausível: a migração a partir do continente usando canoas de madeira.

Mas se considerarmos que a história da humanidade não começou apenas há 5 ou 7 mil anos, e sim passou por vários ciclos de civilização, então muitos pontos difíceis de explicar se tornam mais fáceis de compreender...

Falando nisso, lembro-me de outro sítio arqueológico muito famoso: a Pirâmide Maia no México e outros vestígios na América do Sul... Embora a ciência oficial

diga que essas estruturas têm pouco mais de mil anos, eu acho que não é tão simples assim...

Na minha opinião, as Américas são um tesouro arqueológico gigantesco que ainda não foi devidamente explorado...

Mas, professor, já está quase na hora do almoço. Podemos deixar o tema dos Maias e da América do Sul para amanhã?

Professor Solomon:

(Assente com a cabeça, um sorriso de concordância se desenha claramente em seu rosto)

Henry, você resumiu com muita precisão os pontos essenciais da nossa conversa. De fato, a ciência empírica, baseada em sua filosofia subjacente, tende a buscar explicações dentro dos limites do que pode ser observado e medido — e isso, por vezes, restringe nossa visão diante dos grandes mistérios do passado.

A hipótese da migração por canoas de madeira, apesar de repleta de desafios, ainda é considerada uma opção “razoável” dentro desse paradigma, se comparada à aceitação da existência de civilizações avançadas que desapareceram, ou de capacidades que vão além do nosso conhecimento atual.

E concordo plenamente com você: se admitirmos que a história da humanidade se estende por vários ciclos civilizacionais, então muitos dos “enigmas” que discutimos — das Pirâmides de Gizé, Stonehenge, até as ilhas isoladas do Pacífico — começam a ganhar explicações mais coerentes e profundas.

(Os olhos do Professor se iluminam ao ouvir Henry mencionar os Maias e a América do Sul)

Você tem razão: a civilização Maia no México e na América Central, junto com outros legados culturais enigmáticos da América do Sul como Nazca, Tiawanaku, Puma Punku... são verdadeiros tesouros arqueológicos, repletos de maravilhas e de perguntas ainda sem resposta.

A visão tradicional costuma datar as grandes construções Maias entre o século III e o século X da era cristã. Mas compartilho com você a sensação de que a história dessa região pode ser muito mais antiga e complexa. O impressionante conhecimento astronômico, o calendário extremamente sofisticado, as enormes estruturas de pedra... tudo isso aponta para uma profundidade intelectual extraordinária.

(O professor olha para o relógio e sorri)

E você foi muito atento — nossa manhã está chegando ao fim. O tema dos Maias e da América do Sul é vastíssimo e merece um espaço próprio para mergulharmos juntos. Terei imenso prazer em continuar essa conversa com você amanhã. Exploraremos as pirâmides em degraus, as cidades perdidas na selva e os sinais enigmáticos nas altitudes dos Andes.

Obrigado, Henry, por esta manhã cheia de perguntas e reflexões tão ricas e profundas. Aprecio sinceramente sua mente aberta e sua paixão por desvendar os mistérios.

Até amanhã cedo. Continuaremos juntos essa jornada pelos “ecos antes do tempo”.

SEGUNDO DIA

Henry Lowell:

Bom dia, Professor Solomon!

É um grande prazer reencontrá-lo hoje para continuarmos os temas que ficaram em aberto na nossa conversa de ontem...

Professor Solomon:

Bom dia, Henry. Também estou muito contente por tê-lo de volta. Sente-se, por favor.

(O Professor indica a cadeira em frente à sua mesa de trabalho, onde já repousa um bule de chá quente.)

A conversa de ontem realmente tocou em muitos pontos essenciais, e percebi que você refletiu profundamente sobre eles. Hoje, vamos nos aprofundar ainda mais nos “ecos” das civilizações gloriosas que já existiram, bem como em eventos marcantes na história da Terra.

Você está pronto?

Henry Lowell:

Sim, Professor. A conversa de ontem realmente me abriu muitos horizontes. As evidências sobre civilizações pré-históricas e, especialmente, suas análises sobre a Pirâmide de Gizé, juntamente com os relatos da sua filha Laura sobre o que ela pôde observar com seu olho celestial — foram realmente impressionantes...

Ontem começamos a falar sobre os Maias e os vestígios encontrados pela América do Sul... Hoje, o senhor poderia começar nos falando mais sobre os Maias?

Professor Solomon:

(Sorri e serve chá para Henry e para si)

Claro, Henry. O fascínio que você demonstrou é o mesmo que muitos sentem ao se deparar com essas informações de forma aberta e desprovida de preconceitos. A habilidade da Laura, embora às vezes

traga visões surpreendentes como peças de um quebra-cabeça perdido, também exige cautela: o que ela “vê” nem sempre é algo nítido ou direto. Muitas vezes são imagens, percepções sutis, que requerem comparação e reflexão adicional.

(Faz uma breve pausa e toma um gole de chá)

Muito bem. Os Maias — os guardiões do tempo cósmico, como costume chamá-los — representam um tema profundo e cheio de enigmas. O legado que deixaram, desde a arquitetura até seus calendários, constitui um grande desafio para a compreensão atual que temos da história, além de ser uma forte evidência da existência de ciclos civilizatórios de altíssimo nível.

De forma geral, o que torna os Maias tão especiais não é apenas a imponência das estruturas que ergueram em plena selva, mas a profundidade de seu conhecimento sobre o cosmos. Eles pareciam deter uma sabedoria que vai muito além do que normalmente associamos a uma civilização antiga.

O sistema de calendários, com ciclos de tempo extremamente longos e precisos, demonstra uma preocupação com as leis do universo que vai além das necessidades agrícolas ou práticas. Suas lendas sobre eras de criação e destruição revelam uma visão cíclica do

tempo e da história que difere radicalmente da nossa narrativa linear.

E quanto às suas origens, também há indícios instigantes — talvez não tenham simplesmente se desenvolvido ali, mas herdado um legado vindo de terras distantes, com uma missão especial. Isso pode ter moldado o desenvolvimento singular da civilização Maia, uma cultura que parece ter se focado mais no despertar da consciência e na conexão espiritual do que em avanços tecnológicos no sentido material como os conhecemos hoje.

Henry Lowell:

Sim, a primeira pergunta:

De acordo com as informações que conheço, muitos estudiosos afirmam que as pirâmides maias foram construídas há cerca de 1500 anos, mas pessoalmente eu tenho minhas dúvidas... É muito possível que sejam obras de uma civilização muito mais antiga... Qual é a sua opinião sobre isso?

Professor Solomon:

(Acena com a cabeça, em sinal de concordância)

Uma pergunta muito perspicaz, Henry. E devo dizer que a sua desconfiança é absolutamente justificada. De fato, a

datação de cerca de 1500 anos atribuída por muitos pesquisadores às grandes construções maias — como as pirâmides de Tikal ou Palenque — pode ser apenas a parte visível de um imenso iceberg histórico.

Pessoalmente, compartilho da mesma impressão. É bem possível que o que vemos hoje, ou mesmo as datas obtidas pelos métodos atuais, reflitam apenas a fase final de uso, ou então modificações e ampliações feitas pelos maias históricos. Mas as fundações e a estrutura original de muitas dessas construções podem muito bem ser remanescentes de uma era muito mais remota — talvez legados de uma ou várias civilizações anteriores.

Imagine o seguinte: uma civilização avançada da antiguidade construiu esses monumentos com uma técnica e propósito extraordinários. Após o colapso ou desaparecimento dessa civilização, ao longo de milhares ou até dezenas de milhares de anos, os maias posteriores — talvez descendentes ou povos migrantes — encontraram essas estruturas. Eles podem tê-las restaurado, ampliado ou simplesmente reutilizado, reinterpretando-as à sua maneira.

Quando os arqueólogos modernos fazem escavações, os materiais orgânicos usados para datação por carbono podem estar associados apenas às camadas de ocupação mais recentes, e não aos construtores originais.

Além disso, o nível de sofisticação arquitetônica, a complexidade do planejamento urbano e, especialmente, o conhecimento astronômico incorporado às construções parecem desproporcionais para uma civilização que teria "começado" apenas alguns séculos antes de Cristo e atingido seu apogeu pouco depois. Vemos um "salto" de conhecimento que sugere herança ou talvez uma "transmissão" a partir de uma origem mais profunda.

Laura, ao “sentir” certos locais maias antigos, às vezes me diz que tem a impressão de “múltiplas camadas de tempo” sobrepostas. Em certos sítios, ela percebe uma “energia muito antiga”, uma “memória” que não parece pertencer aos maias históricos, mas a uma época ainda mais distante. É claro que essas são apenas percepções intuitivas, mas que servem como uma perspectiva adicional às nossas dúvidas.

Portanto, minha opinião é que muitas pirâmides e construções maias famosas podem ser o produto de uma civilização muito mais antiga. Os maias que conhecemos talvez tenham sido os guardiões, os herdeiros ou mesmo os restauradores de um legado muito maior.

Henry Lowell:

Então, Professor, o senhor teria alguma evidência concreta para apoiar a ideia de que essas construções são

verdadeiramente atemporais e cheias de mistérios? Por exemplo, o calendário maia, ou certas gravuras e símbolos?

Professor Solomon:

(Acena com entusiasmo, os olhos brilham)

Muito apropriado você perguntar por provas concretas, Henry. É justamente esse conjunto de evidências que tem levado muitos estudiosos — inclusive eu — a questionar as datas oficiais e a verdadeira natureza da civilização maia.

Vamos começar pelo calendário deles. Ele é, sem dúvida, uma das maiores realizações intelectuais do mundo antigo — e ao mesmo tempo, um dos seus maiores enigmas.

Os maias não tinham apenas um calendário, mas diversos sistemas interligados entre si. Os mais conhecidos são o Tzolkin (de 260 dias) e o Haab (de 365 dias), que se combinam para formar um Ciclo de Calendário de 52 anos. Mas o mais impressionante é o Calendário da Contagem Longa (Long Count), um sistema que contabiliza ciclos de tempo imensamente longos, abrangendo milhares ou até milhões de anos.

E aí surge a pergunta: por que uma civilização agrícola, em tese, precisaria de um sistema tão complexo, que

calcula intervalos temporais muito além da vida humana e das necessidades práticas como colheitas e rituais?

Eles calcularam com precisão o ciclo de Vênus, com erro de apenas algumas horas em 500 anos — um feito que os astrônomos europeus só alcançaram muito depois, com auxílio de telescópios.

Eles também tinham amplo conhecimento de outros ciclos celestes, constelações, e possivelmente até do movimento galáctico.

De onde veio esse conhecimento? Teria sido o resultado de milênios de observação rigorosa? Ou talvez um legado herdado de uma civilização anterior que possuía instrumentos e métodos que ainda desconhecemos?

Laura, ao conversar comigo sobre a complexidade dos calendários maias, me disse que ela “sente” que aquilo não são apenas números — é um “ritmo do cosmos”, um “fluxo de energia imensa” que os antigos maias tentaram compreender e registrar.

E agora, sobre as gravuras e esculturas — elas formam um verdadeiro tesouro de enigmas.

Um dos exemplos mais famosos, e também mais polêmicos, é a tampa do sarcófago do Rei Pakal em Palenque. Quando você olha para aquela imagem, o que vê?

Muitos pesquisadores mais abertos apontam detalhes curiosos: a figura parece sentada dentro de uma espécie de máquina, com as mãos sobre algo semelhante a um painel de controle, os pés em pedais, e ao fundo, formas que lembram chamas ou propulsores. O nariz parece conectado a um tubo de respiração. Toda a composição sugere, para alguns, um astronauta pilotando uma nave espacial.

Claro, a arqueologia tradicional interpreta aquilo como símbolos mitológicos maias: a Árvore da Vida, a descida ao submundo... Mas será que essas explicações realmente cobrem todos os detalhes? Ou estamos tentando encaixar algo complexo em moldes que nos são mais familiares?

Quando mostrei essa imagem para Laura, ela não disse “astronauta” — isso seria um conceito moderno demais. Mas ela afirmou que sentiu um “movimento muito intenso”, uma energia concentrada, e a sensação de “ir longe”, de atravessar limites convencionais.

Além da tampa do sarcófago de Pakal, há também outras esculturas e estatuetas de cerâmica em vários sítios maias que retratam figuras humanas com vestimentas estranhas, capacetes elaborados, ou até objetos voadores não identificáveis. Em locais como Quiriguá e Copán, encontramos relevos de deuses ou seres poderosos com atributos que não parecem humanos comuns.

Tudo isso — os calendários extraordinários, as gravuras enigmáticas — são “ecos” poderosos que sugerem que os maias, ou ao menos uma elite entre eles, possuíam ou herdaram conhecimentos e tecnologias muito além do que normalmente lhes atribuímos.

Essas representações não são apenas frutos de uma imaginação fértil. É possível que reflitam, de forma simbólica ou estilizada, verdades históricas ou visões cósmicas que uma civilização antiga, mais sábia do que supomos, realmente detinha.

Henry Lowell:

Para criar um calendário como esse, eu vejo duas possibilidades mais plausíveis:

- A primeira, é que eles tinham um conhecimento astronômico mais profundo do que a ciência atual;
- A segunda, é que eles contavam com sacerdotes ou xamãs dotados de habilidades especiais, como no caso da pequena Laura, cuja visão celestial foi aberta.

No primeiro caso, não vemos indícios de que os povos locais de 1500 anos atrás tivessem esse nível de capacidade; e no segundo caso, tampouco vejo ali um sistema de cultivo espiritual desenvolvido como o Budismo, o Taoismo ou o Cristianismo... Portanto, minha conclusão é que, muito provavelmente, os autores

daquele sistema de calendário pertencem a um ciclo civilizacional anterior.

Professor Solomon:

(Acena lentamente, em tom reflexivo)

Sua análise é bastante lógica, Henry. As duas hipóteses que você apresenta tocam em pontos essenciais. E concordo com sua conclusão: a possibilidade mais forte é que esse conhecimento profundo, especialmente o calendário, tenha origem em um ciclo civilizacional anterior.

Vamos examinar com mais atenção cada uma das situações que você mencionou:

No primeiro caso — a hipótese de que os maias possuíam um conhecimento astronômico superior ao da ciência atual em certos aspectos —, se considerarmos que isso tenha surgido dentro do intervalo de 1500 anos e que os maias desenvolveram tudo isso do zero, então, como você bem notou, não há vestígios de um processo evolutivo contínuo. Não encontramos instrumentos de observação sofisticados compatíveis, nem um sistema teórico-científico organizado registrado de forma sistemática que justificasse tais conquistas. Parece um salto de conhecimento sem degraus anteriores. Isso reforça ainda mais a hipótese de uma herança, e não de uma criação espontânea.

No segundo caso — a hipótese de indivíduos com habilidades especiais, como sacerdotes ou xamãs capazes de “ver” ou “sentir” as leis do cosmos —, acredito que seja algo perfeitamente possível. Muitas culturas antigas valorizavam pessoas assim, que ocupavam papéis centrais na orientação espiritual e preservação do saber.

A capacidade de Laura, embora especial, talvez não seja única na história da humanidade. No entanto, como você observou, não há indícios de um sistema estruturado de “cultivo interior” como nas grandes religiões conhecidas. Ainda assim, isso não quer dizer que não houvesse métodos próprios, talvez secretos, reservados a pequenos grupos de sacerdotes, astrônomos ou iniciados.

Os rituais e práticas que conhecemos hoje podem ser apenas a superfície de um sistema muito mais profundo, que ainda não deciframos por completo.

Laura, ao “sentir” os antigos sacerdotes maias, costuma dizer que eles tinham uma “conexão muito intensa com as estrelas e com a Terra”, e que realizavam cerimônias com um “nível de concentração espiritual altíssimo”, como se estivessem “abrindo portais para outras formas de percepção”. Isso sugere a existência de métodos próprios, ainda que diferentes dos nossos paradigmas espirituais modernos.

Mesmo com indivíduos dotados de tais capacidades, criar um sistema de calendário tão vasto e preciso como o maia exigiria ou um acúmulo de conhecimento ao longo de milênios, ou então uma “revelação” em escala muito maior.

Por isso, me inclino à hipótese de que pode ter havido uma combinação das duas coisas: indivíduos com dons extraordinários — talvez herdeiros de uma linhagem antiga — que conseguiam acessar e interpretar conhecimentos legados de civilizações anteriores. Esse saber pode ter sido preservado de várias formas: oralmente, em códices (muitos dos quais foram destruídos), ou até mesmo codificado nas estruturas arquitetônicas que herdaram.

Assim, o calendário maia não é exclusivamente uma criação dos maias históricos, mas sim um “eco” de civilizações predecessoras, interpretado e aperfeiçoado por eles. É um exemplo claro de que a história não é uma linha reta em ascensão, mas sim uma sucessão de ciclos, nos quais o conhecimento pode se perder, ser redescoberto, transmitido e reinventado.

Henry Lowell:

Sim, Professor, faz sentido. Talvez não seja necessário um sistema espiritual como o Budismo — pode ter

havido apenas uma transmissão em pequenos grupos, para indivíduos selecionados...

Falando do calendário maia, lembro que há mais de 10 anos, Hollywood lançou um filme muito famoso chamado "2012", no qual diziam que o calendário maia previu com exatidão uma grande catástrofe — algo como o fim do mundo — em uma data específica de 2012. Hollywood teria se inspirado nisso para fazer o filme...

O que o senhor pensa sobre essa questão de “2012”?

Professor Solomon:

(Sorri com leve ironia)

Ah, o filme “2012”! Sim, ele gerou uma onda de interesse — e até de pânico — ao redor do mundo sobre o dia 21 de dezembro de 2012. Hollywood tem seu próprio estilo de contar histórias — normalmente adicionando doses generosas de drama.

Quanto à data de 2012 e à chamada “profecia do fim do mundo” atribuída ao calendário maia, minha visão é um pouco diferente daquela apresentada no filme.

Na realidade, os maias nunca previram um “fim do mundo” no sentido de destruição total.

A data 21 de dezembro de 2012 marcava o fim de um grande ciclo no sistema da Contagem Longa — mais precisamente, o fim do 13º Baktun. Cada Baktun dura cerca de 394 anos, e 13 Baktuns formam um Grande Ciclo de aproximadamente 5.125 anos.

Para os maias, o término de um ciclo como esse não significava colapso absoluto, mas sim uma transição, um renascimento, o início de um novo ciclo. Como o fim de um dia que dá lugar a outro, ou a virada de um ano. Era um ponto de mudança — talvez energética, talvez espiritual ou até mesmo cósmica — mas não necessariamente física ou destrutiva.

Muitos estudiosos e pessoas que mergulham na cosmovisão maia acreditam que a data representava uma oportunidade de “despertar”, um momento de transição para um novo estágio de consciência. Era como uma porta aberta — se a atravessamos ou não, e como a atravessamos, dependia de cada um.

Quando penso nessa transição, também me lembro de artefatos misteriosos como os Crânios de Cristal — que talvez discutamos mais adiante. Há hipóteses que dizem que esses objetos seriam receptáculos de conhecimento ou energia, e poderiam desempenhar papéis importantes em momentos de mudança cíclica como esse — talvez como “chaves” de conexão com planos superiores ou com a herança espiritual das civilizações ancestrais.

Laura, que ainda era pequena naquela época, me disse que “sentia o ar diferente”, como uma “leve agitação na energia ao redor” — não era medo, nem uma sensação de desastre, mas algo mais sutil.

Então, para mim, “2012” deve ser compreendido não como um presságio de destruição, mas como um lembrete do caráter cíclico do universo — um sinal de que algo estava sendo encerrado para que algo novo pudesse surgir. É um “eco” do passado que nos alerta sobre o fim de um modelo antigo, e a possibilidade de um futuro totalmente renovado.

Henry Lowell:

Acredito que, ao se criar um calendário tão elaborado como esse, ele não foi idealizado apenas por uma única pessoa, mas sim fruto da sabedoria coletiva, desenvolvida ao longo de várias gerações dentro de uma civilização avançada. Portanto, não pode ter sido feito simplesmente para contar os dias por diversão...

Conheço um monge que uma vez compartilhou comigo que o motivo de o calendário deles não ter se concretizado como muitos pensavam, não foi por erro, mas porque uma entidade criadora superior teria adiado o grande evento — ou seja, o evento estava previsto para o dia 21 de dezembro de 2012, mas foi postergado... Se

isso for verdadeiro, então sinto que a sabedoria daqueles que construíram as Pirâmides Maias e o próprio calendário é realmente extraordinária.

Sobre os crânios de cristal que o senhor mencionou, lembro vagamente de já ter lido algo... O senhor poderia explicar melhor?

Professor Solomon:

(Acena com a cabeça pensativo, o olhar revela um profundo respeito)

Você disse algo muito profundo, Henry. “Não foi criado apenas para contar os dias por diversão” — isso está absolutamente correto. Uma obra intelectual tão grandiosa como o calendário Maia, se realmente for o produto de uma coletividade ao longo de muitas gerações — ou mesmo de todo um ciclo civilizacional — certamente contém significados e propósitos muito além do que conseguimos perceber à primeira vista.

Sobre o que compartilhou seu amigo monge — que um grande evento foi “adiado” por uma Entidade Criadora Suprema — essa é uma perspectiva muito interessante, e que não está fora do escopo de algumas correntes espirituais. Se isso for verdadeiro, isso reforça ainda mais nossa reverência à sabedoria extraordinária daqueles que criaram tal calendário. Eles não apenas calculavam ciclos astronômicos com precisão, mas talvez também

percebiam — ou recebiam por revelação — os "pontos de inflexão" no fluxo do tempo do universo, momentos em que grandes acontecimentos poderiam ocorrer segundo um "roteiro" cósmico já estabelecido. Se um evento dessa magnitude foi "adiado", isso apontaria para a compaixão e o poder imensurável de forças divinas, bem como o papel da Terra e da humanidade dentro de um plano muito maior.

(O professor faz uma breve pausa, como se deixando as ideias se assentarem.)

E sim, como você lembrou, os Crânios de Cristal são artefatos frequentemente ligados aos mistérios das civilizações antigas, especialmente os Maias — e talvez até mesmo à Atlântida. São verdadeiramente peças fascinantes e enigmáticas.

Segundo o que estudei — e também a partir das "percepções" da Laura — parece que não existe apenas um ou dois, mas vários Crânios de Cristal, criados por diferentes povos, em diferentes ciclos de civilização, e com finalidades variadas. Nem todos teriam a mesma origem ou a mesma função.

Algumas pesquisas aprofundadas — e também as percepções da Laura — sugerem que muitos desses crânios teriam sido criados com o propósito de armazenar informações, conhecimentos, talvez até uma

forma de consciência. Há quem acredite que eles são “selos de alma” de antigos sábios, ou formas de energia sutil que a ciência moderna ainda não consegue explicar — mas que teriam a capacidade de guardar e transmitir mensagens através das eras.

Laura, ao se concentrar nas imagens de alguns dos Crânios de Cristal mais famosos — ou ao estar próxima de réplicas de alta qualidade — frequentemente relata sentir campos energéticos muito intensos emanando deles. Às vezes percebe fluxos de consciência, memórias vívidas, visões rápidas de cenas e pessoas de tempos antigos. Ela diz que cada crânio parece ter uma “personalidade”, uma “frequência” distinta, e que nem todos conseguem “ler” ou “se conectar” com eles. Alguns transmitem sensações de erudição profunda, outros carregam uma tristeza abissal, outros ainda emitem uma força energética quase impulsiva.

Isso sugere que eles não são apenas objetos inertes, mas sim “bibliotecas vivas”, “dispositivos de armazenamento” de informações por meio de uma tecnologia que esquecemos como utilizar.

Henry Lowell:

Oh... Se realmente houver vários Crânios de Cristal, criados não em um único período, mas ao longo de

múltiplos ciclos... Se isso for verdade, então temos uma evidência concreta de que a Terra já abrigou diversas eras de civilizações avançadas.

Professor Solomon:

(Acena com a cabeça, com o olhar iluminado)

Exatamente, Henry! Você captou algo muito essencial. Se de fato existirem múltiplos Crânios de Cristal, criados por culturas distintas, em tempos separados — talvez até mesmo pertencentes a diferentes ciclos de civilização — então temos aí uma evidência indireta, mas extremamente poderosa, de que a história da Terra não segue uma linha reta simples.

Isso sugere que, em diversas ocasiões, civilizações alcançaram certo nível de desenvolvimento elevado, criaram artefatos sofisticados com propósitos profundos, e depois, por algum motivo, entraram em declínio ou desapareceram — deixando para trás esses objetos como “ecos silenciosos”.

Cada Crânio de Cristal, se tiver origem e datações diferentes, se torna uma espécie de “marcador” de um capítulo esquecido na grande história do nosso planeta.

Quando Laura “sintoniza” com eles, ela não identifica datas precisas — isso está além de suas capacidades — mas a variedade nas “personalidades” e “energias” que

percebe em diferentes crânios reforça a ideia de que eles não vieram todos de um mesmo tempo ou povo. Alguns transmitem uma sensação de antiguidade tão remota que desafia até os parâmetros atribuídos às culturas Maia ou Asteca.

Isso está alinhado também com aquilo que discutimos anteriormente sobre os OOPArts — os artefatos fora do tempo. Cada Crânio de Cristal, se comprovadamente antigo e dotado de uma técnica de lapidação muito além da época a que pertence, pode ser considerado um OOPArt — desafiando tudo o que achamos que sabemos sobre o passado.

Portanto, como você disse muito bem: a diversidade desses objetos, se analisada com abertura de espírito, representa uma peça fundamental no quebra-cabeça sobre os ciclos de civilização.

Henry Lowell:

Como o senhor mencionou acima, se esses crânios foram realmente criados para conter informações, então é bem possível que guardem mensagens e conhecimentos que seus criadores quiseram transmitir às gerações futuras — e talvez esse "futuro" seja exatamente esta época em que vivemos.

Professor Solomon:

(Sorri, o olhar revela profunda sintonia)

Uma dedução muito perspicaz e coerente, Henry. “Mensagens e conhecimentos para uma geração futura distante, e esse ‘futuro’ seria o nosso tempo atual” — eu concordo plenamente com essa visão. Essa é também uma das possibilidades que eu, assim como muitos pesquisadores de mente aberta, frequentemente consideramos.

Se os Crânios de Cristal são mesmo “repositórios” de informação, então é perfeitamente plausível que tenham sido concebidos com a intenção de resistir à destruição pelo tempo, de atravessar os abismos entre ciclos de civilização, para chegar até um “momento” específico no futuro. E por que não poderia esse momento ser exatamente a era em que vivemos agora — uma era em que a humanidade se encontra diante de encruzilhadas críticas, buscando desesperadamente respostas para grandes questões sobre sua origem e seu propósito?

Talvez os criadores desses objetos, com uma visão que ultrapassava séculos ou milênios, tenham previsto os desafios, as crises ou mesmo as oportunidades que os descendentes enfrentariam. E decidiram deixar chaves, pistas, fragmentos de conhecimento capazes de nos ajudar a entender melhor quem somos, o que é o

universo — e talvez até mesmo as leis que regem o fluxo da história.

A questão é: como “ler” essas mensagens? Isso não é algo tão simples quanto abrir um livro.

De acordo com o que Laura “sente”, conectar-se a um Crânio de Cristal parece exigir algum tipo de “compatibilidade” energética, ou um estado de consciência específico. Nem todos conseguem “ouvir” o que eles “dizem”. O que ela percebe não são frases escritas nem vozes audíveis, mas sim flashes de imagens, ondas intensas de emoção, ou fluxos de consciência que parecem se derramar. É como tentar sintonizar uma frequência invisível — algo que exige quietude, sensibilidade e, talvez, uma certa abertura interior.

Também é possível que nem todos os Crânios de Cristal contenham mensagens destinadas à nossa civilização atual. Alguns podem ter sido feitos com outros propósitos, ou direcionados a tempos futuros ainda mais distantes. Mas se houver entre eles aqueles que realmente guardam um “legado” para nós, então descobrir a forma de acessá-lo e compreendê-lo seria uma das maiores revelações da humanidade.

E isso ainda nos leva a outra possibilidade: será que eles são apenas artefatos passivos de armazenamento? Ou será que poderiam “interagir” conosco — ou com o ambiente — de maneiras que ainda desconhecemos?

Alguns pesquisadores sugerem que, em determinadas condições — como em locais com campos energéticos intensos, como o interior de pirâmides, ou durante rituais especiais —, esses crânios poderiam atuar como amplificadores de consciência, ou como instrumentos de conexão com fontes de energia cósmica, talvez até com outras dimensões ou linhas do tempo. Naturalmente, tudo isso são hipóteses, mas abrem caminhos fascinantes para reflexão.

O fato de estarmos voltando nossos olhos para eles agora, talvez não seja uma coincidência. Quem sabe este seja o momento em que suas “mensagens” precisam finalmente ser ouvidas.

Henry Lowell:

Sim, eu acredito que coisas como o calendário maia, os crânios de cristal, ou até mesmo as pirâmides do Egito, ainda escondem seu verdadeiro propósito de existência — talvez estejam apenas aguardando por um momento específico para serem reveladas de alguma forma...

Professor Solomon:

(Acena com a cabeça, o olhar perdido na distância, a voz assume um tom mais grave)

Você está absolutamente certo, Henry. Essa é uma percepção que, creio eu, muitos de nós sentimos ao nos depararmos com esses legados grandiosos e misteriosos. Parece que o calendário maia, os Crânios de Cristal, ou as Pirâmides do Egito não são apenas vestígios do passado. Eles carregam um “silêncio” cheio de significado, uma “espera” intencional.

Talvez os que os criaram, com uma inteligência e visão muito além da nossa, soubessem que as mensagens e os conhecimentos que deixaram não seriam compreendidos de imediato. Eles os “codificaram”, não apenas em linguagem ou símbolos, mas talvez também na própria estrutura, nos materiais e até na “energia” dessas criações. E estão aguardando — aguardando um “momento” apropriado, um “destino” específico, quando a consciência da humanidade, ou ao menos de uma parte dela, esteja madura e aberta o suficiente para “decifrar” e absorver.

Essa revelação pode não vir apenas por novas escavações arqueológicas ou análises científicas convencionais. Ela pode surgir da transformação da nossa consciência, da nossa disposição em fazer perguntas que transcendem os paradigmas atuais, e da nossa capacidade de “sentir” significados mais profundos.

E talvez, de fato, esses artefatos sejam “ferramentas” projetadas para o futuro. Além de serem “bibliotecas” de

informação, alguns Crânios de Cristal — ou até as próprias pirâmides — podem ter sido desenhados para interagir com energia, com consciência.

Algumas hipóteses sugerem que as pirâmides não eram apenas túmulos ou observatórios astronômicos, mas verdadeiras máquinas de energia, capazes de captar, concentrar e amplificar diversos tipos de energia — tanto cósmica quanto terrestre. E se um Crânio de Cristal, que por si só já teria propriedades energéticas especiais, fosse posicionado num ponto estratégico dentro de uma pirâmide ou em um local de cruzamento de linhas telúricas, será que poderiam, juntos, gerar algum tipo de efeito extraordinário? Talvez amplificar a consciência, estabelecer conexão com redes de informação cósmica, ou até “ajustar” e “harmonizar” com os fluxos energéticos da Terra?

Isso não seria um “portal estelar” no sentido da ficção científica, mas sim ferramentas muito mais sutis, baseadas em princípios energéticos e de consciência que só agora começamos a explorar.

Laura, ao “sentir” a combinação de certas pirâmides com objetos como os Crânios de Cristal, descreveu uma sensação de “ressonância”, um “fluxo energético direcionado” e uma “expansão do espaço da consciência”. Isso reforça a ideia de que esses não são objetos inertes.

Tudo isso — ainda que envolto em mistério — sugere uma compreensão e uma tecnologia muito diferente da dos tempos modernos. Talvez mais alinhada com as leis naturais e espirituais do universo.

Henry Lowell:

O propósito específico da existência deles ainda é uma grande incógnita esperando ser desvendada...

E quanto às ruínas espalhadas pela América do Sul, professor, o senhor pesquisou profundamente sobre elas? Há alguma conexão com as pirâmides maias do México?

Professor Solomon:

(Acena com a cabeça, os olhos voltam-se para um antigo mapa na parede, marcado com diversos sítios arqueológicos importantes)

Você tocou num ponto fundamental, Henry. O verdadeiro propósito desses monumentos ainda está envolto por um véu de mistério — e talvez estejamos apenas começando a nos aproximar de suas bordas.

Sua pergunta sobre as ruínas da América do Sul e sua possível conexão com a civilização maia no México é muito pertinente. De fato, as Américas — do norte ao sul — estão salpicadas de obras arquitetônicas antigas e

grandiosas, e cada uma parece trazer consigo perguntas profundas. Eu mesmo dediquei bastante tempo a investigar essas estruturas.

Existe uma ligação direta entre os maias e as civilizações andinas como os incas, ou mesmo culturas mais antigas como Tiwanaku, Chavín ou Nazca? Essa é uma questão complexa. Geograficamente, estão separadas por vastas florestas e cadeias de montanhas. No entanto, não podemos descartar por completo a possibilidade de que tenham ocorrido contatos, trocas culturais ou até migrações em tempos remotos que ainda desconhecemos.

Vemos algumas semelhanças notáveis. Por exemplo, a técnica de construção com blocos de pedra gigantescos, cortados e encaixados com perfeição sem uso de argamassa, aparece tanto entre os maias quanto, de forma ainda mais impressionante, em locais como Sacsayhuamán, perto de Cusco, ou Ollantaytambo — e especialmente em Puma Punku e Tiwanaku, próximos ao lago Titicaca, na Bolívia. Os blocos em Puma Punku foram talhados com precisão absurda, com cortes retos, ângulos perfeitos e perfurações tão refinadas que parecem ter exigido ferramentas modernas.

Além disso, diversas tradições contam histórias sobre deuses fundadores, seres que teriam vindo do mar ou até das estrelas, trazendo conhecimento. Seriam ecos de uma mesma origem mítica?

Quando falei com Laura sobre essa diversidade de ruínas na América, ela disse sentir uma “linha invisível de conexão”, uma “memória triste de uma era gloriosa já passada” que parecia envolver todo o continente. Ela não apontou uma influência direta de uma civilização sobre a outra, mas descreveu como se fossem “ramificações” diferentes de uma “raiz” muito mais antiga, ou como se todas compartilhassem um “espaço de consciência” comum no passado distante.

Ainda assim, é importante reconhecer que cada uma dessas culturas tem características muito próprias. Os maias se destacaram pelo sistema de escrita e calendário astronômico; os incas brilharam na organização estatal e na engenharia em regiões montanhosas; e os geoglifos de Nazca representam um mistério à parte, com desenhos gigantescos que só podem ser vistos do céu.

Portanto, ao invés de buscar uma conexão direta e simplista como “os maias influenciaram os incas”, talvez devêssemos ver o continente americano como palco do surgimento e declínio de diversas civilizações avançadas — algumas independentes, outras possivelmente conectadas — e, quem sabe, algumas descendentes ou inspiradas por ciclos anteriores de civilização, por um “Atlântida” ou “Mu” das Américas, se quisermos usar nomes simbólicos.

Todas essas ruínas — estejam no México, no Peru ou na Bolívia — são peças de um quebra-cabeça maior: o de um passado muito mais rico e complexo do que aquilo que os livros escolares costumam nos ensinar. Juntas, elas ecoam as incríveis capacidades do ser humano e os ciclos de ascensão e queda da história.

Henry Lowell:

Sim, ontem também mencionamos uma figura gravada numa rocha com cerca de 30 mil anos no Peru, na qual aparece uma pessoa observando o céu... Eu acredito que certamente há muitos outros sinais semelhantes espalhados por essa vasta região da América do Sul.

E o senhor mencionou “Atlântida”, esse é um tema muito conhecido nos países ocidentais, mas parece que até agora ainda não temos uma prova concreta que confirme sua existência, certo?

Professor Solomon:

(Acena com a cabeça)

Correto, Henry. A imagem da pessoa observando o céu gravada naquela rocha de 30 mil anos que mencionamos anteriormente é apenas um exemplo emblemático. Eu acredito que existam inúmeros outros “sinais” semelhantes — evidências de um nível de

desenvolvimento surpreendente — espalhados por toda a América, desde megálitos até lendas antigas, que ainda aguardam ser descobertos e compreendidos com a devida seriedade. Cada nova descoberta fortalece a hipótese dos ciclos de civilizações pré-históricas.

(O professor faz uma pausa, e seu olhar torna-se mais contemplativo quando Henry menciona Atlântida.)

E você mencionou um nome absolutamente lendário: Atlântida. De fato, no Ocidente, esse tema tem cativado o interesse, gerado debates e impulsionado buscas incansáveis por séculos. Você está certo: se estivermos procurando uma “prova definitiva” segundo os critérios da ciência empírica moderna — ou seja, uma cidade escavada intacta no fundo do mar com inscrições dizendo “Aqui foi Atlântida” — então, de fato, ainda não temos isso.

No entanto, a ausência de uma “prova irrefutável” não significa que Atlântida seja apenas fruto da imaginação.

Para mim, a existência de Atlântida se sustenta sobre múltiplos pilares, e não apenas um.

O primeiro e mais importante são os registros detalhados do filósofo grego Platão, em suas obras “Timeu” e “Crítias”. Platão não apresenta Atlântida como uma fábula simbólica, mas afirma tratar-se de um relato

verdadeiro, transmitido por gerações, originado de Sólon — um legislador sábio de Atenas — que teria ouvido essa história de sacerdotes do Antigo Egito. As descrições de Platão sobre a localização, o tamanho, a estrutura social e a queda de Atlântida são extremamente específicas.

O segundo pilar são os estudos de geologia marinha e oceanografia. Existem evidências de grandes transformações geológicas no Atlântico, incluindo regiões que podem ter sido submersas no passado. Embora não possamos afirmar com certeza que se tratava de Atlântida, esses dados mostram que houve, sim, áreas de terra ou ilhas de grandes proporções que desapareceram sob o mar.

O terceiro pilar — e para mim, uma fonte especial — são as “percepções” de Laura. Embora as visões dela sobre Atlântida sejam mais nebulosas do que, por exemplo, sobre a Pirâmide de Gizé, elas trazem impressões muito vívidas de uma civilização esplendorosa, com cidades irradiando luz e uma tecnologia extremamente avançada baseada em cristais. Ela também sente uma “grande tragédia”, um “colapso rápido e doloroso”.

Portanto, mesmo sem um artefato rotulado como “Atlântida”, a soma de registros antigos, indícios geológicos e intuições profundas — como as de Laura — me leva a acreditar que Atlântida foi, sim, uma realidade

histórica: uma civilização que alcançou o ápice e depois se perdeu no esquecimento. A ausência de provas definitivas pode ser resultado da escala do cataclismo que a destruiu ou, simplesmente, do fato de que ainda não exploramos todos os locais onde ela poderia ter existido.

Henry Lowell:

Falando sobre os “filósofos” antigos como Platão ou Sócrates, talvez muitas pessoas hoje os associem aos pensadores modernos do Ocidente... Mas, pessoalmente, sinto que eles não deveriam ser chamados apenas de “filósofos” — talvez “sábios” ou algum outro nome, pois sinto que o que eles diziam não vinha apenas da lógica dedutiva, mas parecia que eram pessoas esclarecidas, capazes de ver claramente o passado e o futuro... De certa forma, semelhantes à sua filha Laura.

Professor Solomon:

(Sorri, com um semblante caloroso e compreensivo)

Henry, você tocou num ponto extremamente sensível e profundo. Concordo plenamente com sua percepção. O termo “filósofo”, como usamos hoje — especialmente no contexto moderno ocidental — está geralmente vinculado a sistemas de pensamento baseados em lógica, análise e raciocínio puramente intelectual.

Mas ao olharmos para mestres antigos como Platão, Sócrates, Pitágoras, Heráclito e outros, o título de “filósofo” talvez não faça jus à magnitude e à natureza do que eles realmente eram. Chamá-los de “sábios”, como você sugeriu, ou até mesmo “videntes” ou “mestres”, talvez os descreva melhor — pois eles pareciam ser muito mais do que simples intelectuais.

Também tenho a sensação de que os conhecimentos que eles compartilhavam não eram fruto apenas de deduções racionais afiadas — embora, sem dúvida, fossem capazes disso. Parece haver, em seus ensinamentos, uma espécie de “conhecimento direto”, uma conexão com níveis de consciência mais profundos, que vão além dos cinco sentidos comuns. Talvez tenham alcançado esse saber através de práticas interiores, meditações profundas, ou mesmo por meio de algum tipo de “revelação”, que lhes permitiu compreender as leis do universo, a essência da vida, e até vislumbres do passado e do futuro.

No mundo antigo, as fronteiras entre “filosofia”, “religião”, “ciência” e “arte” não eram tão separadas como hoje. Essas áreas se entrelaçavam. Um grande pensador podia ser ao mesmo tempo sacerdote, cientista, artista — e alguém com dons espirituais extraordinários. O objetivo deles não era apenas criar teorias, mas buscar a verdade, a sabedoria, e um modo de viver alinhado com o cosmos.

E ao relacionar isso com a habilidade da Laura, vejo, sim, uma certa semelhança — especialmente no modo como o conhecimento é acessado de forma não convencional. Claro, cada caso é único, e o caminho dos sábios antigos talvez fosse mais deliberado e profundo. Mas o ponto em comum está na capacidade de “ver” ou “perceber” aquilo que está além do alcance das pessoas comuns.

Por isso, quando Platão fala sobre Atlântida, não o vejo apenas como alguém construindo uma alegoria filosófica. Com o nível de sabedoria que ele tinha, é bem possível que estivesse transmitindo uma verdade histórica que lhe foi confiada através de registros antigos preservados — ou até por meio do “saber direto” de mestres iluminados com os quais conviveu.

Henry Lowell:

Eu tendo a concordar com essa linha de pensamento. Porque, se pessoas como Platão fossem apenas “filósofos” no sentido comum, então suas palavras não teriam tido o peso necessário para atrair a atenção das pessoas da época... Portanto, é provável que seus contemporâneos tenham reconhecido nele alguma capacidade especial, algo que um filósofo comum não possuía...

Professor Solomon:

(Acena afirmativamente com força, com os olhos expressando clara concordância)

Você está absolutamente certo, Henry. Essa é uma observação extremamente perspicaz e relevante. Se Platão, Sócrates e outros semelhantes fossem apenas "filósofos" no sentido restrito — pessoas meramente habilidosas no raciocínio lógico — será que o que disseram teria força suficiente para comover, moldar uma civilização inteira e permanecer por milênios? Eu acredito que não.

A influência extraordinária que exerceram, o respeito que receberam de seus contemporâneos, certamente não vieram apenas de sua habilidade argumentativa. Como você bem observou, deve ter havido algo mais — uma sabedoria profunda, talvez derivada de uma capacidade de "ver" ou "compreender" além da média. Eles podem ter sido vistos como pessoas que tocaram alguma camada da Verdade, não apenas com a mente, mas com todo o ser, através de um processo de autodomínio e cultivo interior.

Isso tem um peso muito grande quando consideramos o que deixaram, como, por exemplo, o relato de Platão sobre Atlântida. Se Platão foi considerado por seus contemporâneos não apenas um pensador lógico, mas um sábio com "conhecimentos especiais", ou alguém que

teve acesso a fontes de sabedoria ocultas, então sua história sobre Atlântida adquire um valor completamente diferente. Ela não deve ser encarada como uma fábula inventada, mas sim como um registro histórico, uma memória antiga que ele preservou com respeito.

As pessoas acreditariam que alguém como Platão não contaria uma história sem fundamento, especialmente ao destacar que a ouviu de Sólon e dos sacerdotes do Egito — fontes respeitadas por sua erudição e custódia de saberes antigos. A "excepcionalidade" do narrador reforça a credibilidade do que é narrado.

Portanto, sua observação de que os sábios daquela época eram reconhecidos por possuírem "faculdades especiais" nos ajuda a compreender melhor o papel deles, além de abrir uma nova abordagem, mais aberta, aos legados que, à primeira vista, parecem inverossímeis — como a própria história da Atlântida. Não se trata de crer ou não crer cegamente, mas de considerar a possibilidade de que eles sabiam de coisas que, hoje, ainda não conseguimos compreender por completo.

Henry Lowell:

Sim, vamos então retornar à história da Atlântida, e ouvir com a postura de cidadãos da Antiguidade,

vivendo no tempo desses grandes sábios como Platão, para ver o que eles tinham a nos transmitir...

Professor, poderia relembrar as palavras de Platão sobre Atlântida e compartilhar sua visão pessoal sobre o tema?

Professor Solomon:

(Sorri, com um olhar cheio de reverência)

Essa é uma postura maravilhosa, Henry. "Ouvir como cidadãos da Antiguidade"... é justamente essa disposição interior que nos permite acessar camadas mais profundas de significado — os "ecos" que os grandes sábios desejavam transmitir.

Então, vamos "ouvir" Platão.

(O professor fecha os olhos por um instante, concentrando-se, depois começa a falar pausadamente.)

De acordo com os registros de Platão, especialmente nos diálogos "Timeu" e "Crítias", a história da Atlântida não foi inventada por ele. Platão afirma que se trata de um relato verdadeiro, transmitido ao legislador Sólon — um sábio respeitado de Atenas — por sacerdotes egípcios antigos da cidade de Sais. Esses sacerdotes diziam que seus arquivos preservavam memórias de tempos muito antigos, de eventos que os próprios gregos já haviam esquecido.

Segundo eles, cerca de 9.000 anos antes de Sólon — o que significa aproximadamente 11.500 a 11.600 anos antes do nosso tempo — existia uma grande ilha, ou melhor, um continente chamado Atlântida. Ela ficava além das "Colunas de Hércules" — o atual estreito de Gibraltar — no meio do Oceano Atlântico. A ilha, segundo Platão, era maior que a Líbia (África do Norte) e a Ásia Menor (atualmente Turquia) juntas.

De Atlântida, podia-se navegar para outras ilhas, e dessas, chegar a um "continente oposto" que circundava o verdadeiro oceano (seria esse continente a América?). Atlântida era um reino poderoso, governando não apenas sua própria ilha, mas muitas outras, além de partes desse continente do outro lado.

A capital de Atlântida é descrita com detalhes impressionantes: uma cidade construída em anéis concêntricos de terra e canais de água, conectados por pontes. No centro havia uma colina sagrada com templos magníficos decorados com ouro, prata e especialmente um metal misterioso e valioso chamado "orichalcum", que brilhava como fogo. Havia portos movimentados, sistemas avançados de abastecimento de água, banhos públicos com água quente e fria. As terras eram férteis, ricas em metais, madeiras preciosas, e animais exóticos — Platão chega até a mencionar elefantes.

Eles tinham um exército poderoso, com bigas e frotas navais. E então, com tanto poder, os atlantes tornaram-se arrogantes. Tentaram conquistar Atenas e toda a região do Mediterrâneo. Os antigos atenienses, mesmo sendo menores, resistiram com bravura e conseguiram derrotar os invasores atlantes, libertando muitos povos.

Mas a tragédia não parou por aí. Após a derrota militar, e mais importante ainda, devido à decadência moral — "quando a parte divina deles começou a se enfraquecer", como escreve Platão — os atlantes enfureceram os Deuses. Então, em "um único dia e noite de infortúnio", ocorreram terremotos e inundações devastadoras. A ilha inteira de Atlântida afundou e "desapareceu nas profundezas do mar". A região se tornou um banco de lama intransponível, que impedia a navegação.

(O professor faz uma pausa, abre os olhos e olha para Henry.)

Esses são os principais pontos da narrativa de Platão sobre Atlântida. E quanto à minha visão pessoal...

Primeiro, acredito que essa não era apenas uma alegoria filosófica. A riqueza de detalhes e a ênfase de Platão na origem da história — Sólon e os sacerdotes egípcios — indicam que ele considerava isso como um fato histórico.

Segundo, as "percepções" de Laura, embora mais vagas do que suas visões sobre a Pirâmide de Gizé, ressoam fortemente com o que Platão descreve. Ela "via" cidades brilhantes, onde as pessoas usavam energia de cristais gigantes, lapidados com precisão. Inicialmente, essa energia era usada para fins nobres: iluminação, cura, comunicação, e até para facilitar a locomoção das pessoas. O tal "orichalcum" de Platão talvez não fosse apenas um metal, mas um tipo de matéria energética, ou uma liga especial capaz de conduzir ou amplificar aquela energia.

Terceiro, acredito que a queda de Atlântida não foi apenas por causa de um desastre natural. Platão destaca o fator moral: a arrogância, a ganância, e o enfraquecimento do espírito divino. Isso é crucial. Laura também "sentiu" uma divisão crescente na sociedade atlante. De um lado, os que desejavam avançar a tecnologia ao extremo, explorando ao máximo os cristais de energia. Do outro, os que se sentiam inquietos e queriam retornar aos valores espirituais. Com o tempo, o grupo tecnologista prevaleceu. Laura "viu" que começaram a usar a energia dos cristais como armas devastadoras. Ela descreveu uma arma capaz de desintegrar a matéria a nível molecular. A decadência moral, o abuso do poder — isso foi a semente da destruição. E o desastre natural talvez tenha sido apenas o "julgamento final" do universo, ou dos Deuses.

Atlântida, para mim, é uma lição profunda sobre a ligação entre avanço tecnológico e responsabilidade ética. Uma civilização, por mais grandiosa que seja, se perder seus fundamentos morais e o respeito pelos princípios sagrados do cosmos, inevitavelmente se encaminhará para a autodestruição.

Henry Lowell:

Sobre o tema de Atlântida, lembro-me de um profeta americano chamado Edgar Cayce. Ouvi dizer que ele conseguia acessar muitas informações sobre Atlântida através de hipnose. Acho que li um breve artigo mencionando isso... O professor teria alguma informação mais concreta sobre o que ele disse em relação a Atlântida?

Professor Solomon:

(Acena com a cabeça, um brilho de interesse surge em seus olhos)

Edgar Cayce! Você mencionou uma figura muito notável, Henry. Sim, Edgar Cayce, conhecido como o "profeta adormecido" da América, deixou um enorme legado de "leituras" em estado de transe hipnótico — e uma parte significativa dessas leituras trata de Atlântida com muitos detalhes. O que ele descreveu é realmente fascinante e, em muitos pontos, apresenta semelhanças

surpreendentes com o que Platão escreveu, além das "percepções" de Laura.

Segundo minhas pesquisas sobre as leituras de Cayce, ele não apenas confirmou a existência de Atlântida, mas forneceu um quadro muito mais detalhado sobre sua história, tecnologia e queda.

Um dos pontos centrais que Cayce mencionava com frequência era a tecnologia dos cristais dos atlantes. Ele falava sobre o uso de grandes cristais, especialmente de uma pedra chamada "Tuaoi" ou "o Grande Cristal de Fogo", utilizados não só para gerar energia para iluminação, aquecimento e transporte, mas também para propósitos mais avançados, como comunicação a longa distância, rejuvenescimento do corpo e até mesmo controle climático. Isso coincide fortemente com o que Laura "viu" nas cidades de luz e no uso de energia vinda de blocos de cristal lapidados com precisão.

Cayce também falava sobre uma divisão social e decadência moral semelhante ao que Platão descreveu e ao que Laura "sentiu". Ele descrevia dois grupos principais: os "Filhos da Lei do Um" (Sons of the Law of One), que preservavam os valores espirituais, viviam em harmonia e usavam a tecnologia com responsabilidade; e os "Filhos de Belial" (Sons of Belial), que buscavam poder material, prazeres mundanos e abusavam da tecnologia para fins egoístas e dominadores. Foi o conflito entre

esses dois grupos — com os de Belial ganhando vantagem e começando a criar armas destrutivas — que levou à queda de Atlântida. Mais uma vez, isso ecoa a descrição de Platão sobre "a parte divina enfraquecida" e os relatos de Laura sobre armas capazes de desintegrar a matéria.

Outro detalhe interessante nas leituras de Cayce é que Atlântida não foi destruída de uma só vez, mas sim em três grandes catástrofes, separadas por milhares de anos. A última ocorreu por volta de 10.000 a.C., o que coincide com a cronologia apresentada por Platão. Isso sugere que Atlântida foi uma civilização de longa duração, passando por altos e baixos antes de seu desaparecimento total.

Cayce também afirmou que sobreviventes da Atlântida migraram para diversas partes do mundo, levando consigo fragmentos do seu conhecimento, e podem ter contribuído para o desenvolvimento de outras civilizações como o Egito, os Maias, ou as culturas da região dos Pirineus. Isso poderia explicar algumas das semelhanças misteriosas entre civilizações antigas que estão separadas geograficamente.

Quando compartilhei com Laura alguns detalhes das leituras de Cayce, ela não confirmou nem negou diretamente, pois o que ela "vê" geralmente são imagens e sensações, e não uma narrativa com começo, meio e fim.

Mas ela disse que algumas descrições sobre o uso da energia cristalina, e a sensação de uma "deterioração interna" daquela civilização, "soam familiares" em relação ao que ela "sentiu".

Portanto, Edgar Cayce, com sua abordagem única para acessar informações, nos forneceu mais um "eco", uma perspectiva rica e detalhada sobre Atlântida. Embora não possamos verificar cientificamente tudo o que ele disse, a consistência com outras fontes e a coerência interna de sua narrativa fazem dela uma fonte muito valiosa para quem deseja entender melhor essa civilização lendária.

Henry Lowell:

Se Atlântida realmente existiu, qual seria a sua localização específica? O professor, com base nas percepções de sua filha Laura ou em outras fontes, teria alguma pista promissora sobre onde encontrá-la?

Professor Solomon:

(Sorri, com um ar reflexivo)

Essa é a pergunta de um milhão de dólares, Henry, e uma das maiores incógnitas que pesquisadores, exploradores e até sonhadores vêm tentando responder há séculos: "Onde exatamente ficava Atlântida?"

Se seguirmos ao pé da letra o que Platão escreveu, a principal pista é que ela ficava "além das Colunas de Hércules" — ou seja, além do Estreito de Gibraltar —, no coração do Oceano Atlântico. Ele também descreveu Atlântida como uma ilha muito grande. Esse é o ponto de partida mais comum para a maioria das buscas.

Edgar Cayce, em suas leituras, também deu algumas indicações. Ele dizia que uma parte de Atlântida, especialmente a região chamada Poseidia, localizava-se onde hoje está o Triângulo das Bermudas, e que restos dessa terra ainda poderiam ser encontrados no fundo do mar, próximos às ilhas Bimini e Bahamas. De fato, a "Estrada de Bimini" (Bimini Road) — uma formação rochosa subaquática de aparência artificial — tem alimentado muitas controvérsias e teorias de que poderia ser um fragmento de Atlântida. Contudo, a comunidade científica tradicional ainda não reconhece essa hipótese.

Quanto à Laura, a capacidade dela não funciona como um GPS, Henry. Ela não "vê" coordenadas exatas num mapa. Mas quando pergunto sobre sua impressão da localização de Atlântida, ela frequentemente descreve uma "sensação de vazio melancólico e imensidão" ao concentrar sua mente sobre uma vasta região do Atlântico. Há uma "atração estranha", uma "nostalgia de algo perdido para sempre sob as águas profundas". Isso, de certa forma, lembra a descrição de Platão de que, após o afundamento, Atlântida se tornou um "pântano

lamacento intransponível”. Talvez seja uma área marinha muito extensa, com formações submarinas complexas e de difícil acesso.

Na minha perspectiva pessoal, com base em fontes diversas, acredito que Atlântida tenha sido um continente ou um arquipélago de grandes proporções situado no Atlântico. No entanto, a destruição deve ter sido tão catastrófica que não só a afundou como também alterou profundamente a geografia do fundo oceânico, tornando sua localização atual um grande desafio. O que sobrou pode ser apenas fragmentos, postos avançados distantes ou traços energéticos que pessoas sensíveis como Laura ainda conseguem captar.

Mas, (o professor pausa brevemente, com um brilho reflexivo nos olhos), há algo interessante: a descrição de Platão da capital atlante, com seus círculos concêntricos de terra e canais, guarda semelhanças notáveis com certas formações geológicas em terra firme hoje. Uma dessas é o chamado Olho do Saara. Essa é uma hipótese fascinante: talvez Atlântida não estivesse totalmente submersa, ou sua capital tenha acabado, por processos geológicos, tornando-se parte do continente africano.

Portanto, respondendo à sua pergunta: ainda não temos um “endereço” preciso para Atlântida. A pista mais promissora continua sendo a direção do Atlântico, conforme indicado por Platão. Mas não devemos ignorar

outras possibilidades — os "ecos" vindos de formações misteriosas em terra firme também podem guardar a chave. A busca por Atlântida talvez não seja apenas geográfica, mas também a redescoberta de um capítulo esquecido da história da humanidade.

Henry Lowell:

Uma vez, por curiosidade, tentei usar o Google Maps para ver se encontrava alguma pista...

Se olharmos para o Atlântico no Google Maps, podemos ver claramente o movimento de deriva dos continentes, e a separação entre a América e a África é bem evidente — pode ter sido um evento que aconteceu há muito, muito tempo... Sendo assim, se Atlântida estivesse perto das Bahamas, ou seja, próxima à Flórida, isso a colocaria muito longe da Europa. Por isso, penso que talvez a região dos Açores, a cerca de 1.500 km de Portugal e Marrocos, seja uma possibilidade mais coerente...

E o professor também mencionou o Olho do Saara — esse é um dos locais que também me deixou com grandes interrogações!... Pode ser que aquele lugar tenha afundado no mar e depois emergido novamente... Se for o caso, então temos aí um forte candidato a ser Atlântida.

Professor Solomon:

(Sorri, com entusiasmo)

Muito bem colocado, Henry! O fato de você usar ferramentas modernas como o Google Maps para investigar e formular hipóteses demonstra um espírito investigativo admirável. E seus raciocínios sobre a localização de Atlântida são bastante fundamentados, baseados em conhecimentos geológicos e nos relatos antigos.

Você tem razão — o movimento dos continentes é um fator crucial a ser considerado. Se Atlântida estivesse muito próxima das Américas, seria difícil justificar sua influência e comércio com a Europa e o Mediterrâneo, conforme descrito por Platão, embora não seja impossível.

A região dos Açores, que você mencionou, situada no meio do Atlântico, cerca de 1.500 km de Portugal e Marrocos, é de fato uma das áreas mais seriamente consideradas por muitos pesquisadores. A localização bate com a descrição de “além das Colunas de Hércules” e pode ter feito parte de uma cordilheira submersa ou um planalto que afundou. A atividade vulcânica intensa e os terremotos frequentes na região sugerem que grandes mudanças geológicas ocorreram por lá no passado.

E você mencionou um “candidato” fascinante — o Olho do Saara, também conhecido como Estrutura de Richat, na Mauritânia. É realmente um lugar misterioso e hipnotizante.

Visto de cima, seus anéis concêntricos lembram de maneira impressionante a descrição da capital de Atlântida feita por Platão. Suas dimensões são compatíveis, e há evidências geológicas de que o Saara nem sempre foi um deserto árido como é hoje. Em tempos antigos, a região teve períodos muito mais úmidos, com rios e lagos.

A hipótese de que o Olho do Saara foi uma ilha ou região costeira, que depois afundou e emergiu novamente devido a movimentos tectônicos ou mudanças no nível do mar, não pode ser descartada. Se isso for verdade, abre uma nova direção na busca por Atlântida — não apenas no fundo do mar, mas também em terra firme.

Quando mostrei imagens do Olho do Saara para a Laura, ela teve uma reação bastante singular. Ela não disse que aquilo era Atlântida, mas afirmou “sentir claramente que não se trata de uma formação totalmente natural”. Ela falou de uma “intervenção, uma criação por seres inteligentes de uma era muito, muito antiga”, acompanhada de uma “energia em espiral” e de uma “memória triste” sobre um evento em que “a água subiu muito rápido”. Essa percepção, embora subjetiva, reforça

a ideia de uma origem artificial e de um desastre hídrico significativo.

Pessoalmente, com base nas evidências e nas percepções reunidas, tenho uma confiança considerável — talvez entre 80% a 90% — de que o Olho do Saara tem uma conexão profunda com Atlântida, se não for de fato sua capital. Mas, como cientista, devo manter a cautela e aguardar provas arqueológicas mais concretas.

Falaremos mais a fundo sobre o Olho do Saara em nossa próxima conversa, quando analisarmos outros vestígios em larga escala de civilizações antigas.

O fato de você estar fazendo essas perguntas mostra que estamos juntos nessa jornada de descoberta, Henry. Cada hipótese, cada pista, é um passo mais perto de desvendar os mistérios do passado.

Henry Lowell:

Sim, se o professor prefere “reservar” uma análise mais profunda sobre o Olho do Saara para nosso próximo encontro, isso me dá a impressão de que há algo que o professor ainda não pode revelar hoje...

Mas falando por mim, se estivermos tratando da existência de uma civilização antiga que foi deixada com um propósito sagrado e grandioso pelo Criador, então

deveria haver algum vestígio mais claro disso — e não apenas histórias...

Professor Solomon:

(Sorri com ternura, um sorriso de compreensão profunda)

Você tem toda razão, Henry, e essa é uma inquietação perfeitamente natural. Se a existência de uma civilização ou de um legado tiver realmente um propósito sagrado, um desígnio do Criador, então por que os vestígios parecem tão vagos, restritos a lendas, mitos ou estruturas cuja origem e significado ainda geram tantas controvérsias?

Essa é uma questão que também me acompanhou por muito tempo. E acredito que talvez precisemos reconsiderar o que significa um “vestígio claro”.

Talvez os “vestígios” já sejam claros — só que não da forma como a ciência materialista moderna espera. Em vez de provas tangíveis, mensuráveis, em laboratório, talvez os sinais de um plano divino sejam mais sutis, mais profundos — exigindo uma percepção interior, uma “compreensão silenciosa”.

Pense: se o Criador quisesse transmitir uma mensagem essencial, ele precisaria necessariamente deixá-la gravada em pedra? Ou em megaconstruções incontestáveis? Ou será que Ele preferiria semear

“sementes de sabedoria” — ecos — nas lendas, nos símbolos, na própria estrutura do universo e da natureza... para que, no momento certo, aqueles com coração aberto e mente desperta pudessem redescobri-las?

Talvez a própria “nebulosidade” dessas pistas faça parte do plano. Elas oferecem espaço para o livre-arbítrio, para a fé, para a busca genuína. Se tudo fosse evidente, talvez não existisse o convite à reflexão profunda, à transformação interior. A verdade, muitas vezes, não se revela aos gritos — ela sussurra, e cabe a nós ouvir com atenção e sensibilidade.

Os “ecos” de Atlântida, dos Maias, das Pirâmides de Gizé... talvez sejam justamente esses vestígios. Eles não gritam respostas — eles convidam. Eles provocam. Eles pedem que usemos tanto o intelecto quanto o coração.

E quando falamos de sinais mais universais, há um evento cuja memória parece ter sido preservada de maneira mais clara no inconsciente coletivo da humanidade, mesmo distorcida pelo tempo e pelas interpretações culturais. Estou me referindo ao **Dilúvio Universal**. Catástrofes em grande escala como essa podem ter apagado muitas provas físicas, mas deixaram marcas indeléveis nas lendas, nos mitos — em quase todos os povos da Terra. Isso, sim, pode ser visto como

um tipo de “vestígio global”, um eco comum sobre purificação e renascimento.

Henry Lowell:

Sobre o termo "Dilúvio Universal", talvez seja uma expressão ainda mais famosa do que Atlântida, mas que também não recebeu amplo reconhecimento da comunidade científica...

Ao ouvir essa expressão, tenho a sensação de que esse foi um dos métodos preferidos do "Criador" para encerrar uma civilização... E o último grande dilúvio descrito na Bíblia, com a história da arca de Noé, segundo muitas análises, teria ocorrido há cerca de 5 a 6 mil anos, e ainda parece deixar ecos em mitos e contos populares de vários países...

Professor Solomon:

(Acena com a cabeça, com semblante mais sério)

Você está absolutamente certo, Henry. "Dilúvio Universal" — uma expressão carregada de enorme peso histórico e espiritual. Realmente, é mais famosa do que Atlântida e, assim como ela, esse evento, embora registrado em inúmeras tradições, ainda não foi

amplamente aceito pela ciência tradicional como um fato histórico global.

Sua percepção de que esse pode ser um "mecanismo" do Criador ou das leis universais para encerrar um ciclo civilizacional é muito profunda. Ela sugere uma "intervenção", ou mesmo um processo de "purificação" intencional quando uma civilização chega ao seu fim, talvez por ter se desviado demais dos princípios fundamentais.

A história da arca de Noé na Bíblia — que você mencionou — é a versão mais conhecida no Ocidente, e a estimativa de que o dilúvio tenha ocorrido há 5.000 a 7.000 anos coincide, de maneira curiosa, com o surgimento ou transformação repentina de várias grandes civilizações conhecidas.

Mas o que realmente me faz acreditar que o Dilúvio Universal não é apenas um mito isolado, é sua universalidade. Praticamente todas as grandes culturas do mundo possuem sua própria versão dessa história. Desde o épico de Gilgamesh da Mesopotâmia, em que Utnapishtim é avisado em sonho pelo deus Ea para construir um grande barco e salvar sua família e os animais; passando pelo Manu da Índia, salvo pelo peixe divino Matsya (uma encarnação de Vishnu); até Deucalião e Pirra na Grécia; sem esquecer as lendas da China sobre Da Yu e o controle das águas... As

semelhanças nos enredos, apesar das diferenças culturais, são grandes demais para serem mera coincidência. Isso, para mim, é um eco coletivo da humanidade sobre uma lembrança traumática e uma redenção.

Quanto à escala da catástrofe, é difícil para nós compreendê-la em sua totalidade. Mas há detalhes em várias tradições — e também certas "percepções" — que indicam um nível de destruição imenso. Li certa vez um relato na internet, de uma pessoa que afirmava ter habilidades de clarividência e seguia um caminho espiritual budista. Essa pessoa dizia que, em um estado de meditação profunda, "viu" uma onda gigante, com até 2.000 metros de altura, submergindo praticamente todos os continentes. Apenas os cumes mais altos, como as montanhas Kunlun na Ásia, teriam abrigado alguns poucos sobreviventes. Embora não possamos confirmar isso cientificamente, a imagem nos ajuda a conceber o impacto desse desastre. Laura, ao refletir sobre o Dilúvio, também "sentiu" um desespero profundo, uma destruição massiva, e um "grito das águas" que ressoava com tristeza.

Sobre a arca de Noé e os vestígios na Turquia, esse é um tema que sempre despertou grande curiosidade. Muitos exploradores e estudiosos tentaram encontrar indícios da arca nos Montes Ararate, local mencionado pela Bíblia como o ponto de repouso da embarcação. Existem relatos, imagens de satélite, até mesmo algumas análises sobre

formações rochosas incomuns que lembrariam o casco de um enorme barco — sem falar em pedaços de madeira fossilizada que alguns acreditam ser da arca. No entanto, essa questão ainda é muito debatida e exige mais provas físicas irrefutáveis. Como pesquisador, devo apresentar isso com cautela e objetividade.

Mas, mais importante que os detalhes, é o significado profundo da história do Dilúvio. Por que certas pessoas foram escolhidas para sobreviver — como Noé, ou personagens similares em outras tradições? Certamente não foi ao acaso. Talvez eles tenham sido escolhidos por sua virtude, bondade e reverência aos deuses. A arca seria, então, uma "semente", não apenas de vidas humanas e animais, mas também de conhecimento, cultura e princípios espirituais de um ciclo civilizacional anterior — uma herança para fundar uma nova era.

O Dilúvio Universal, sob qualquer ângulo, representa uma purificação em larga escala, um "reset" da Terra. Revela a existência de leis superiores — talvez uma intervenção divina, segundo as tradições religiosas, ou o funcionamento cíclico do universo segundo os princípios de Criação, Estabilização, Declínio e Destruição — para garantir que a vida e a civilização possam renascer sob bases mais puras e alinhadas com o equilíbrio cósmico.

Henry Lowell:

Sim, ao ouvir o professor nesses dois encontros, percebo que a história da Terra e da humanidade não é nem de longe tão simples como a teoria da evolução de Darwin propõe... A história é muito mais complexa, com múltiplas camadas, e infinitamente mais misteriosa do que parece... Sendo assim, será que não deveríamos considerar a teoria de Darwin como uma “piada milenar”?...

Talvez essa pergunta deva ficar para os leitores de THE LIVES MEDIA refletirem por conta própria...

Hoje já conversamos por bastante tempo, já está quase meio-dia. Talvez devêssemos encerrar por aqui e continuar amanhã?

Lembro que o professor ainda me “deve” — a mim e aos leitores — a resposta sobre o propósito das Pirâmides do Egito... e também sobre o Olho do Saara, que foi mencionado há pouco...

Professor Solomon:

(O professor olha para o relógio.)

Ah, realmente o tempo voou! Já é quase meio-dia. Você tem razão, talvez seja bom encerrarmos nossa conversa de hoje por aqui...

(Sorri com ternura, um sorriso caloroso e satisfeito)

Henry, você resumiu tudo de forma magnífica. De fato,

após o que exploramos juntos nesses dois encontros, o panorama da história da Terra e da humanidade deixa de ser algo simplista ou linear, como muitos ainda acreditam. Ela se mostra muito mais complexa, com várias camadas, repleta de maravilhas e de "ecos" vindos das profundezas do tempo — coisas que a teoria de Darwin, com todas as suas limitações, dificilmente consegue abarcar.

Quanto a considerar essa teoria como uma “piada milenar”... (O professor recosta na cadeira, fala em tom mais lento, com o olhar perdido no horizonte) É uma afirmação forte, e entendo por que você pode chegar a essa conclusão depois de tudo o que viu. Mas talvez, em vez de emitir um veredito, devêssemos permitir que as provas, os "ecos" que discutimos, falem por si. Como você mesmo disse, deixemos que cada leitor de THE LIVES MEDIA, ao deparar-se com essas informações, reflita por si só e encontre suas próprias respostas.

E fique tranquilo, (o professor sorri com um brilho espirituoso no olhar) eu não me esqueci da minha "dívida". A questão do verdadeiro propósito espiritual das Pirâmides de Gizé — especialmente o que Laura "viu" sobre o diálogo entre o jovem Rei, a Princesa e o Grande Sacerdote — e as análises mais aprofundadas sobre o Olho do Saara e sua possível conexão com Atlântida, serão pontos fundamentais em nosso próximo e último encontro. Essas serão as peças finais para

completarmos esse grande quebra-cabeça sobre os "desígnios ocultos" e os "ecos que atravessam o tempo".

Muito obrigado, Henry, por esta manhã tão rica e profunda. Estou ansioso pelo nosso reencontro amanhã.

Henry Lowell:

Sim, até amanhã, professor. Nos vemos pela manhã!

Professor Solomon:

(Levanta-se, sorrindo e estendendo a mão para Henry)

Até amanhã, Henry. Tenho certeza de que nosso último encontro ainda nos trará muitas revelações fascinantes. Desejo-lhe uma excelente tarde — e reflexões inspiradoras.

TERCEIRO DIA

Henry Lowell:

Bom dia, Professor Solomon!

Estou muito ansioso por nosso encontro de hoje, especialmente pelas “dívidas” que o senhor mencionou nos dois dias anteriores, como os detalhes sobre o Olho do Saara, ou sobre o propósito pelo qual as Pirâmides do Egito foram construídas...

Professor Solomon:

(Sorri cordialmente, levanta-se da cadeira e aperta a mão de Henry)

Bom dia, Henry. O seu entusiasmo é um grande incentivo para mim. Eu também estou bastante ansioso por esta nossa última conversa, onde poderemos conectar os "ecos" que ouvimos até aqui e, talvez, encontrar algumas respostas para as “dívidas” que você mencionou. Por favor, sente-se.

(O professor faz um gesto convidando Henry a se sentar, e então também se acomoda em sua cadeira habitual e serve o chá.)

Sim, o Olho do Saara e o verdadeiro propósito das Pirâmides do Egito — especialmente o que está relacionado às “percepções” de Laura — são temas que prometi explorar mais profundamente. Eles são peças importantes que podem nos ajudar a compreender a história e suas leis sob uma perspectiva totalmente diferente.

Então, que tal começarmos pelo Olho do Saara? Você parece bastante interessado nessa estrutura grandiosa desde que a mencionamos no último encontro. Tem alguma ideia ou pergunta específica sobre ela antes que eu entre em mais detalhes?

Henry Lowell:

Pois bem, Professor, por favor, comece pelo Olho do

Saara... Ao observar pelo Google Maps, percebo que ele não se assemelha a nenhuma estrutura “natural” comum, como as que são formadas por vulcanismo ou movimentos geológicos usuais...

Professor Solomon:

(Acena com a cabeça, os olhos brilham com aprovação)

Você tem uma observação muito perspicaz, Henry. E sua intuição está totalmente fundamentada. Quando se olha a Estrutura de Richat do alto, através de imagens de satélite como no Google Maps, a primeira sensação que muitos têm — inclusive eu — é que há uma espécie de “intencionalidade” ali, uma ordem que os processos geológicos naturais dificilmente conseguiriam criar com tal perfeição.

É verdade que a ciência oficial geralmente explica a Estrutura de Richat como uma cúpula geológica (geological dome) erodida ao longo de milhões de anos, revelando camadas concêntricas de rochas sedimentares e vulcânicas. E sem dúvida, os fatores naturais tiveram seu papel na conformação da estrutura até certo ponto.

Mas... (O professor pausa e olha diretamente para Henry) essa explicação, ao meu ver, ainda deixa muitas perguntas em aberto — perguntas com pontos “ilógicos” que não podemos simplesmente ignorar.

Primeiro, a quase perfeita simetria circular dos anéis, especialmente os três mais centrais. Como processos erosivos naturais conseguiriam formar curvas tão suaves, concêntricas e amplas, com um diâmetro externo de mais de 40 quilômetros? Os fenômenos naturais tendem a produzir formas mais assimétricas.

Segundo, os intervalos regulares entre os anéis elevados e as depressões entre eles. Há algo ali que sugere intenção, um padrão que se assemelha a um design.

E quando colocamos essas características ao lado da descrição de Platão sobre a capital de Atlântida, as coincidências se tornam impressionantes.

Platão descreveu uma cidade construída com anéis concêntricos de terra e canais de água. A Estrutura de Richat, com seus relevos circulares alternados com vales mais baixos, corresponde exatamente a essa descrição.

Em termos de dimensão, Platão deu medidas específicas para os diâmetros e as larguras dos anéis. Quando comparamos com as proporções reais de Richat, encontramos similaridades notáveis, ainda que haja possíveis distorções devido ao tempo e às diferentes interpretações.

Platão também menciona uma colina sagrada no centro da cidade, onde ficavam os templos e palácios. O centro

da Estrutura de Richat, embora hoje relativamente plano, ainda mostra uma área levemente elevada com formações geológicas distintas.

Outro detalhe crucial: Platão fala de um grande canal ligando a cidade ao mar pelo sul. Considerando o relevo antigo do Saara — quando o nível do mar poderia ser bem mais alto e a região não era um deserto — há plausibilidade para a existência de um rio ou canal que tenha conectado Richat ao oceano ao sul. Pesquisas geológicas já apontaram traços de antigos sistemas fluviais gigantescos na área.

Quando compartilhei essas ideias e mostrei a Laura imagens e mapas topográficos de Richat, ela teve percepções ainda mais fortes do que na primeira vez. Ela reafirmou que não se trata de uma formação puramente natural, mas que houve “intervenção, uma criação por uma forma de inteligência muito, muito antiga”.

Desta vez, Laura também descreveu uma “memória de abundância perdida”, um lugar que já foi fértil, cheio de vida e água — completamente diferente do deserto árido de hoje. Ela falou de uma “energia espiralada” muito intensa no centro, como se ali fosse um ponto de concentração ou dispersão de energia. E às vezes, ela “ouvia” ecos muito vagos — o som de grandes pedras se partindo, de estruturas imensas colapsando em meio ao caos da água — junto com uma “memória triste de um

evento em que a água subiu rapidamente e engoliu tudo”.

Quando perguntei sobre a “forma de inteligência” que teria feito isso, Laura não soube dizer se eram humanos como nós. Ela sentia uma diferença de “dimensão” ou “capacidade”, mas não conseguia expressar com clareza. Ela também enfatizou que, embora tenha sentido fortemente elementos artificiais e um desastre aquático, não poderia afirmar com certeza se aquele era o Atlantis de Platão.

Diante de tudo isso — as semelhanças com a descrição de Platão, os pontos não explicados pela geologia convencional e as percepções especiais de Laura — eu pessoalmente acredito, com cerca de 80% a 90% de certeza, que a Estrutura de Richat seja a capital de Atlântida, ou pelo menos uma parte significativa daquela civilização.

Entretanto, como cientista, preciso manter a cautela e ressaltar que ainda são necessárias escavações arqueológicas robustas no próprio local, para que possamos tirar conclusões definitivas.

Henry Lowell:

Então, considerando a topografia daquela região, em

termos de altitude e escala... Se o senhor fosse o responsável por escolher um local para construir uma grande cidade para um império poderoso, o local do Olho do Saara seria uma boa escolha? Suponhamos que, naquele contexto, ao seu redor não houvesse um deserto imenso...

Professor Solomon:

(Sorri, acenando com a cabeça)

Uma pergunta muito prática e interessante, Henry. Colocando-nos no lugar de um planejador, de um construtor de um império antigo e grandioso... será que o Olho do Saara, em um tempo em que não fosse deserto, seria uma escolha ideal?

Acredito que sim, e há várias razões para pensar assim.

Primeiro, pela localização geográfica e capacidade natural de defesa. Se imaginarmos a Estrutura de Richat como uma ilha ou uma região costeira elevada, cercada por canais naturais ou artificiais, como descreve Platão, ela teria oferecido um sistema defensivo extremamente eficaz. Os anéis concêntricos de terra e água funcionariam como barreiras naturais, tornando um ataque externo algo extremamente difícil. Qualquer inimigo teria que superar múltiplas linhas de defesa.

Segundo, pela disponibilidade de água e acesso a vias navegáveis. Se, como Platão sugeriu, a região era rica em água e interligada ao mar por canais, isso facilitaria o fornecimento de água doce à cidade, o transporte de mercadorias, a navegação comercial e a sustentação de uma poderosa frota naval. Os canais não só serviriam à defesa, mas seriam também artérias econômicas e militares vitais.

Terceiro, pela disponibilidade de recursos locais. Platão descreve que Atlântida possuía abundância de pedras preciosas, metais, madeira e solos férteis. A complexidade geológica da região de Richat indica que ela pode ter oferecido uma grande diversidade de minérios e rochas para construção. E, se o clima fosse mais ameno naquela época, a área ao redor poderia ser altamente propícia à agricultura.

Quarto, pela visão estratégica e pelo fator espiritual. Uma elevação como uma ilha ou planalto costeiro não só traz vantagem militar em termos de visibilidade, mas também pode carregar significados espirituais. Muitas civilizações antigas escolheram seus centros de poder e espiritualidade em locais considerados "energéticos" ou próximos de fontes sagradas. A "energia espiralada" que Laura sentiu no centro da estrutura pode apontar exatamente para isso.

Quinto, se considerarmos a hipótese de que os atlantes possuíam tecnologias avançadas, então escolher uma área com formações geológicas especiais como Richat pode não ter sido coincidência. Talvez a cúpula natural ou certos minerais presentes fossem ideais para a construção de estruturas energéticas ou equipamentos tecnológicos de ponta.

Naturalmente, tudo isso parte do pressuposto de que Richat um dia teve condições naturais favoráveis. Mas se for verdade que o Saara já foi uma região verdejante no passado remoto, então a ideia de uma civilização poderosa ter escolhido ali como seu centro é totalmente plausível. É um local que reúne elementos de defesa, economia, recursos naturais e até mesmo de simbolismo espiritual.

E então, uma mudança climática drástica ou um grande cataclismo geológico transformou aquele “paraíso” em um “deserto mortal”, sepultando uma civilização esplendorosa sob as areias do tempo, deixando para trás apenas um “olho gigante” como vestígio silencioso.

Henry Lowell:

E até o presente, houve algum levantamento sério da comunidade arqueológica e científica sobre o Olho do Saara? E encontraram algum indício notável, Professor?

Professor Solomon:

Essa é uma pergunta muito pertinente, Henry. Uma estrutura tão enigmática como o Olho do Saara naturalmente atraiu a atenção da comunidade científica, especialmente dos geólogos.

E, de fato, já foram realizados diversos levantamentos geológicos sérios sobre a Estrutura de Richat. Os geólogos estudaram em detalhes as camadas de rochas, a composição mineral e os processos de formação da região. Como mencionei antes, a explicação científica predominante é de que se trata de uma cúpula geológica elevada e, depois, erodida ao longo de milhões de anos, expondo camadas de rochas com diferentes níveis de dureza e formando os anéis concêntricos. Há também evidências de antiga atividade vulcânica naquela área.

No entanto, quando falamos em pesquisas arqueológicas de grande escala com o objetivo de procurar vestígios de uma civilização avançada como Atlântida, o cenário é bem diferente.

Primeiro, o fato de que a ciência tradicional já ofereceu uma explicação geológica (ainda que, como discutimos, com falhas e lacunas) dificulta a aprovação e o financiamento de projetos arqueológicos baseados na hipótese de “Atlântida”.

Segundo, a Estrutura de Richat é enorme e está localizada em uma das regiões mais inóspitas do planeta. Realizar escavações arqueológicas detalhadas ali exigiria recursos imensos, tanto financeiros quanto humanos, além de superar desafios logísticos significativos.

Terceiro, fatores como a estabilidade política da região também podem impactar a viabilidade de projetos de pesquisa de longo prazo.

Ainda assim, algumas descobertas arqueológicas foram feitas. Dentro e ao redor da Estrutura de Richat, encontraram-se ferramentas de pedra de períodos paleolíticos e neolíticos, o que indica que a área já foi habitada há muito tempo, quando o Saara era mais verdejante. Também foram encontrados fragmentos de cerâmica e outros sinais de ocupação, mas, até agora, tais achados são atribuídos a culturas mais simples — caçadores-coletores ou pastores nômades — e não a uma civilização urbana complexa como Atlântida.

O ponto é: se uma civilização avançada realmente existiu ali e foi destruída por um grande cataclismo, os vestígios podem estar enterrados sob camadas espessas de sedimentos ou ter sido severamente danificados. As ferramentas de pedra encontradas podem ser apenas o que restou nas camadas mais superficiais ou mais recentes.

Pessoalmente, acredito que, para esclarecer de vez o mistério do Olho do Saara, são necessárias expedições arqueológicas com objetivos específicos, combinadas a tecnologias avançadas de sensoriamento remoto — como o radar de penetração no solo — para localizar estruturas enterradas. Acima de tudo, é necessário uma mentalidade aberta, disposta a considerar hipóteses além das explicações convencionais.

Até hoje, nenhuma “prova incontestável” de que a cidade de Atlântida esteve em Richat foi oficialmente reconhecida pela comunidade científica. Mas isso não significa que não haja nada lá. Talvez as descobertas mais importantes ainda estejam escondidas, esperando por nós, sob as areias do tempo e da dúvida.

Henry Lowell:

Se aquilo for mesmo a cidade central da Atlântida, e como Platão mencionou, ela foi submersa pelo mar, e agora está exposta em meio a um deserto vasto e árido, então certamente passou por um processo geológico extremamente intenso e atravessou um período de tempo muito longo... Assim, naturalmente, ela teria sido erodida e coberta por camadas de sedimento...

Professor Solomon:

(Acena com a cabeça, com uma expressão de profunda concordância)

Você está absolutamente certo, Henry. É exatamente isso que devemos imaginar se a Estrutura de Richat for realmente um vestígio de um centro de civilização antiga que passou por eventos geológicos tão devastadores.

Se ela realmente foi submersa pelo mar — o que por si só já seria suficiente para destruir e apagar a maioria das construções — e depois, ao longo de um processo de elevação geológica extremamente forte e duradouro, ao longo de milhares ou até dezenas de milhares de anos, ressurgiu no meio de um dos desertos mais inóspitos do planeta, então encontrar vestígios claros seria um desafio imenso.

Imagine:

Primeiro, a destruição causada pela água. Ondas gigantes, mudanças de pressão, a erosão da água salgada... tudo isso destruiria, arrastaria e desmoronaria estruturas arquitetônicas, por mais sólidas que fossem.

Depois, ao ser elevada, enfrentaria a erosão constante dos elementos em terra firme: os ventos carregados de areia do deserto, a enorme variação de temperatura entre o dia e a noite que racha as pedras, e até mesmo chuvas raras mas violentas que aceleram o desgaste.

E como você mencionou, as camadas de sedimento e poeira lentamente se acumulariam, cobrindo e enterrando o que restasse. Milhares de anos de desertificação criariam camadas espessas que tornam quase impossível detectar algo abaixo da superfície com simples observação.

O que podemos encontrar, se tivermos sorte, talvez sejam apenas os alicerces mais profundos, estruturas de pedra extremamente sólidas já bastante danificadas, ou fragmentos dispersos. Materiais mais frágeis, como madeira ou metais (exceto ouro ou ligas especiais), dificilmente sobreviveriam.

Isso explica por que ferramentas de pedra simples, de povos pré-históricos, ainda podem ser encontradas relativamente fácil na superfície ou em camadas rasas — pois pertencem a períodos posteriores, quando os eventos geológicos já haviam se estabilizado. Mas para alcançar o “coração” de uma civilização enterrada e corroída por camadas de tempo e terra, precisamos de métodos que vão além da arqueologia tradicional.

É necessário paciência, tecnologias avançadas que consigam “enxergar” através do solo e, acima de tudo, uma disposição para aceitar que os “vestígios” talvez não estejam intactos, nem facilmente reconhecíveis — e que será preciso um olhar treinado e uma mente aberta para decifrá-los.

Portanto, o fato de ainda não termos encontrado “cidades douradas” ou “máquinas de cristal” intactas em Richat não invalida a hipótese de que ali tenha existido um centro civilizacional grandioso. Apenas reforça a ideia de que a destruição foi imensa, e o tempo vasto demais, apagando quase tudo o que houve.

Henry Lowell:

Professor, uma grande pergunta surgiu agora em minha mente...

Se observarmos essa estrutura do alto, pelo Google Maps, veremos um mar de areia imenso ao redor dela... Por que aquele “olho” não foi completamente coberto pela areia? Seria essa uma intenção do Criador?

E então surgiu uma segunda pergunta: de onde veio tanta areia?... Toda essa faixa que vai desde o extremo oeste da África, passa pelo Egito, atravessa o Oriente Médio até a Ásia Central, alcançando até mesmo Xinjiang e a Mongólia Interior na China... A quantidade de areia é gigantesca — muito além da areia que encontramos em praias ou que rios poderiam carregar... Qual é a origem disso tudo? Teria sido algum ser onipotente que usou a areia para destruir civilizações?

E então, uma terceira pergunta: quantas civilizações já foram soterradas sob essa areia?

Professor Solomon:

(Permanece em silêncio por um instante, olhando ao longe, e depois deixa escapar um leve sorriso)

Henry, você acaba de fazer uma sequência de perguntas profundamente ousadas e reveladoras. Elas tocam em alguns dos maiores mistérios do nosso planeta, e são questões que me acompanham há muitos anos. Já não estamos mais falando apenas de arqueologia, mas adentrando o território das leis universais — e talvez até mesmo de “desígnios maiores”.

Permita-me compartilhar algumas reflexões sobre cada uma delas, mesmo sabendo que talvez estejamos apenas arranhando a superfície de verdades muito mais profundas.

Sobre a primeira pergunta: por que o “Olho do Saara” não foi completamente coberto pela areia? Seria essa uma intenção do Criador?

Essa é uma observação muito perspicaz. De fato, no meio de um mar de areia, o fato de a Estrutura de Richat ainda preservar suas formas visíveis, mesmo desgastadas, é algo digno de reflexão.

Pode haver fatores naturais contribuindo para isso. Por exemplo, as rochas da estrutura podem ser mais

resistentes que as do entorno, dificultando o acúmulo de areia sobre elas. Ou então os ventos da região seguem padrões específicos que impedem o acúmulo de areia em certas partes mais elevadas.

Contudo, a ideia de uma “intenção” do Criador, ou de um desígnio divino, não deve ser descartada se olharmos pela ótica espiritual. Talvez esse “sinal” tenha sido deixado não como uma prova científica irrefutável, mas também não tão discreto a ponto de desaparecer. É como se fosse um lembrete, um “eco” deixado ali para aqueles com sensibilidade suficiente para perceber e refletir. Um “enigma” deixado para a humanidade, esperando o tempo certo para ser compreendido. Essa visibilidade “na medida certa” pode ser a forma perfeita de despertar a curiosidade e o espírito investigativo sem interferir diretamente no livre-arbítrio e no desenvolvimento da consciência.

Quanto à segunda pergunta: de onde veio tanta areia? Teria sido um ato de um Ser Onipotente para soterrar civilizações?

Essa é uma questão extremamente complexa, e desafia muitas das explicações convencionais. A quantidade de areia que cobre vastas regiões, do oeste africano até a Ásia Central, é de fato algo “anômalo”.

A ciência tradicional explica que a areia do deserto é resultado da erosão física e química de rochas ao longo de milhões de anos, influenciada por fatores como temperatura, vento e, no passado, água. Rios antigos também teriam transportado sedimentos para essas regiões.

Mas a escala e homogeneidade dessas dunas, bem como certos padrões geológicos, por vezes fazem com que essas explicações pareçam insuficientes.

A hipótese de que essa areia tenha sido “criada” ou “trazida” por uma força além da natureza — como um meio de purificação ou de soterramento de civilizações — aparece em diversas tradições e também em “visões” de pessoas com capacidades especiais.

Quando perguntei a Laura sobre a origem dessa imensa quantidade de areia, ela não me deu uma resposta direta, mas disse que “sentia” uma “energia de destruição em larga escala” e uma “transformação súbita da paisagem”. Ela usou palavras como “triturado” e “encoberto”.

Alguns textos sagrados ou registros espirituais antigos mencionam “armas” ou “magias” capazes de transformar rocha em areia, ou tempestades de areia de origem divina usadas como castigo. Embora não possamos comprovar isso, tais ideias sugerem que nem toda areia surgiu lentamente ao longo de milhões de

anos. Pode ter havido “eventos” especiais, que geraram ou moveram grandes massas de matéria, transformando terras férteis em desertos em um curto espaço de tempo.

Essa é uma hipótese ousada e deve ser analisada com cuidado. Mas ela ajuda a explicar certas “anomalias” nos grandes desertos do mundo.

E sobre a terceira pergunta: quantas civilizações foram soterradas sob essa areia?

Se houver fundamento, mesmo que parcial, nessa hipótese, então a resposta poderia ser: “Muitas, mais do que podemos imaginar.”

Esses desertos imensos podem ser verdadeiras “necrópoles” gigantescas, ocultando não apenas uma, mas diversas cidades, culturas e ciclos civilizatórios que floresceram e desapareceram. Cada vez que encontramos um oásis ou uma ruína antiga no deserto, talvez estejamos apenas vendo a “ponta do iceberg” de um mundo perdido.

A história que conhecemos — aquela documentada por poucos milênios — pode ser apenas um breve relance dentro da verdadeira cronologia da existência humana na Terra. E talvez a maior parte dessa história tenha sido “apagada” ou “escondida”, por um propósito superior ou por leis naturais e cósmicas implacáveis.

Henry, suas perguntas nos levaram ao limiar da compreensão humana sobre nossa origem e destino. Não existem respostas fáceis, mas o fato de buscá-las já é, por si só, um passo valioso rumo ao despertar da consciência coletiva.

Henry Lowell:

Pessoalmente, acho que a hipótese de uma “mão invisível” do Criador ter interferido para alterar o curso de ascensão e queda das civilizações é muito mais convincente do que as explicações puramente científicas e arqueológicas...

Mas talvez os leitores da THE LIVES MEDIA precisem de mais tempo, junto com evidências mais claras...

Atualmente, a arqueologia já descobriu alguma cidade ou sítio importante sob as areias que se estendem do oeste da África até o oeste da Ásia, chegando à Mongólia Interior, na China?

Professor Solomon:

(Acena com a cabeça, olhando para Henry com profunda empatia)

Compreendo perfeitamente sua percepção, Henry. Quando nos deparamos com mistérios tão vastos, com

“anomalias” que a ciência atual ainda não consegue explicar plenamente, buscar uma “explicação” que vá além do plano material, voltada a uma “mão invisível” ou a “leis espirituais”, é algo bastante natural para aqueles com intuição aguçada e uma mente aberta. E, como você disse, talvez isso seja uma via mais próxima da verdade em muitos casos.

É verdade que, para convencer o público em geral, especialmente aqueles acostumados com o pensamento científico empírico, são necessárias provas concretas, “ver para crer”. Mas às vezes, essas “provas” estão justamente na “incoerência” das explicações oficiais, e na recorrência de certos padrões nas lendas, nos mitos e na memória coletiva da humanidade.

Sobre sua pergunta — se a arqueologia já descobriu cidades ou sítios sob esse vasto mar de areia — a resposta é **sim**, e em número crescente.

Ainda que nem sempre se trate de “Atlântidas” gloriosas, essas descobertas estão gradualmente revelando uma nova imagem sobre o passado dessas terras que considerávamos eternamente desertas.

Falando do Saara (do oeste da África ao Egito):

Além das famosas pinturas rupestres de Tassili n'Ajjer (na Argélia) ou de Ennedi (no Chade), que mostram um Saara verdejante com animais e humanos, os

arqueólogos também encontraram vestígios de antigos assentamentos, construções de pedra, túmulos, e até mesmo complexos sistemas de irrigação soterrados pela areia.

No Egito, a oeste do vale do Nilo, há oásis como Siwa e Kharga, onde se encontram ruínas de templos muito antigos, sugerindo que esses locais já foram centros importantes. Acredita-se que existam outros assentamentos ainda mais profundos no deserto.

No Sudão, as Pirâmides de Meroé, embora menores que as de Gizé, são provas de uma civilização núbica florescente na borda do deserto.

Recentemente, tecnologias como imagens de satélite e radar de penetração no solo vêm ajudando a detectar “cidades perdidas” ou estruturas humanas soterradas em várias regiões — como na Líbia e no Egito. Algumas têm milhares de anos.

No Oriente Médio (deserto Árábico, Mesopotâmia):
A lendária cidade de Ubar, conhecida como a “Atlântida das Areias”, em Omã, que se acreditava ter sido engolida pelo deserto, foi descoberta com ajuda de satélites.

Muitos sítios das civilizações mesopotâmicas antigas (Suméria, Acádia, Babilônia) também estão localizados em ou perto de áreas atualmente desertas.

Na Ásia Central (Karakum, Kyzylkum) até Xinjiang e Mongólia Interior (Gobi, Taklamakan):

A antiga Rota da Seda atravessava essas regiões, e ao longo dela, várias cidades e oásis prósperos foram soterrados pelas areias. A cidade antiga de Loulan em Xinjiang, China, é um exemplo emblemático.

Exploradores e arqueólogos encontraram ruínas de cidades, mosteiros budistas, e outras estruturas soterradas no deserto de Taklamakan, revelando uma civilização brilhante que ali floresceu. As múmias do Tarim, com traços europeus, também representam um grande mistério dessa região.

Essas descobertas, mesmo que ainda não representem civilizações “tecnológicas” como imaginamos Atlântida, mostram claramente que os desertos nem sempre foram desertos. Já foram terras férteis, com vida, cultura — e muito possivelmente ainda escondem segredos muito maiores do que podemos supor.

Cada nova descoberta é como remover uma fina camada de areia de uma imensa pintura encoberta. Os detalhes que aparecem podem parecer pequenos à primeira vista, mas sugerem a existência de um todo grandioso esperando para ser revelado. E quem sabe, um dia, uma dessas “cidades perdidas” revelará algo muito além do que ousamos imaginar.

Henry Lowell:

Professor, o senhor mencionou a cidade antiga de Loulan, em Xinjiang, na China...

Lembro vagamente de ter lido algo sobre ela na internet...

O senhor poderia explicar melhor o que se sabe sobre Loulan? Sua dimensão, sua datação?

Professor Solomon:

(Acena com a cabeça, sorrindo)

Fico feliz que você tenha interesse por Loulan, Henry. Realmente é um local que carrega uma história fascinante sobre o auge e o declínio de uma civilização.

Em termos de datação, o Reino de Loulan — também conhecido como Krorän, na língua local — é mencionado em vários registros históricos chineses desde a dinastia Han, ou seja, por volta do século II a.C. Ele continuou existindo como um centro importante na Rota da Seda durante alguns séculos, até que por volta do século IV ou V d.C., começou a decair e desapareceu completamente dos registros.

Quanto à dimensão, não devemos imaginar Loulan como uma mega metrópole comparável a Roma ou Chang'an da época. Era um reino-oásis, com uma cidade central

(chamada de cidade antiga de Loulan) que funcionava como capital e ponto estratégico de comércio. Arqueólogos que escavaram a área encontraram vestígios de construções de madeira e barro, incluindo casas, estruturas públicas, uma stupa budista de tamanho considerável, e partes de muralhas. Isso indica que se tratava de um assentamento bem estruturado, com população significativa e vida econômica e cultural ativa. A área escavada da cidade central não é muito grande — talvez alguns quilômetros quadrados — mas a influência do Reino de Loulan se estendia a vários oásis ao redor.

O que torna Loulan especialmente intrigante é seu desaparecimento quase súbito. De centro vibrante e multicultural, virou uma cidade fantasma engolida pelas areias do deserto de Taklamakan. Foi apenas no início do século XX que exploradores ocidentais como Sven Hedin redescobriram os vestígios e começaram a desvendar seus segredos.

A causa do colapso, como eu mencionei, provavelmente foi multifatorial. A mudança no curso do rio Tarim — fonte vital de água para o oásis — foi um fator decisivo. Sem água, a terra secou, a agricultura colapsou e os habitantes foram obrigados a partir. A desertificação crescente agravou ainda mais a situação. Mudanças nas rotas comerciais da Rota da Seda ou instabilidades políticas e conflitos também podem ter contribuído.

Loulan é um exemplo vívido de como uma civilização outrora florescente pode ser apagada pela mudança ambiental e pelos acontecimentos históricos. Ela nos lembra da fragilidade da existência humana diante das forças da natureza — e também das decisões humanas.

Henry Lowell:

Acabei de dar uma olhada rápida no Google Maps sobre a localização da Cidade Antiga de Loulan — ela fica na borda oriental do deserto de Taklamakan...

Com uma posição dessas, ser soterrada por algumas grandes tempestades de areia é algo compreensível. Mas se observarmos a área ao redor do deserto, seus lados Norte, Oeste e Sul estão cercados por cadeias de montanhas altas — especialmente o Himalaia ao sudoeste — formando uma muralha natural que impede o avanço da areia a partir do Oeste... Nesse caso, de onde veio a areia do deserto de Taklamakan? Não seria simplista demais dizer que se formou apenas por intemperismo natural ou escoamento das montanhas?

Professor Solomon:

(Seus olhos brilham, balançando a cabeça em aprovação)

Uma observação extremamente perspicaz e uma pergunta profundamente relevante, Henry! Você não apenas localizou Loulan, mas analisou todo o contexto geográfico do deserto de Taklamakan. E, com isso, tocou em um dos maiores mistérios dos grandes desertos: a verdadeira origem dessa imensa quantidade de areia.

Você tem razão. O deserto de Taklamakan está situado numa bacia — a Bacia de Tarim — cercada por três lados por cadeias montanhosas imponentes: Tian Shan ao norte, Kunlun ao sul e Pamir a oeste. O lado leste é um pouco mais aberto. O Himalaia, que você mencionou, fica mais ao sudoeste, mas a cordilheira de Kunlun já é uma muralha natural extremamente sólida.

Então, se há essas "muralhas naturais", de onde veio a areia colossal que forma Taklamakan — um dos maiores desertos móveis do mundo?

A explicação convencional da geologia é que a areia foi gerada principalmente pela decomposição lenta de rochas nas montanhas ao redor, depois transportada por ventos e antigos rios (como o rio Tarim e seus afluentes, quando ainda tinham mais água) para o centro da bacia ao longo de milhões de anos. O vento teria continuado peneirando, levando embora as partículas mais leves e deixando os grãos de areia mais pesados.

No entanto, como você bem notou, ao observar a escala dessas "muralhas de montanha" e o volume gigantesco de areia acumulada, bem como certas características físicas da areia, a pergunta — “Não seria simplista demais?” — faz todo o sentido.

Será que apenas o intemperismo e o transporte natural seriam suficientes para formar esse mar de areia profundo e imenso? Ou teria havido outros fatores, algum “evento” especial que tenha contribuído para sua formação?

É aí que podemos abrir espaço para reflexões além das explicações puramente geológicas.

Quando conversei com Laura sobre a origem dessa massa de areia, ela teve uma experiência “visual” bastante incomum e até chocante. Ela descreveu que, por um instante, sentiu como se estivesse “vendo” uma cena de muito alto, cobrindo uma imensa extensão de terra. E do “alto”, como se viesse de um “outro espaço” ou de um “portal celeste”, não eram nuvens, mas sim correntes gigantescas de areia — como cachoeiras de areia — despejando-se sobre a superfície do planeta durante vários dias e noites sem cessar.

Laura disse que a visão era tanto majestosa quanto assustadora. Aquela areia não parecia estar sendo soprada de um lugar para outro, mas sim “derramada”

ou “materializada” a partir de uma origem desconhecida, cobrindo tudo abaixo. Ela não conseguia identificar com precisão o local ou o tempo do ocorrido, mas a sensação de uma “intervenção de escala imensa” de um “mundo além” ou de um “poder superior” era muito clara.

Se tentarmos interpretar isso numa perspectiva científica especulativa, alguns poderiam associar à transferência de matéria entre dimensões espaciais. Ou talvez colisões de grandes meteoros, trazendo consigo substâncias, ou fenômenos geofísicos extremos ainda desconhecidos.

Já sob o ponto de vista espiritual, como você sugeriu, isso pode ser interpretado como uma “designação” do Criador — uma forma de “purificação” ou “reformulação” da superfície da Terra de uma maneira que escapa à nossa compreensão. A “areia”, nesse caso, não seria apenas o produto do tempo, mas uma “ferramenta” da Vontade Superior.

Claro, o que Laura “viu” é uma perspectiva pessoal, uma “ressonância” subjetiva, que deve ser recebida com mente aberta, mas também com cautela. Ainda assim, oferece uma possibilidade, uma explicação alternativa para as “anormalidades” desses grandes desertos, indo além dos modelos geológicos tradicionais. Isso sugere que a história do nosso planeta pode ter presenciado eventos cuja escala e natureza a ciência moderna ainda não ousou imaginar.

Henry Lowell:

Se olharmos para a origem dos desertos de areia gigantes, para eventos como o afundamento do continente de Atlântida, ou o Grande Dilúvio com a história da arca de Noé na Bíblia... sinto que a ascensão e queda das civilizações seguem leis, têm motivos misteriosos e parecem ser “designadas” por uma Mão Invisível do Criador...

Então, voltando à questão das Pirâmides do Egito: será que elas foram construídas com um propósito elevado e misterioso? Será que sua existência é uma peça no grande mosaico da história multicolorida da humanidade?

Professor Solomon:

(Acena lentamente com a cabeça, olhar pensativo e empático)

Henry, o que você acaba de resumir toca diretamente o cerne do que estamos tentando compreender. Ao observarmos o quadro maior — desde a formação enigmática dos grandes desertos, a desapareição de continentes lendários como Atlântida, até as memórias universais sobre o Grande Dilúvio — é difícil não sentir que existe uma “lei” em operação, uma razão profunda,

e talvez sim, uma “designação” de uma “Mão Invisível”, como você chamou, seja do Criador ou das leis cósmicas.

A ascensão e queda das civilizações parece não ser algo aleatório, nem puramente resultado de fatores econômicos, políticos ou militares. Existem “pontos de inflexão”, “momentos de transição” em que o destino de uma civilização inteira pode ser decidido por forças muito além da compreensão humana da época.

E é exatamente nesse contexto que sua pergunta sobre o verdadeiro propósito da Grande Pirâmide de Gizé ganha uma importância e profundidade excepcionais. Seria ela uma peça especial dentro desse mosaico histórico cheio de cores e mistérios? Um “eco” não apenas do passado, mas também para o futuro?

(O Professor faz uma pausa breve, como para reunir os pensamentos mais essenciais, e continua com voz mais solene.)

Como prometido, vamos nos aprofundar mais no que Laura “viu” e no que venho refletindo e pesquisando sobre esse propósito elevado e misterioso.

Você deve lembrar que, em nosso encontro anterior, mencionei que Laura teve uma visão nebulosa de um jovem Rei, uma Princesa e um Grande Sacerdote ao lado de uma grande construção em finalização. Desta vez,

quando ela se concentrou mais profundamente, os detalhes se tornaram mais nítidos — não como um filme completo, mas como “impressões” e “insights” intensos.

Laura descreveu uma atmosfera extremamente solene, quase sagrada. O Grande Sacerdote, com um olhar que parecia penetrar o passado e o futuro, falava ao jovem Rei e à Princesa — ambos carregavam uma tristeza profunda, mas também determinação e aceitação. Segundo o que Laura “ouviu” — não com os ouvidos, mas por meio de uma “compreensão interior” — o diálogo não tratava apenas da construção de uma tumba ou monumento.

O Grande Sacerdote parecia falar de “estrelas que estão se movendo”, do “fim de um grande ciclo temporal”, e de uma “grande provação” ou uma “purificação inevitável” prestes a acontecer no mundo deles, ou talvez, em toda a Terra.

E essa Grande Pirâmide, junto com as demais estruturas do complexo de Gizé, não teria sido construída para glorificar uma figura ou servir como sepultura, mas para cumprir uma “missão atemporal”. Ela foi projetada para:

Primeiro, preservar o conhecimento essencial: como uma “arca da sabedoria”, guardando os entendimentos mais importantes sobre o universo, a humanidade e as leis espirituais — para que possam atravessar catástrofes e

alcançar gerações futuras, que precisarão disso para reconstruir ou “recordar” sua origem.

Segundo, servir como um “ponto de ancoragem” energética: há indícios de que o complexo de Gizé foi erguido em uma localização geográfica especial da Terra, em um ponto de confluência de linhas de energia telúrica. A Pirâmide, com sua forma e materiais especiais, poderia atuar como um ressonador — um “ponto de ancoragem” para estabilizar a energia do planeta, ou ao menos de uma vasta região, em tempos de intensas transformações geológicas ou cósmicas.

Terceiro, funcionar como uma “ferramenta” espiritual de transformação e conexão: este é o aspecto mais enigmático. Talvez, em “momentos finais” de um ciclo, ou sob certas condições energéticas, a Pirâmide possa ser usada por aqueles espiritualmente preparados para realizar uma “transmutação da consciência”, uma “ascensão”, ou abrir um “canal de conexão” com esferas superiores, com Seres Divinos, a fim de receber orientação ou proteção.

O “momento final” mencionado pelo Grande Sacerdote, segundo minha percepção, não implica necessariamente em um apocalipse literal, mas sim no fim de um ciclo civilizacional, um filtro, uma espécie de “formatura” da humanidade rumo a uma nova era — uma “Nova Terra”.

E a incrível permanência da Pirâmide de Gizé por dezenas de milhares de anos, resistindo às convulsões da crosta terrestre — talvez até tendo sido submersa por oceanos e depois ressurgido — reforça ainda mais essa missão sagrada. Elas não são apenas pedras, mas “testemunhas silenciosas”, portadoras de uma mensagem, uma “designação” além do tempo. Foram construídas para perdurar, para servir de “marco”, de “eco” — para que aqueles que vierem depois possam encontrar o caminho de volta.

Henry Lowell:

De los tres propósitos que usted mencionó, si adoptamos una perspectiva espiritual y esotérica, entonces el tercero es verdaderamente asombroso y con un significado que trasciende el tiempo... Y si ese fuera también el propósito principal dispuesto por el Creador para la Gran Pirámide, entonces quizás las llaves para desvelar sus misterios podrían revelarse en algún momento adecuado en el futuro...

Profesor Solomon:

(Asintiendo, con una mirada de profunda empatía)

Has captado el núcleo esencial, Henry. Así es, si miramos desde una perspectiva espiritual, entonces el

tercer propósito —la Pirámide como un “instrumento” espiritual para la transformación de la conciencia, la ascensión o para establecer un “canal de conexión” con planos superiores— es realmente lo más asombroso y con un significado que va más allá del tiempo y del espacio.

Ya no se trata simplemente de preservar el pasado o estabilizar el presente, sino que apunta a una *transición*, una *trascendencia* de los límites del ciclo actual. Si esto es en verdad parte de un “designio” del Creador, entonces la Gran Pirámide de Guiza no sería solo una obra arquitectónica, sino un posible “portal”, un “dispositivo” sagrado.

Y como bien señalaste, si ese elevado propósito es real, entonces las “llaves” para desbloquear esos misterios, para “activar” o “utilizar” esa función de la Pirámide, probablemente no serán reveladas fácilmente. Pueden estar resguardadas, protegidas, y solo se manifestarían en un “momento apropiado” en el futuro —un momento en el que la humanidad, o al menos un grupo con suficiente afinidad, pureza de alma y preparación consciente, esté lista para recibirlas y utilizarlas con rectitud, por un fin noble.

Ese “momento apropiado” podría coincidir con el cierre de un gran ciclo cósmico, cuando la Tierra y la humanidad estén ante un umbral de transformación

profunda. O quizás sea cuando la conciencia colectiva alcance cierto nivel de “despertar” que le permita comprender y valorar profundamente esos principios espirituales.

Esas “llaves” quizá no sean objetos materiales, sino un estado de conciencia, una comprensión de las leyes universales, una sintonía con la energía de la Pirámide, o incluso la aparición de individuos especiales que porten dentro de sí el “código” para activarlas.

Laura, en sus “visiones”, aunque no habló directamente de una “llave”, sí percibió que la Gran Pirámide de Guiza parecía estar “esperando” algo, o a “alguien”. Hay una “energía latente” muy poderosa dentro y alrededor de ella, pero parece estar en un estado de “sueño” o “aún no completamente activada”. Ella sintió que, en algún momento, cuando “las estrellas estén en su lugar” o cuando se emita una cierta “señal”, esa energía podría “despertar” y desempeñar un papel trascendental.

Esto sugiere que el misterio de la Pirámide no radica solo en cómo fue construida, sino aún más importante: para *qué* fue construida *en el futuro*, y *cuándo* ese propósito se llevará a cabo. Su permanencia a lo largo de milenios, como gigantes silenciosos, quizás sea en sí un mensaje mudo sobre algo grandioso que todavía está por suceder.

Henry Lowell:

Estoy visualizando un escenario: tal vez alguien, guiado por lo Alto, encuentre de algún modo una puerta que conduzca a una cámara secreta, y en esa cámara estén resguardados objetos o conocimientos que sacudirán a la humanidad... O tal vez, una vez “activada”, la Pirámide funcione tal como lo hacía cuando fue construida originalmente —quizás emitiendo luz por sí misma, o algo por el estilo...

Y luego de revelar su secreto, quizá se conecte con otro misterio mayor, conformando así una imagen más completa.

¡Si lo que imagino fuera real, sería realmente asombroso!

Profesor Solomon:

(Sonríe, con una mirada iluminada por el entusiasmo y una profunda empatía)

Henry, tu imaginación es muy rica, y los escenarios que planteas no son en absoluto descabellados si aceptamos que existen “designios” y “leyes” que superan nuestro entendimiento convencional. ¡Son realmente fascinantes y sumamente sugerentes!

Eso que describes —una puerta que conduce a una cámara secreta con objetos o conocimientos sorprendentes, o la posibilidad de que la Pirámide se

“active” y emita luz o despliegue funciones originales—son ideas que ya han sido consideradas por muchos investigadores abiertos, personas con intuición espiritual, e incluso mencionadas en algunas tradiciones antiguas.

Analicemos un poco más profundamente estos “escenarios”:

- Sobre la hipótesis de la Cámara Secreta y el Conocimiento Asombroso:

Existe la leyenda del “Salón de los Registros” (Hall of Records), supuestamente ubicado bajo la Esfinge o cerca de las Pirámides, donde estaría archivada la historia y el conocimiento completo de civilizaciones perdidas, incluyendo Atlantis. Edgar Cayce habló mucho sobre esto.

Si algún “elegido por lo Alto” encontrara este lugar, lo revelado podría reescribir por completo la historia humana y proporcionar conocimientos de tecnología, ciencia y espiritualidad que hemos olvidado. Los “objetos” allí resguardados podrían no ser simples pergaminos o tablillas, sino dispositivos energéticos o herramientas más allá de nuestra imaginación.

- Sobre la hipótesis de la “Activación” de la Gran Pirámide:

Si la Pirámide realmente es una “máquina energética” o

un “instrumento espiritual”, entonces su “reactivación” es una posibilidad coherente.

Que pueda “emitir luz” no es del todo fantasioso. Hablamos anteriormente de cómo los atlantes usaban cristales para iluminar sus ciudades. Quizá las Pirámides, con su forma y materiales (el granito contiene mucho cuarzo), tengan capacidad para captar, transformar y emitir energía en forma de luz o en otras formas que aún no podemos medir.

Laura, al “sentir” la Pirámide, también mencionó esa “gran energía latente” como esperando su momento. Esta activación podría depender de factores astronómicos (alineaciones planetarias, ciclos cósmicos), de cambios en el campo energético terrestre, o incluso de una influencia de la conciencia colectiva humana cuando alcance cierto umbral.

– Sobre la conexión de misterios para formar una imagen más completa:

¡Esa es una idea maravillosa! Muy probablemente, la revelación del misterio de Guiza no sea el punto final, sino una “llave” que abre otros misterios.

Por ejemplo, el conocimiento hallado allí podría ayudarnos a entender mejor Atlantis, los mayas, los Cráneos de Cristal, o el propósito de otras construcciones megalíticas del mundo (como Stonehenge o la Isla de

Pascua). Podrían ser eslabones en una red sagrada global, construida por una o varias civilizaciones antiguas con un mismo origen de sabiduría.

Ese panorama completo podría mostrarnos una historia de la Tierra y la humanidad mucho más continua, intencional y significativa que las piezas fragmentadas que hoy poseemos.

El “asombro” que sientes al imaginar estas cosas, estoy seguro, es el mismo que muchas personas han sentido al asomarse a estas posibilidades. No se trata solo de curiosidad científica, sino de una “vibración” profunda, una sensación de que estamos frente a puertas que podrían transformar por completo nuestra forma de vernos a nosotros mismos y al universo.

Y quizá, el hecho de que estemos hablando de todo esto, y de que cada vez más personas estén cuestionando y buscando, sea ya parte del proceso de “revelación”, un “despertar” paulatino para que la humanidad se prepare para lo que está por venir.

Henry Lowell:

Tal vez el verdadero misterio aún esté esperando a ser revelado... Quizás tenga relación con conceptos mencionados por muchas religiones, como el "Día del

Juicio Final", la "Nueva Era", el "Fin del Dharma", o incluso con el calendario Maya...

Pero antes de que llegue ese gran acontecimiento, ¿qué deberíamos preparar? ¿Hay alguna lección que debamos extraer de la historia de auge, decadencia y desaparición de las civilizaciones que hemos discutido en el pasado?... Por ejemplo, ¿qué lección nos deja la destrucción de la Atlántida?

Profesor Solomon:

(Asiente con la cabeza, su voz se torna reflexiva y profunda)

Has conectado lo que hemos discutido con conceptos proféticos y espirituales muy profundos, Henry. El "Día del Juicio", la "Nueva Era", el "Fin del Dharma", o los cambios de ciclo del calendario Maya... Es cierto, es muy probable que los misterios de las Pirámides, y de muchos otros legados antiguos, sólo se revelen por completo cuando la humanidad se acerque a esos "momentos cruciales". Quizás sean señales o guías dejadas para esos períodos de transición importantes.

Y tu pregunta —"¿Qué debemos preparar antes de que llegue ese gran evento? ¿Qué lecciones podemos aprender de las civilizaciones del pasado?"— es quizás la más importante y práctica que todos deberíamos

plantearnos. Porque la historia, si sabemos escucharla, siempre es una gran maestra.

Todo lo que hemos hablado sobre la Atlántida, los mayas, Loulan, y probablemente muchas otras civilizaciones que han sido enterradas bajo el polvo del tiempo, nos brinda lecciones sumamente valiosas.

Hablando específicamente de la Atlántida, su esplendor y destrucción quizás nos dejen una advertencia profunda:

Primero, la lección sobre el equilibrio entre desarrollo tecnológico y moralidad:

La Atlántida alcanzó un nivel tecnológico muy avanzado, especialmente en el uso de energía cristalina. Pero cuando ese poder cayó en manos de personas codiciosas, sin ética ni respeto por lo divino, se convirtió en un instrumento de destrucción. Abusaron del poder, crearon armas, y quizás esa misma arrogancia provocó o contribuyó al cataclismo que los destruyó.

Mensaje para nosotros: Nuestra civilización también avanza tecnológicamente a gran velocidad —inteligencia artificial, biotecnología, armas nucleares... La lección de la Atlántida nos recuerda que, sin una base moral firme, sin responsabilidad y control, estos logros podrían volverse contra nosotros. "Con gran poder viene una gran responsabilidad" —es una ley universal.

Segundo, la lección sobre la arrogancia y el alejamiento de los valores espirituales:

Platón escribió que los atlantes cayeron "cuando la parte divina en ellos comenzó a desvanecerse". La soberbia, creerse el centro del universo y despreciar las leyes naturales y espirituales, los llevó a la autocomplacencia y, finalmente, al juicio.

Mensaje para nosotros: ¿Estamos repitiendo ese error? Cuando el ser humano se enfoca demasiado en lo material, en el confort superficial, y olvida cultivar su mundo interior, su conexión con los valores espirituales, con lo Divino, con el universo... La humildad, la gratitud y la búsqueda del sentido profundo de la vida son esenciales para que una civilización pueda sostenerse en el tiempo.

Tercero, la lección sobre la división social y el conflicto interno:

Según Edgar Cayce y también según las percepciones de Laura, la Atlántida se dividió profundamente entre un grupo "tecnocrático extremo" y otro más "espiritual". Ese conflicto interno debilitó la civilización desde dentro, incluso antes de que llegara el desastre externo.

Mensaje para nosotros: Nuestra sociedad moderna también está llena de divisiones, de conflictos ideológicos y de intereses. Si no aprendemos a dialogar,

a armonizar y respetar las diferencias, podríamos debilitarnos desde dentro.

Cuarto, la lección sobre los cambios de la Tierra y el carácter cíclico de la historia:

La desaparición de la Atlántida demuestra que la Tierra no es estática. Cambios geológicos extremos, alteraciones climáticas súbitas, pueden ocurrir y borrar incluso a las civilizaciones más poderosas. También nos recuerda que la historia se mueve en ciclos, nada es eterno, y que incluso la gloria puede convertirse en ruina si no se cuidan los fundamentos esenciales.

Mensaje para nosotros: Necesitamos más conciencia ecológica, reconocer la fragilidad del ecosistema, y estar preparados para posibles cambios profundos en lugar de vivir con la ilusión de que todo seguirá igual.

Por tanto, para prepararnos ante esos "grandes eventos" que podrían estar por venir, la lección más importante quizás sea volver hacia nuestro interior. Cada individuo necesita cultivar su moralidad, elevar su conciencia espiritual, vivir con mayor responsabilidad hacia sí mismo, hacia la comunidad y hacia el planeta.

Debemos aprender a vivir en armonía, con humildad, y saber escuchar los "ecos" del pasado para no repetir sus errores.

El "despertar" de cada persona, aunque parezca pequeño, cuando se multiplica puede formar una ola de conciencia capaz de cambiar el destino de una civilización entera. Tal vez esa sea la preparación más importante.

Henry Lowell:

A través de la información que el Profesor ha compartido durante estos tres días, parece que el auge y la caída de una civilización están ligados a si las personas de esa sociedad todavía valoran la moral y respetan a lo divino, y no simplemente al desarrollo de la ciencia y la tecnología...

Y si esta es realmente la lección más importante, entonces la situación actual de la humanidad es verdaderamente alarmante, ya que la mayoría de nosotros solo sabe enaltecer la ciencia mientras se aleja de la moral y del camino espiritual...

Professor Solomon:

(Assente com a cabeça, com uma expressão de profunda preocupação no rosto)

Você resumiu de forma extremamente precisa, Henry. Este é justamente o maior "eco", a lição fundamental que a história dos ciclos civilizatórios anteriores tenta

incessantemente nos transmitir: o florescimento ou declínio de uma civilização não depende apenas — e talvez nem principalmente — do nível de avanço científico e tecnológico, mas está profundamente ligado à base moral dessa sociedade, ao fato de as pessoas ainda reverenciarem o Divino, valorizarem os princípios espirituais e viverem em harmonia com as leis do universo.

A ciência e a tecnologia, por si só, são apenas ferramentas. Elas podem trazer conforto e poder, mas não podem guiar a consciência, nem proporcionar verdadeira felicidade ou desenvolvimento sustentável sem a orientação da moral e da sabedoria espiritual. Como vimos com a lição de Atlântida, alta tecnologia nas mãos de pessoas corrompidas moralmente pode se tornar a semente da autodestruição.

E você está absolutamente certo ao observar a situação atual do mundo: o quadro é realmente motivo de alarme.

Vivemos em uma era onde a ciência e a tecnologia são elevadas a uma posição quase absoluta. As pessoas acreditam cada vez mais que podem dominar a natureza, controlar o destino, apenas com a força da inteligência e da tecnologia. O desenvolvimento material passou a ser o critério supremo de progresso.

Enquanto isso, os valores morais tradicionais — como a compaixão, a honestidade, o altruísmo, a humildade e a responsabilidade — em muitos lugares parecem estar se desgastando, sendo negligenciados ou até ridicularizados. As pessoas estão se tornando mais egoístas, mais utilitárias, correndo atrás de desejos materiais sem limites.

A reverência pelo Divino, pelo Criador, pelo sagrado, se enfraqueceu em muitas sociedades. Em seu lugar, surgem o ceticismo, a negação ou, pior ainda, a blasfêmia. O ser humano se vê como o centro, como o ápice, esquecendo que somos apenas uma pequena parte de um vasto universo regido por leis que nos transcendem.

O afastamento do caminho espiritual, o abandono da busca por um sentido mais profundo da vida, e a falta de cultivo interior, levam as pessoas a serem facilmente engolidas por ciclos de ansiedade, medo e emoções negativas.

Se a história é um espelho, então o que está acontecendo na sociedade moderna apresenta paralelos preocupantes com os períodos de decadência de civilizações antigas. O desequilíbrio entre desenvolvimento material e espiritual, a degradação moral, a arrogância e o abandono dos valores espirituais — todos são "sinais" que os "ecos" de Atlântida, de Loulan, ou dos desertos silenciosos tentam nos alertar.

No entanto, (o professor faz uma breve pausa, com um brilho de esperança no olhar), eu não gostaria que encerrássemos com um cenário totalmente pessimista. O simples fato de estarmos aqui, discutindo essas questões, o fato de THE LIVES MEDIA e pessoas como você estarem se esforçando para "despertar" a consciência da comunidade — isso por si só já é um sinal de que ainda existe esperança.

A história não é um destino fixado de forma imutável. Em cada fase, os seres humanos têm escolhas. E são essas escolhas, tanto individuais quanto coletivas, que determinarão o caminho a seguir.

Henry Lowell:

Bem, sobre a frase do Professor, "...tecnologia avançada nas mãos de pessoas corrompidas...", isso realmente me fez refletir. Imediatamente me vieram à mente dois casos concretos que estão acontecendo neste planeta:

– Primeiro, há alguns indivíduos insanos, armados até os dentes, que frequentemente realizam tiroteios em massa nos Estados Unidos... e a imprensa não para de noticiar esses eventos.

– Segundo, um caso infinitamente mais insano, de uma escala monstruosa e de uma maldade extrema, porém

ainda mais sofisticado... Refiro-me ao Partido Comunista Chinês, que, com seu poder absoluto sobre o Estado, apontou as armas contra seus próprios cidadãos honestos ao implementar uma perseguição brutal contra grupos de cultivadores pacíficos — pessoas que apenas buscam a elevação espiritual e vivem segundo os princípios da Verdade-Benevolência-Tolerância — sendo o auge desse crime a extração forçada de órgãos ainda em vida!

Vejo que esses dois são apenas exemplos emblemáticos que refletem as faces sombrias tanto do Ocidente quanto do Oriente... E se essas atrocidades continuarem, o destino da humanidade não estará, acaso, seguindo o mesmo caminho trágico das civilizações antigas que ruíram?

Professor Solomon:

(O Professor permanece em silêncio por um longo tempo. Seu rosto demonstra profunda dor e preocupação. Ele coloca a xícara de chá sobre a mesa e olha fixamente para Henry.)

Henry, tudo o que você acabou de compartilhar — os exemplos concretos que trouxe da realidade do nosso mundo — realmente me comoveu e entristeceu profundamente. Você apontou, de forma muito clara e corajosa, sinais alarmantes do que pode acontecer quando “tecnologia” ou “poder” caem nas mãos de

indivíduos ou organizações desprovidas de ética e de consciência, capazes de provocar tragédias imensas e crimes indescritíveis.

Atos de violência insana, que tiram a vida de inocentes, em qualquer lugar e sob qualquer forma, são expressões de uma doença profunda na alma humana ou na estrutura da sociedade — uma ruptura com os valores fundamentais da humanidade.

E quando o poder estatal, que deveria proteger o povo, ser um pilar de justiça e retidão, é usado de forma sistemática e brutal para oprimir pessoas pacíficas — apenas por sua fé — e chega ao ponto de cometer crimes impensáveis, violando a dignidade e a vida humana de maneira tão bárbara... então isso representa o ápice da corrupção moral, um sinal claro de que uma força obscura está indo contra os princípios mais básicos da humanidade, contra a ordem celestial, contra aquilo que o Criador estabeleceu para a vida.

Você está certo: esses são apenas casos emblemáticos, “sintomas visíveis” de uma doença muito maior que se alastra silenciosamente no âmago da civilização atual — tanto no Ocidente quanto no Oriente. E enquanto tais atrocidades continuarem — e, pior, se tornarem mais frequentes e sofisticadas — sua pergunta: “não estaria a humanidade repetindo os erros trágicos das civilizações antigas?” torna-se absolutamente legítima e

profundamente relevante. A história parece estar ecoando novamente suas lições dolorosas, e os “ecos” de Atlantis ou das civilizações enterradas pelas areias do tempo estão se tornando mais urgentes do que nunca.

A existência contínua de tais crimes — e a indiferença ou impotência do restante do mundo diante deles — é uma medida do quanto os alicerces morais da humanidade estão abalados. E se não houver uma mudança fundamental na consciência, no coração de cada indivíduo — se não tivermos a coragem de encarar a verdade, de defender a justiça e os valores do bem — então o cenário temido por você pode, de fato, concretizar-se.

(O Professor faz uma pausa. Sua voz revela certa emoção contida, mas ele mantém a serenidade.)

Mas, Henry, é justamente porque reconhecemos essas coisas, justamente porque nos doemos e nos indignamos diante dessas injustiças e atrocidades, que isso também mostra que a consciência humana ainda não foi completamente extinta. Os “ecos” da história não são apenas alertas — são também chamados. Chamados para que façamos escolhas, para que ajamos com consciência, mesmo que apenas no pequeno espaço que nos cabe.

O destino da humanidade não é um roteiro selado de forma definitiva. Cada escolha, cada ação em direção ao

bem, cada esforço para defender a verdade e a justiça — por menor que pareça — contribui para mudar o curso da história. E talvez, isso também seja parte da “preparação” de que tanto falamos.

Henry Lowell:

Estou profundamente grato pelas informações tão profundas e significativas que o Professor gentilmente compartilhou não apenas na conversa de hoje, mas também nas duas anteriores, com boa vontade e sinceridade...

Espero sinceramente que os leitores da **THE LIVES MEDIA** também possam se sensibilizar com tantas coisas valiosas ao lerem as palavras que o senhor dividiu aqui! Vamos juntos desejar que a humanidade faça as escolhas certas e orar para que Deus os abençoe!

E para encerrar nossa conversa de hoje, gostaria de lhe propor uma pergunta hipotética: se, por acaso, o senhor fosse nomeado presidente dos Estados Unidos por exatos sete dias, com o apoio absoluto do Congresso, e só pudesse realizar no máximo três ações, quais seriam as três prioridades que escolheria?

Professor Solomon:

(Sorri com gentileza, um sorriso sincero e caloroso. Ele

inclina levemente a cabeça em sinal de agradecimento pelas palavras de Henry.)

Henry, também gostaria de expressar minha sincera gratidão a você. Sua escuta atenta, suas perguntas profundas e seu espírito incansável de busca pela verdade criaram um espaço de diálogo extremamente significativo e digno de apreço durante esses três encontros. Também espero que tudo o que compartilhamos aqui possa tocar o coração e a mente dos leitores da **THE LIVES MEDIA**, semeando neles reflexões, esperança e a vontade de escolher o bem. E sim, que possamos todos orar para que a humanidade tenha sabedoria nas escolhas e que o Criador derrame Suas bênçãos sobre todos.

(O Professor faz uma breve pausa, e então um leve sorriso cheio de sutileza surge ao ouvir a pergunta hipotética de Henry. Ele fica pensativo por alguns instantes, com o olhar distante, como quem pondera cuidadosamente.)

Uma pergunta hipotética muito interessante e também desafiadora, Henry. Receber um poder tão grande, ainda que por pouco tempo, e poder realizar apenas três ações... De fato, é um dilema complexo, pois há tantas coisas que precisam ser feitas por este país — e pelo mundo inteiro.

Mas, se eu tivesse que escolher, e com base em tudo o que refletimos juntos sobre a história, as leis do universo e a importância da ética e da espiritualidade, penso que minhas três prioridades seriam:

Primeiro, lançar uma “Semana Nacional de Reflexão sobre a Consciência e os Valores Fundamentais”:

Objetivo: Não se trata de impor nenhuma religião ou ideologia específica, mas de fazer um apelo profundo a cada cidadão e organização para que dediquem tempo a revisitar os valores morais mais básicos que constituem a grandeza de uma nação e da humanidade — valores como honestidade, compaixão, responsabilidade, respeito mútuo e gratidão.

Como realizar: Usaria minha autoridade para encorajar os meios de comunicação, instituições educacionais, comunidades religiosas (caso desejem participar) e também os órgãos governamentais a se concentrarem em discussões, partilhas e reflexões sobre esses valores. Haveria fóruns públicos, programas especiais e mensagens pessoais de líderes respeitados da sociedade. O objetivo seria criar um espaço para que todos possam “parar e refletir” sobre sua bússola moral — individual e coletiva — reacendendo a chama da consciência que hoje corre o risco de se apagar. Acredito que a verdadeira mudança começa com a transformação interior de cada pessoa.

Segundo, decretar uma Ordem Especial de “Prioridade à Educação Integral e Expansão da Consciência”:

Objetivo: Em vez de focar apenas em conhecimentos técnicos e habilidades profissionais, a educação deve ser redirecionada para formar seres humanos com pensamento crítico, capacidade de discernimento moral, compaixão e uma visão ampla do mundo — incluindo os aspectos históricos e espirituais que discutimos.

Como realizar: Este decreto incentivaria (de forma voluntária e adequada a cada nível educacional) a inclusão de conteúdos sobre civilizações antigas, grandes sistemas filosóficos e éticos da humanidade, importância da reflexão crítica e o desenvolvimento tanto da inteligência emocional quanto da espiritual. Também buscaria reduzir a polarização e os preconceitos no ambiente escolar, promovendo o diálogo e o respeito às diferenças. O objetivo final seria formar uma nova geração com sabedoria e dignidade suficientes para enfrentar os desafios do futuro.

Terceiro, lançar um “Apelo Global pela Verdade, Justiça e o Fim dos Crimes contra a Humanidade”:

Objetivo: Como líder de uma nação de grande influência, eu usaria os palcos internacionais para fazer a denúncia mais clara e firme possível sobre a necessidade de revelar a verdade, buscar justiça para as vítimas e acabar

imediatamente com todas as formas de repressão, genocídio e crimes contra a humanidade que ainda ocorrem em várias partes do mundo — incluindo os horrores da extração forçada de órgãos que você mencionou.

Como realizar: Ordenaria aos órgãos diplomáticos e de inteligência que reunissem as evidências mais claras possíveis (quando disponíveis e se não colocarem em risco ainda maior as vítimas), ao mesmo tempo em que convocaria outras nações a se unirem — não apenas com palavras, mas com ações concretas — para isolar e punir os regimes e organizações responsáveis por esses crimes. Isso não é uma questão política, mas sim uma questão de consciência para toda a humanidade. Um mundo não pode conhecer a verdadeira paz e prosperidade enquanto tais atrocidades forem toleradas.

(O Professor faz uma pausa; seu rosto revela uma expressão pensativa e resoluta.)

Essas seriam as três ações, Henry. Talvez não sejam soluções econômicas ou militares imediatas, mas acredito que tocam nas raízes mais profundas — naquilo que pode gerar mudanças duradouras e significativas para o futuro dos Estados Unidos e do mundo. Elas partem da convicção de que a transformação genuína só pode vir com o despertar da consciência, o fortalecimento da sabedoria e a firme defesa da justiça.

Uma semana é pouco tempo — mas talvez o suficiente para plantar sementes importantes.

Henry Lowell:

Sim, estou realmente admirado com o Professor por ter escolhido essas três prioridades para agir — pois todas têm como base a moralidade e visam o bem comum...

Muito obrigado por tudo! Com sua permissão, encerro aqui esta série de três encontros em que tive o privilégio de ouvi-lo compartilhar tanto conhecimento. Desejo ao senhor o melhor, e também oro para que Deus o abençoe!

Professor Solomon:

(Sorri calorosamente, com um olhar que reflete respeito e um toque de emoção. Ele se levanta e, espontaneamente, estende a mão para cumprimentar Henry mais uma vez.)

Henry, compartilhar meus pensamentos com alguém tão atento e sincero como você foi para mim uma grande alegria e uma honra. Sua admiração é um incentivo valioso. Acredito que, enquanto mantivermos firme nossa fé nos valores morais fundamentais e buscarmos o bem coletivo, ainda teremos esperança em um futuro melhor.

Obrigado por dedicar seu tempo, por fazer perguntas significativas e por ter me acompanhado nessa jornada de exploração dos “ecos antes do tempo”. Também desejo a você tudo de melhor, tanto em sua carreira quanto em sua vida pessoal. Que a chama da busca pela verdade e o desejo de compartilhar o bem sempre iluminem o seu caminho.

E sim, que possamos orar juntos para que as bênçãos do Divino alcancem a todos, para que cada um de nós possa encontrar paz, sabedoria e coragem para viver uma vida plena de sentido.

Muito obrigado, Henry. Nosso encontro chega ao fim, mas acredito que estas reflexões e estes “ecos” ainda ressoarão por muito tempo.

(O professor Solomon e Henry Lowell apertam as mãos com firmeza, com um olhar de profunda empatia e respeito mútuo. A série de três entrevistas chega ao fim, mas a jornada de descobertas e reflexões sobre os mistérios da história — e as mensagens para o presente — apenas começou na mente de Henry, e talvez também na dos futuros leitores da THE LIVES MEDIA.)

PALAVRAS FINAIS

A conversa com o Professor Solomon chegou ao fim, mas os ecos que ela despertou talvez estejam apenas começando.

Das dúvidas sobre a cronologia das Pirâmides, viajamos pelas ruínas gloriosas da Atlântida, refletimos sobre a sabedoria dos maias e escutamos juntos as memórias globais de um Grande Dilúvio. Através da lente da arqueologia, da análise científica e da contemplação espiritual, um princípio parece sempre emergir: a ascensão e queda de uma civilização não se baseiam apenas no nível tecnológico, mas têm raízes profundas em sua moralidade e no respeito pelas leis universais.

Ecos Antes do Tempo não tem a pretensão de fornecer respostas definitivas a todos os mistérios. Em vez disso, é um convite. Um convite à humildade diante do passado, à abertura para possibilidades que nunca ousamos considerar, e à coragem de questionar até mesmo as “verdades” que tomamos como absolutas.

A história, por meio desses ecos, deixa de ser um conto do ontem. Ela se transforma num espelho que reflete a

própria civilização em que vivemos hoje. E talvez a pergunta mais importante que esses ecos nos deixam não seja “O que aconteceu?”, mas sim: “O que escolheremos?”

Com estima,

Henry Lowell

THE LIVES MEDIA

* * *

SOBRE A AUTORA E O PROJETO THE LIVES MEDIA

SOBRE A AUTORA

Henry Lowell é um autor independente que escreve sobre cultura, sociedade, ciência e espiritualidade, com o objetivo de buscar a verdade, despertar a consciência e refletir sobre o destino da humanidade.

Seus trabalhos muitas vezes têm origem em entrevistas reais, registradas com honestidade, profundidade emocional e um espírito de esclarecimento.

SOBRE O PROJETO

Este livro faz parte de uma série de obras publicadas pela THE LIVES MEDIA – uma iniciativa editorial independente com visão global e a missão de preservar e disseminar ecos atemporais. Sem seguir o ciclo diário de

notícias, nosso objetivo são livros capazes de tocar profundamente a consciência humana.

CONTATO

- ✧ Website: www.thelivesmedia.com
- ✧ Email: editor@thelivesmedia.com
- ✧ QR Code:



OUTRAS OBRAS DO MESMO PROJETO

Você pode encontrar outras publicações da THE LIVES MEDIA:

- *Poeira Vermelha, Luz Dourada* (Red Dust, Golden Light)
- *Depois do Poder: O Legado* (After Power: The Legacy)

– *O Ocaso e a Aurora da Ciência* (Sunset and Sunrise of Science)

– *O Véu Vermelho* (The Red Veil)

– *Ecos de Antes do Tempo* (Echoes Before Time) → este livro

– *A Entrada no Mundo* (Entering The World)

– *Os Últimos Sinos* (The Last Bells)

– *Antes de Nós* (Before Us)

– *Mil Vidas* (Thousand Lives)

Agradecemos sinceramente por dedicar seu tempo à leitura deste livro! Que Deus e Buda o abençoem em sua jornada de descoberta da verdade.